

# Constelações

Bartolomeu E. P. de Gusmão

Orientado pela Pintora Marta Soares

Componente escrita da Tese para a obtenção do grau de Mestre em Artes Plásticas, pela Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha. 2016/2017



Este documento é um complemento aos trabalhos artísticos realizados ao longo do Mestrado em Artes Plásticas. Tem como objetivo registrar aquilo que possibilitou e acompanhou o seu surgimento e como tal é inseparável dos mesmos. O lugar a partir do qual nos podemos relacionar e ir ao encontro do que foi feito ficou aqui sob o nome de Constelações. É esse lugar que, através de ângulos diferentes, se vai procurar mostrar. O corpo principal desta componente escrita é um Diário, para que o olhar face ao trabalho apareça com a mesma naturalidade com que se olham os dias.

## Índice:

Agradecimentos	5
Prólogo	6
<b>1. As constelações</b>	8 - 14
1.1 O plano e a mesa do escrivão	10 - 11
1.2 O plano como lugar de tensões e lugar da escuta	11- 12
1.3 O plano por onde se escavam as memórias ou o palco da representação	12 - 14
1.4 Hetrotopias	15 - 17
Nota prévia ao diário	18
<b>2. Diário</b>	20 - 53
Reflexão	54
Anexo	56 - 81
Bibliografia	82
Índice de imagens	84

## Obrigado,

Marta Soares, por toda a ajuda e entusiasmo que foram fundamentais para a existência de um documento desta natureza. Pela disponibilidade e troca de ideias que fizeram desta orientação algo de especial.

João Gabriel, pela contínua ajuda, paciência e troca de ideias.

Fernando Poeiras, pelas sugestões.

Emídio Ferreira, pelas conversas e partilha de bibliografia

A todos os que aparecem no corpo do Diário e que ficaram anónimos mas que se mostraram fundamentais. O corpo do diário testemunha essa importância e na introdução explico que a abertura de uma obra depende do contacto com olhares divergentes que enriquecem a vida e a arte.

## Prólogo

A componente escrita desta tese é um olhar sobre os trabalhos artísticos realizados no Mestrado, o Diário é o seu capítulo mais extenso. Começou por ser um exercício pessoal sem ligação à escola e acabou por ser o documento principal que aqui apresento face ao desafio referido.

Durante esse período trabalhava no atelier e à noite, normalmente sem muita elaboração, escrevia sobre o dia, tal e qual como tinha acontecido. A certa altura, quando percebi que o Diário seria incluído na dissertação, senti necessidade de incluir, dentro da Introdução, textos explicativos onde me propunha a pensar de forma mais aprofundada assuntos que surgiam espontâneamente no mesmo; aquilo que se repete nos dias e que justifica ser elaborado ou que se constitui como um assunto de interesse para maior reflexão.

Desta forma, sem que o tivesse previsto, tinha encontrado um método de olhar para o trabalho. Restava ler os dias, por vezes saltar as partes sem interesse teórico e sublinhar aquilo que se impunha como assunto a explorar.

Sem este artifício creio que não teria sido possível ir ao encontro de preocupações genuínas que surgem no decorrer dos dias e que se escondem com a frontalidade de uma abordagem teórica.

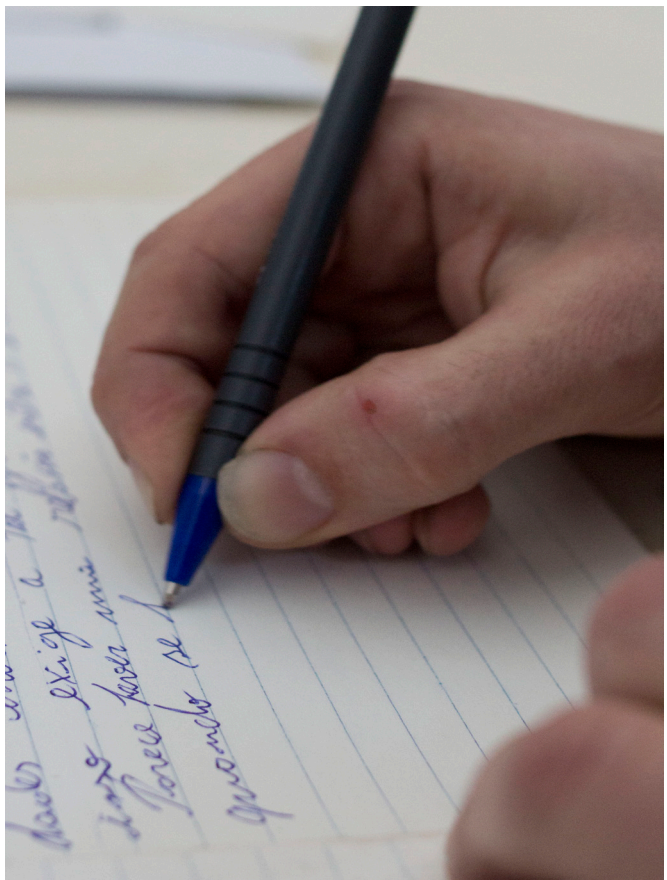


figura 1 - fotografia no atelier. © Pedro Cá, 2016

## As constelações

“As ideias estão para as coisas assim como as constelações estão para as estrelas”<sup>1</sup>

Na procura de uma forma para pensar o meu trabalho artístico surgiu a palavra *constelação*. No Léxico de língua Portuguesa encontrei 5 definições:

- “1- Grupo de estrelas que formam diferentes figuras nos mapas celestes.
- 2- Os astros considerados na sua suposta influencia sobre os destinos do homem.
- 3- Grupo de objetos espalhados sobre um pequeno espaço.
- 4- Conjunto de ornatos ou outros objectos brilhantes
- 5- Grupo de pessoas ilustres em qualquer assunto.”<sup>2</sup>

Encontrei ainda: “Um grupo ou configuração de ideias, sentimentos, características, objetos, etc.; que estão relacionados de alguma forma”<sup>3</sup>

Todas estas definições pressupõem uma disposição de um conjunto de elementos no espaço. Este conjunto, as suas relações e disposições pressupõem um tipo de apresentação, a partir de relações dos elementos entre si, que está patente em vários aspetos do meu trabalho.

Nesta dissertação, o grupo principal ou as *estrelas*, para manter o primeiro sentido da definição, são os trabalhos desenvolvidos em atelier. Mas a *constelação* está presente em muitas outras instancias destes trabalhos. Por exemplo a composição inerente a cada um traz novamente ao de cima a imagem da *constelação*. Por isso temos já dois tipos específicos: A *constelação* que é a composição inerente a cada trabalho e o conjunto dos trabalhos entre si. Podia falar também da *constelação* de referências e de encontros, embates dentro e fora da esfera das artes plásticas, mas isso é o que o capítulo do Diário testemunha.

---

1 “ideas are to things as constellations are to stars”. Benjamin, W. e Osborne, J., & Steiner, G. 1998. The Origin of German Tragic Drama.

2 Machado, J. P. Grande dicionário da língua portuguesa. Publicações Alfa. 1991

3 “a group or configuration of ideas, feelings, characteristics, objects, etc., that are related in some way”  
Dictionary.com

## I

Nos meus trabalhos sempre estive presente, ainda que ao início de forma pouco consciente, a sobreposição de figuras e de representações distintas. Por exemplo: ao conjugar a linha do lápis de carvão com a linha feita pela tinta de óleo, saída diretamente do tubo, surgia um espaço com uma natureza ambígua pela divergência entre médiuns associados a diferentes tipos de representação. Mais recentemente comecei a trabalhar com colagens e outras sobreposições, onde a ideia de *constelação* está mais presente. Nestes trabalhos, dos quais falo a meio do Diário, existe uma grande atenção à disposição de elementos na superfície<sup>4</sup>.

Estes trabalhos defendem que não pode haver uma imagem fixa de alguém ou de alguma coisa, mas sim uma paisagem em permanente construção desse alguém ou dessa coisa; essa paisagem em permanente devir é feita do confronto de elementos heteróclitos.

As estrelas, aqui, são as representações que pairam sobre a folha e o seu jogo de forças é o que vai ditar a intensidade própria do trabalho.

## II

Inicialmente executava trabalhos de pequena escala, muito diversos tanto nos meios como nos procedimentos técnicos. Por isso, quando os apresentava na parede, essa escala e diversidade justificavam uma disposição não linear. Os trabalhos mais recentes que ando a fazer, por terem uma maior escala e por se constituírem como série, já não justificam relações espaciais não lineares no espaço

expositivo. Contudo continuam a funcionar em *constelação* por que ganham com a presença uns

---

<sup>4</sup> Vou explicar como é que a disposição desses elementos acontece: Começo com uma ideia muito vaga do que quero fazer. Essa ideia parte, geralmente, de uma sensação ligada a algo que li num livro, vi num filme ou que simplesmente se afirmou por entre as experiências do dia a dia e que me inquietam de alguma maneira. Elementos como manchas de tinta, outras vezes linhas, monotípias etc.. Como se fosse a batalha entre essa imagem ainda vaga que quero actualizar e as ações concretas que vou fazendo na superfície da folha, até que uma coisa e outra deixam de combater para irem ao encontro uma da outra. Disto surge uma sensação nova mais concreta no sentido em que é algo que já não está só na minha imaginação, mas na superfície da folha.



Figura 2 - Thomas Ruff. - *Stern 17h 36m / -36°*, 1990, impressão Ektacolour  
Figura 3 - Thomas Ruff. - *Stern 02h 36m / -40°*, 1990, impressão Ektacolour

dos outros. Por constituírem uma série, as suas semelhanças, técnicas e formais, fazem evidenciar as diferenças e ressonâncias que eles têm entre si.

### **O plano e a mesa do escrivão**

Latente em muitos dos meus desenhos e pinturas está o desejo de reduzir ou condensar o mundo num plano. Essa redução dimensional, ainda que aparente, fascina-me. A linha como elemento capaz de dobrar um plano, de criar fendas, abrir ou fechar formas dentro dele, também é algo que me interessa. A linha, vista de perto, é uma mancha. Mas o que me intriga é a potência virtual da linha que, ainda que física, remete para a ausência de dimensão que culmina num ponto. No plano que procuro (nos meus trabalhos recentes), as linhas nunca fazem perspectiva, para que não haja uma ilusão de profundidade, de forma a que o plano se evidencie como tal. Reparo que, nos meus trabalhos, esse evidenciar do plano como superfície provoca um tipo de resultado visual que me interessa explorar (ainda não sei bem porquê, sei só que quero explorar esse caminho). É uma procura que surgiu de forma intuitiva e por isso não consigo ainda determinar as razões que não

as da necessidade artística. Talvez tenha que ver entre outras coisas com existir uma proximidade com um espaço que associa à literatura, mas normalmente só consigo perceber os porquês passado algum tempo. Recentemente voltei a ler o *Bartleby* de Melville<sup>5</sup>, que me fez pensar na mesa do escrivão. Esta leitura deu-me vontade de trabalhar porque já estava a pensar em trabalhos futuros enquanto lia. E a formulação do plano como aqui falei encaixava com as imagens que ia tendo com a leitura. Isto é importante para referir que existe uma dupla procura nestes trabalhos: A de perceber e testar as relações das formas sobre o plano e o de imaginar em função dessa formulação. Porque a procura do plano como lugar bidimensional é um desafio formal que levanta um imaginário. Neste caso era a mesa do escrivão, mas poderia ser também a mesa do leitor; do estratega; do arqueólogo... O importante é que seja um espaço fértil e real para ir ao encontro daquilo que o trabalho tem para me dar.

## **O plano como lugar de tensões e lugar da escuta**

A procura da disposição de elementos no plano, no meu trabalho, lembra mais um mapa que uma janela. No entanto, o espaço do plano a que me refiro é sempre aberto e por isso evito ao máximo que a *constelação* esteja assente em alguma estrutura com um sentido bem definido, como o mapeamento ou a topografia. Se por acaso vejo que uma lógica desse tipo está a dominar o trabalho, ou seja, se se parece demasiado com um mapa por exemplo, procuro fugir dela ou confundi-la com uma outra estrutura (por exemplo confundo-a com uma pauta ou um labirinto) ou apago-a simplesmente. É importante dizer isto para concluir que o plano que procuro é um lugar que existe como espaço indeterminado, de desequilíbrios espaciais e de sentido, a partir do qual o sentido deve ficar em aberto.

A composição a nível puramente formal deve estar feita de forma a provocar não uma imagem estável a nível do peso das formas e da composição, mas um *equilíbrio de desequilíbrios*, formas instáveis que se estabilizam umas às outras exibindo, com a harmonia possível, os seus jogos de forças. Existem outros jogos de forças que fazem parte do que chamei as tensões no plano: como a

---

5 Agamben, G., & Melville, H. *Bartleby Escrita da Potência seguido de. Bartleby, O Escrivão.*

relação entre o que quero representar e o que de facto represento; os materiais que uso e as figuras que aparecem com esses materiais; e por fim a necessidade de usar técnicas onde perco ou ganho o controlo do que quero fazer.

Como começo sem grandes certezas do que vou fazer, o início do processo é sempre um momento de grande imprevisibilidade. Posso começar com uma mancha, um pormenor realista, uma linha, uma colagem. O que interessa é que isso faça ligar a engrenagem para que possa ir ao encontro de um pensamento do fazer. Não um pensamento das palavras, nem um pensamento dos conceitos, mas um pensamento próprio da execução daquilo que o trabalho me pede. Esta imersão na resolução do trabalho é, para mim, como estar *à escuta*. A persistência nesse *escutar* é importantíssima porque é ela que vai ditar o sucesso ou insucesso do trabalho.

### **O plano por onde se escavam as memórias ou o palco da representação.**

“...e a minha consolação é que tudo aquilo que foi é eterno: o mar atira-o para a terra”<sup>6</sup>

Queria falar também sobre a relação que muitos dos meus desenhos têm com o tempo passado. Como foi já referido o plano é o lugar onde se reúnem e condensam elementos heteróclitos. Qualquer elemento é válido se fizer sentido na construção daquilo a que chamei *constelação*. Porém, o que procuro não é um simples lançar de elementos ao acaso sobre o plano. Existe, como expliquei anteriormente, uma sensação vaga a partir da qual começo a trabalhar. Esta sensação é muitas vezes escolhida porque representa um padrão entre os fenómenos do meu imaginário, dos meus devaneios, preocupações ou sonhos. Como trabalho sobretudo com elementos figurativos, ainda se torna mais presente a relação com este tempo porque as figuras representam algo que está na memória. Muitas vezes surgem nos desenhos elementos de tempos remotos, isso interessa-me porque sinto que estou a aproximar-me de um mistério, a tentar ir ao encontro de uma maneira de estar no mundo que se perdeu para sempre. Não vejo isto como um mero olhar para o passado porque tudo acontece no presente, como se fosse a construção de um mito alimentado por alguma

---

6 Nietzsche F. (1887/1888). Giorgio Colli (2011).

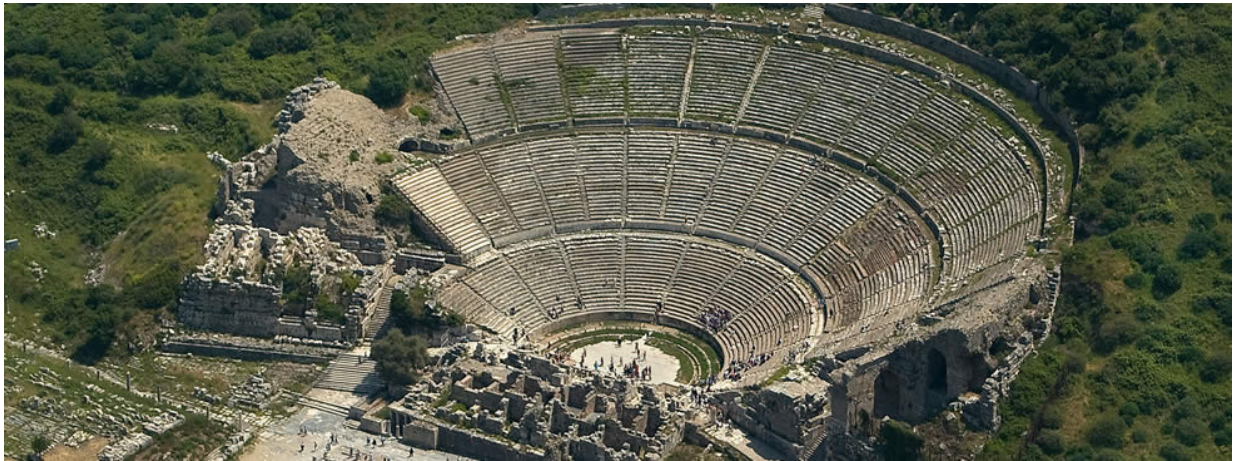


figura 4 - Teatro de Efeso, Turquia

figura retirada do passado que me atrai e impele a desdobra-la, a ver para onde vai. A memória neste contexto é um elemento muito poderoso para a imaginação e é ela que guia muitas vezes a minha mão a percorrer caminhos com um rigor que eu não sabia que tinha (as memórias mais remotas obrigam-me a fazer um grande esforço para completar aquilo de que não me recordo e o ato de desenhar é, para mim, dos métodos mais eficazes para realizar esta tarefa). Podia mesmo trabalhar anos a fio só com memórias de uns poucos dias. No entanto devo também referir que tudo desemboca no momento presente e que a qualidade de um trabalho reside na vitalidade dos gestos feitos no *aqui-e-agora*. Tal como relato no corpo do diário, a maior parte do meu processo é constituído por acidentes em cadeia e como tal, ainda que tenha sido uma determinada memória a iniciar o processo, resulta sempre uma coisa nova de uma série de decisões e de acasos no tempo presente. A natureza da relação com o passado, como explico num dos dias do diário (7.06), é de procura livre e não da recuperação<sup>7</sup>. Mesmo quando surgem nos desenhos elementos de um tempo histórico longínquo não existe um rigor científico que me faça pensar nestes trabalhos como uma investigação historicista face ao passado. Diria que é uma investigação não historicista no sentido que Giorgio Colli aponta em Nietzsche na escrita de Nascimento da Tragédia:

“aqueles eram modos ilícitos, contra a boa educação, de tratar da Antiguidade. A Antiguidade devia continuar a ser qualquer coisa de antiquado, de inofensivo, eventualmente edificante, ilustrativo, retórico ou dissecado. Como é que se podia permitir que ela se tornasse qualquer coisa de embaraçoso, de vivo, uma coisa que não se pode “historicizar”, isto é, esterilizar?”<sup>8</sup>

7 Huyssen, A. (2012).

8 Colli, G. (2011).

Não quero comparar o meu trabalho à grande obra que é o Nascimento da Tragédia, mas a proposta é a mesma, a de evocar o passado como um tempo vivo, não estéril e não saudosista. Aquilo que se repete ao longo do tempo e que faz com que tenhamos vontade de estar vivos: a dança; a música, a arte, o amor, o desejo; o espanto... Tudo aquilo que justifica a prova do *eterno retorno* que Nietzsche aponta como o desejo de querer voltar a viver a nossa vida eternamente. Talvez por isso surgem tantas formas circulares nos meus desenhos mais recentes: espirais; ralos; mós; hélices... Estas formas sempre diferentes são a configuração dessa força que Nietzsche aponta na frase inicial deste capítulo, a consolação dele é também a minha.<sup>9</sup>

Reparo, com este exemplo, que a visão mitológica do passado me interessa mais que a visão historicista. O mito é então a *palavra-chave* para procurar perceber o meu tipo de relação com o passado como lugar dinâmico e carregado de possibilidades, entendido como no livro de Victor Jabouille, *Do Mithos ao Mito*:

“O último aspeto a realçar na caracterização do mito é justamente o seu aspeto dinâmico, a possibilidade que tem de evoluir e de se enriquecer ou de empobrecer ou, inclusivamente, de morrer. É aquilo que Gilbert Durand chama a “pregnância simbólica”, (...). O mito está prenhe, isto é, tem em si a capacidade constante de dar à luz aspetos novos, de evoluir. E evolui fazendo nascer simbolicamente.”<sup>10</sup>

---

9 Nietzsche F. (1887/1888). Giorgio Colli (2011). “...e a minha consolação é que tudo aquilo que foi é eterno: o mar atira-o para a terra”

10 Jabouille, V. (1993).

## Heterotopias

Já referi que tendo a afastar-me de determinadas lógicas que encontro nos meus trabalhos se acho que elas podem comprometer o jogo de forças que os constituem. A sensação, a aura, a intensidade, a energia que é depositada numa pintura ou num desenho são, para mim, o essencial e isto faz com que me afaste das preocupações puramente conceptuais. Contudo existem certas preocupações que se manifestam em trabalhos meus, que tornam esse afastamento problemático. Uma delas é o recorrente surgimento de estruturas específicas, sobretudo estruturas alusivas à organização do espaço, estruturas estas que já têm uma função determinada fora da esfera das Artes Plásticas. Ou seja, o *equilíbrio de desequilíbrios* do qual falei anteriormente não acontece apenas no plano ótico, mas é também um jogo de tensões psicológicas e culturais. A figuração, nos meus trabalhos, não é só um pretexto para fazer desenho ou pintura (no sentido puramente formal), mas é também um elemento cuja carga simbólica me interessa.

Quando procurei na internet o termo “Heterotopia” cunhado por Michel Foucault (em 1967) encontrei um conceito que me surpreendeu pela forma como vai ao encontro desse equilíbrio de desequilíbrios mentais e psicológicos de que falo. No texto *De outros espaços*<sup>11</sup>, proferido numa conferência no Cercle d’Études Architecturales a 14 de Março de 1967, Michel Foucault mostra como determinados espaços são sintomáticos de uma determinada instabilidade, espaços críticos que exibem um desvio (por terem significações duplas ou múltiplas). Ao longo deste discurso vai fazendo uma genealogia das forças que se escondem em determinados espaços em função das épocas e das ideias:

“A obra monumental de Bachelard e as descrições dos fenomenologistas demonstraram-nos que não habitamos um espaço homogêneo e vazio, mas, bem pelo contrário, um espaço que está totalmente imerso em quantidades e é ao mesmo tempo fantasmático. O espaço da nossa percepção primária, o espaço dos nossos sonhos e o espaço das nossas paixões encerram em si próprios qualidades à primeira vista intrínsecas: há um espaço luminoso,

11 Foucault, M. (2001).

etéreo e transparente, ou um espaço tenebroso, imperfeito e que inibe os movimentos; um espaço do cimo, dos píncaros, e um espaço do baixo, da lama; há ainda um espaço flutuante como água espargindo e um espaço que é fixo como uma pedra, congelado como cristal. No entanto, todas estas análises, ainda que fundamentais para uma certa reflexão do nosso tempo, dizem respeito, logo à partida, ao espaço interno.”<sup>12</sup>

Estas reflexões sobre o espaço interno, muito bem pensadas em alguns livros de Gaston Bachelard (como *O Ar e os sonhos*<sup>13</sup>; *Terra e os devaneios da Vontade*<sup>14</sup>; e *Poética do Espaço*<sup>15</sup>), também são muito úteis para pensar os meus desenhos e o tipo de teoria que me interessa, mas Foucault vai concentrar-se só nos espaços exteriores como cemitérios, tapetes persas, casas de banho, saunas, jardins, arquiteturas Árabes e prisões.

Quando li alguns destes exemplos descritos por Foucault fiquei admirado porque são espaços que surgem nos meus desenhos muito insistentemente. Foucault diz:

“A Heterotopia consegue sobrepor, num só espaço real, vários espaços, vários sítios que por si só seriam incompatíveis. Assim é o que acontece num teatro, no retângulo do palco, em que uma série de lugares se sucedem, um atrás do outro, um estranho ao outro”<sup>16</sup>

Ao longo do texto o autor vai caracterizando este conceito nas suas várias faces e estranhamente tudo encaixa com as considerações que tenho vindo a fazer sobre os meus trabalhos mais recentes, sobre o plano e sobre as constelações. O encontro de descontinuidades espaço-temporais também é uma das características da Heterotopia que Foucault descreve nesta conferência.

Encontro também uma grande afinidade com o meu trabalho e com alguns gestos que tinha em mente para o seu devir, quando Foucault fala do tapete Persa (mas poderia dar muitos outros exemplos) :

“Relativamente aos tapetes persas, estes eram nada mais nada menos do que reproduções de jardins (o jardim é um tapete no qual todo o mundo atinge a sua perfeição simbólica; e o tapete um jardim que se pode deslocar no

---

12 Foucault, M. (2001).

13 Bachelard, Gaston. (2001)

14 Bachelard, G. (1991).

15 Bachelard, G. (1993).

16 Foucault, M. (2001).

espaço).”<sup>17</sup>

Este caso em particular interessa-me, não só porque gostaria de trabalhar com teares (e até ter condições para isso com sobreposições de imagens, talvez com impressoras), mas também porque explora as relações e potenciações simbólicas e espaciais (entre elas a redução do mundo ao plano da qual tenho vindo a falar), neste caso a do tapete com a do jardim.

A *Constelação* de que tenho falado tem vários aspetos em comum com as heterotopias de Foucault por várias razões. Entre elas sublinho as tensões que se manifestam no espaço e a ausência de centro desses espaços:

“espaços de alteridade, que não estão nem aqui nem lá, que são simultaneamente físicos e mentais, tais como o espaço de uma chamada telefônica ou o momento em que alguém se vê ao espelho”.<sup>18</sup>

Essa ausência de centro pode ser vista no Diário que se segue

---

17 - Foucault, M. (2001). Outros espaços. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Ditos e Escritos vol III.

18 - Foucault, M. (2001). Outros espaços. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Ditos e Escritos vol III.

## Nota prévia ao diário

O que é que me faz tomar decisões arriscadas durante o processo, decisões rápidas e intuitivas que são a essência e vitalidade daquilo que considero bons trabalhos? Não sei. Mas talvez essa pergunta não deva ser feita. As perguntas teóricas devem servir para ver melhor, assim é a etimologia da palavra “teoria” e a que serve ao nosso fim: o de ver com justeza o que se passou nos trabalhos desenvolvidos neste período específico. Se tiver sorte, esse *ver melhor* terá uma boa influencia no *agir melhor*, em melhores decisões e gestos sobre os futuros trabalhos. Só assim se justifica o tempo que estive a pensar e a escrever e não a trabalhar. Mas o que é o melhor neste contexto? Melhor ou pior é, aqui, o que possibilita ou impossibilita uma maior capacidade dos meus trabalhos se constituírem como um corpo autónomo e independente, capaz de se relacionar com o mundo como um grande circuito, como uma grande rede de sentidos. Ou seja, a ética (bom, mau), aqui, é meramente uma técnica. A de adequar as potências de um sujeito a cumprirem-se. Citando o Diário<sup>1</sup>, o que sempre se procurou foi “confiar nessa difícil tarefa que é cumprirmo-nos a nós próprios” e como lembrou a minha orientadora, “sermos o mais parecidos com aquilo que sonhamos para nós próprios”. Como? E esta já é uma boa pergunta, procurando dar “uma plataforma da existência aos nossos sonhos mais verdadeiros”.

Os meus trabalhos procuram ser essa plataforma. Mas como tinha de escrever sobre eles e como sentia que não tinha, ainda, distância suficiente para isso, esta dissertação afigurava-se como uma tarefa muito problemática. Surgiu-me então a proposta do diário, onde escrevi sobre os meus dias e dessa forma pude perceber a *constelação* de experiências quotidianas por onde surgem os trabalhos.

---

1 O texto que se segue, para tornar a leitura mais sucinta e evitar repetições, não é o diário completo mas antes uma selecção das partes que considerei mais relevantes para a compreensão do assunto em questão. Ainda assim, o texto em bruto, para quem pretender, encontra-se em anexo.

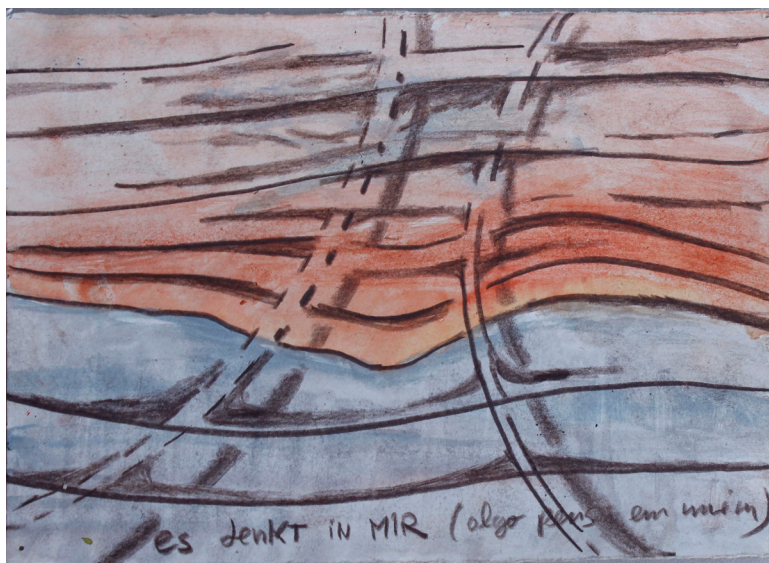


Figura 5 - *Sem título*. 2016. gouache e lápis de cor sobre papel. 18 x 23 cm.

25. 03.

Logo de manhã fui para o atelier. Arrumei o espaço de trabalho. Procurei trabalhar em formatos pequenos sobre papel de aguarela (folhas com alta gramagem com cerca de 16 por 14 cm). As lógicas do mapeamento e diagrama que têm aparecido no meu trabalho foram o foco desta semana. Estes termos surgiram como exercício.

Tenho necessidade de referir que o conjunto de trabalhos que tenho feito em função destes conceitos não são de natureza conceptual ou ilustrativa. “Mapeamento” e “diagrama” são termos que se relacionam com operações que estes desenhos sugerem, no entanto creio que eles não sejam suficientemente justos. Porque a haver uma palavra deste género teria de ser uma cheia de hífen ou então que se relacionasse com a pintura como processo em si mesmo.

Numa folha grande fiz uma série de esboços e aponte algumas notas de coisas a fazer nas próximas semanas.

Fiz, neste dia, outras pinturas nestas folhas de aguarela e em pequenas telas já preparadas. Através das cores intensas do bom pigmento destes guaches procurei fazer pinturas como quem viaja e deseja ser surpreendido. Estava focado na forma como o pigmento muito concentrado destas tintas se dissolvia na água e como isto se encontrava com a natureza do suporte, ora da folha ora da tela. Estava fascinado com a potência das cores, sempre relativas às que as rodeiam e sobretudo ao facto de estarem intimamente relacionadas com a textura, densidade e com o gesto da pincelada. Se faço um fundo rápido com uma trincha, se aplico grandes quantidades de tinta diretamente do frasco para a superfície, se junto tintas com luminosidades diferentes ou iguais... tudo isto afeta a natureza da cor que se materializa no suporte.



figura 6 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem Título*, 2016. Gouache sobre papel. 32 x 30 cm.



Figura 7 - *Sem título*, 2016. Gouache sobre papel. 18,5 x 23 cm.

16.03.

Descansei a manhã toda. Fiz o almoço e arrumei a casa. Li um pouco na cama. Saí demasiado tarde de casa, mas a sentir uma grande paz de espírito que aumentava cada vez mais. Chegando ao Lago do parque, que estava mais belo do que nunca, perdi a noção do tempo e fiquei completamente hipnotizado pela vibração centrífuga que os patos imprimiam na água. A vibração dos anéis de água fez-me sentir encontrado e feliz, como se essas linhas delicadas que ondulavam sobre o reflexo fossem o símbolo em ação de algum ser que erradia a sua existência. Na superfície da água via-se tanto o fundo, escuro e cheio de vida, como o céu azul a entardecer com a flora verde tremida. Tudo intercetado no plano claro do espelho de água e tudo a vibrar do centro para a periferia. Passaram-se horas no lago e mesmo a ir para o atelier ainda sentia as ondas por todo o lado.  
(...)

17.03.

(...)

Fiz uma lista para me obrigar a descansar e a pensar ao mesmo tempo. O primeiro tópico da lista era encontrar a folha com a proposta de tese para entregar à minha orientadora. Não encontrei a folha em lado nenhum. Só agora sei que estava em casa. Sabia que isso podia ser problemático mas, como algo me dizia que a conversa ia ser agradável, esperei que não fosse um problema. Apesar da ressaca, a companhia alegre da M.S, do David Bowie e das lagoas belíssimas que descobria, fizeram-me ganhar vida. A parte melhor foram as lagoas, e a entrada nas catacumbas. As catacumbas daquele atelier gigante eram, há uns anos, acessíveis por canoas. Os tetos e as paredes estavam cheios de tesouros. Talvez tenha sido o clímax do dia. Aquelas manchas de veludo e ouro, completamente indescritíveis. Tão reais que pareciam irreais, latejavam em cima e de baixo de si próprias, ilhas de bolor de veludo e cristais de vinho. Com a lanterna dentro daquela cápsula do tempo apontava para um lugar e cada vez mais delirava com aquele espaço que ela usa como atelier.

Conheci os seus filhos, cheios de energia, iguais à mãe. Sabiam as músicas do álbum Hunky Dory melhor que eu.

Estava cansado, mas foi uma belíssima viagem. À noite comi a refeição que tinha tirado ao almoço. Tinha que ir para casa cedo porque, no dia seguinte, tinha que estar na escola às 9h para entregar um papel. Estava tão cansado que nem consegui copiar o texto do papel para o computador. Adormeci.

18.03.

(...)

N. foi para o Yoga e por isso fiquei com a sala só para mim. Pouco a pouco, renasceu um otimismo de atelier que já não tinha há muitos dias. O que havia a fazer parecia mais perto. Os trabalhos estavam mais belos. Mais claros nas suas exigências. Senti-me muito confiante e isso fez com que tudo o que antes me tinha deixado ansioso ou deprimido passasse a ser um mero obstáculo. O que antes era um problema passou a ser a pressão necessária (nestas alturas, mesmo com sono, nascem forças que, bem geridas, dão sempre bons resultados).

Ao início, comecei muito feliz a cortar folhas antigas de aquarela na dimensão certa para registar em desenhos todas as imagens que tinha na cabeça da ida a Lisboa. A ida a Lisboa foi muito animadora, todos os dias foram enriquecedores. Com aquele ânimo de certeza que sairia algo de positivo... podia não ser à primeira, mas havia tempo. De repente, quando olhei para uma pintura que estava em cima da mesa tive um impulso súbito de querer fazer outra coisa a partir do que ela me sugeria. Peguei numa tábua de madeira que tinha um papel já esticado e preparei as cores para fazer como planeado: antes de pôr as cores de fundo peguei num pincel que usei para tirar o azul da lata. Esse pincel pediu para fazer uns gestos rápidos, mas quase retos sobre a folha. A folha tinha uma quantidade grande de amarelo. Esse amarelo tinha caído em grandes quantidades quando, noutro dia, tropecei na lata e para aproveitar atirei a tinta do chão para essa folha grande. As linhas correram muito bem e estava a surgir algo muito autónomo e fresco. Fez sentido fazer com as linhas do pincel grosso as vias de um mapa antigo Árabe de há muitos séculos que estava também em cima da mesa numa impressão barata. Fui corrigindo e acrescentando camadas numa dança muito

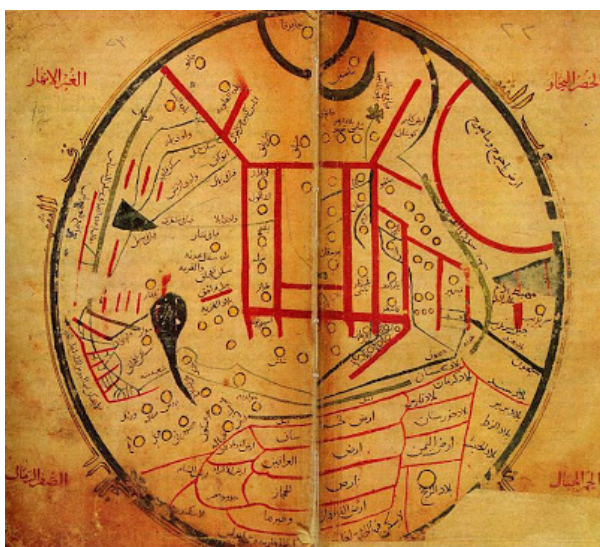


figura 8 - Mapa mundo, - Mahmud al-Kashgari, *Compendio das Línguas dos Turcos*, Séc. XI



figura 9 - capa do CD Hunky Dory de David Bowie, 1971



Figura 10 - Bartolomeu Gusmão. - Sem título, 2016. óleo sobre papele. 48 x 43 cm.



Figura 11 - Bartolomeu Gusmão. - Sem título, 2016. óleo sobre papele. 18 x 23 cm.

particular de tirar e por coisas. No final ficou uma espécie de olho-mapa agora já mais da China que do Médio Oriente. Gostei. Foi um bocado atípico. Não é nada daqueles trabalhos que nascem da pequena diferença e de um projeto previsto, mas, para primeiro dia, parecia-me a coisa certa para começar.

No fim do dia olhei para os trabalhos que tinha no armário e reparei que eles andam essencialmente à volta de duas linhas processuais: uma, composta por desenhos a lápis de grafite sobre papel. A segunda, composta por um tipo de pintura focada nas relações que se criam entre transparências e opacidade e entre a figuração e abstração.

A primeira é a mais natural e corre quase sempre bem; no entanto sinto que estes desenhos precisam ainda de algo que os agarre<sup>1</sup>. Gostava de um dia poder expor pinturas à frente dos meus desenhos. Talvez as pinturas, por serem mais autossuficientes que os desenhos possibilitem a estes justificarem-se mais facilmente enquanto apontamentos ou estudos.

Entretanto, estou entusiasmado e só quero acordar cedo e deitar cedo para dar início a algo que só existe se for trabalhar.

19.03.

(...)

Não sei *porque raio* fiquei cansado como se tivesse tomado comprimidos; fiz uma sesta em cima de papel canelado, com casacos em cima e em baixo e li a “Carta sobre o Humanismo<sup>2</sup>” de Martin Heidegger que me soube bem ler e que ajudou a entrar no sono. Pinteí muitas coisas por cima. Foi um dia muito estranho a nível de trabalho. Mas, em certos momentos, olhei para pequenas pinturas que me disseram que aquele não era “o momento” mas que, no tempo certo, tudo seguiria

---

1 - Mais tarde seria a colagem e composição destes desenhos pequenos em folhas grandes que iria resolver este problema dando origem à série de desenhos que apresento no final.

2 - Heidegger, M. (1973). Carta sobre o Humanismo

o seu rumo. Na próxima semana há férias e por isso vou ter todas as condições para ter esse rumo certo, ou seja, ninguém deve aparecer na sala e a escola estará deserta.

21.04.

(...)

Estava enérgico e as pinturas correram-me bem. Peguei nas folhas de aguarela que já tinha cortado e decidi abrir os frasquinhos de guache. Parecia que tinha treinado com pesos e que agora podia nadar sem eles, uma vez que tinha andado a usar acrílicos. Tinha a possibilidade de fazer tudo e os pigmentos vibravam e misturavam-se muito melhor. Acabei por fazer 6 pinturas. Consegui cumprir o que queria ter feito no sábado, que era tentar pintar o encontro com o lago. Também foi positivo porque relembrei que tenho um meio muito fluido ao qual recorrer quando necessário: os guaches. Amanhã pretendo continuar, persistentemente, ao encontro dessas imagens mais autónomas (mais económicas, vitais e espontâneas) até ficar num lugar mais seguro. No dia de hoje congratulei-me com o facto de ter conseguido representar os reflexos e os jogos de desdobramento do lago, que já me estavam a atormentar. Amanhã será uma batalha que exigirá grande lucidez. O motivo não é o lago ou poderá ser. A referência é uma pintura com um cão ou chacal sobre um fundo negro com um vermelho pulsante. Deverá ser tudo mais liso e simultaneamente concreto e abstrato. Não sei ainda qual será o pretexto para experimentar isso novamente. Amanhã logo decido. Por vezes o pretexto é o próprio processo das velaturas, outras vezes sinto necessidade da potência de um símbolo ou de uma forma exterior à fisicalidade da tinta. Tem de surgir naturalmente. Se hoje correu bem amanhã também correrá. Tenho é que estar disponível e concentrado novamente.

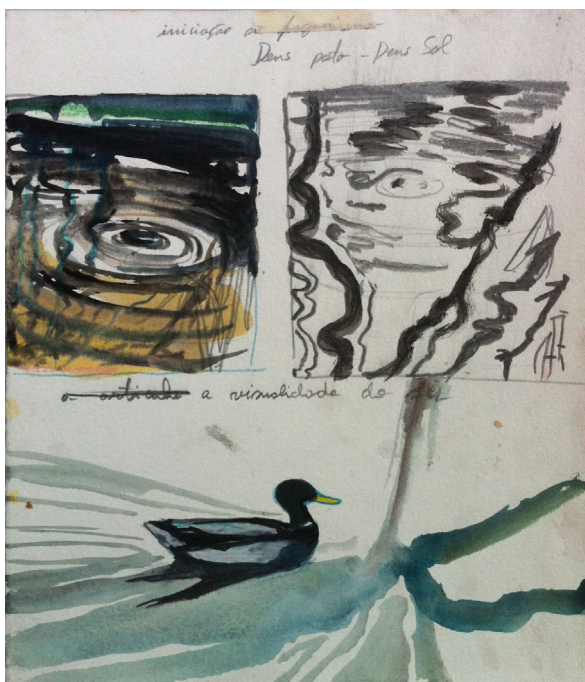


figura 12 - Bartolomeu Gusmão. - Sem título, 2016. Gouache e grafite sobre papel. 23 x 19 cm.



Figura 13 - Bartolomeu Gusmão. - Sem título, 2016. Gouache sobre tela 30 x 20 cm.



figura 14 e 15 - fotografia da sopa de miso com cebolinho. 2016

23.03.

Acordei cedo. Preparei tudo para sair rapidamente de casa, sem pequeno-almoço, só com duche. Na praça estavam uns amigos que me acompanharam na primeira refeição do dia. Fiquei a manhã a pintar em folhas já preparadas. Fiz uma aguarela de que gostei. Outra vez um reflexo de luz no lago. Ainda agora, enquanto escrevo, acabo de beber a sopa de miso e volto a ver esses reflexos que também vejo no copo de vinho a vibrarem frenéticos. Pinte uma tábua com tinta de parede e coloquei lá as pinturas dos reflexos que fiz esta semana junto com os desenhos do lago. Sexta vou ter de ir à Serra da Estrela com os meus pais. Vou levar aguarelas e lápis para desenhar as paisagens ou ideias. Depois de almoço estava um pouco intoxicado da comida e do vinho barato daquele sítio. Na parte da tarde trabalhei pouco. Às tantas decidi que jantaria na escola. Como faltava uma hora e pouco decidi aguentar o meu estado físico estranho. Quando decidi que ia passar um pouco de fome, estranhamente fiquei bem. A ideia do jejum parece ter funcionado junto com a cadência da música de Bach. Fiquei embalado nesse estado quase meditativo de missão e resistência. Arrumei o espaço. Arrumar pode ser um ato muito vital. Regressam ideias, coisas perdidas. Coisas urgentes até. Com a tinta de parede branca pinte as paredes e algumas tábuas. Isso também ajuda a ver e a estar melhor. Jantei nos *kebabs* com o J. e fiquei até à meia noite a deixar a sala impecável para o dia seguinte. Enquanto arrumava, deixei algumas anotações e desenhos perto uns dos outros como que mensagens para depois.

dia 24.03.

Fiz uma pintura quando faltava apenas uma hora para aparecer o segurança a mandar-me sair. Decidi pintar numa folha, já preparada com gesso acrílico em excesso para produzir irregularidades



Figura 16 - Bartolomeu Gusmão. - Sem título, 2016. Tinta acrílica e gesso sobre papel. 96 x 60 cm.

na superfície. Estava assim preparada para conseguir ir ao encontro do fundo do pequeno rio que me hipnotizou nos jardins da Gulbenkian.

Quando fui ajudar o J. com as suas exposições, há uma semana, passei na Gulbenkian e fui apanhado por aquele rio. Curou-me, de alguma forma. Havia um desfocado, parecido com aquele das televisões quando não estão bem sintonizadas, devido à luz forte do sol na vibração da superfície trémula e havia o fundo com as pedrinhas. A vibração das pequenas ondas, as várias sombras das árvores e das folhas a provocarem ilhas vivas de luz. Um impressionista sem dogmas académicos precisaria de muitas vidas para poder responder àquela beleza. Não consegui fazer aquilo que queria, mas tenho que tentar continuamente. Enquanto pintava, ouvi Diamanda Gálas no seu modo satânico e fui pintando naquela superfície cheia de relevos. Fui pondo e tirando. Quando não estava satisfeito, ou precisava de atenuar a rigidez do pincel, passava com a trincha grande. Ficou tudo muito subtil e claro, por isso fui pondo o preto. Fiquei muito contente quando, subitamente, aplicando tudo o que tinha na mão desta semana surgiu uma pintura dinâmica com uma vibração negra numa superfície negra. Fiquei mais enérgico ainda que passassem já 20 minutos da hora em



figura 17 e 18 - fotografias na fabrica de burel, 2016. Serra da Estrela.

que o segurança costuma aparecer para sairmos do atelier da escola. A pressa nem sempre é um inconveniente.

(...)

27.03.

De manhã, comemos um pequeno almoço banal no hotel. Quando fomos para o carro o motor não ligava. Acabámos por ter de chamar o reboque, coisa que muito animou o meu irmão mais novo, que adora perdidamente tudo o que tenha a ver com carros. Tínhamos um encontro marcado para ver uma fábrica. Aproveitei para ler enquanto esperávamos. Lá no hotel bebemos vinhos e aperitivos na sala de convívio toda envidraçada a dar para o vale glaciário. Passámos depois para a sala de jantar onde comemos muito bem. O nosso anfitrião também é dono de uma fábrica de Burel que nos convidou a visitar. Essa parte foi divertida. Lembrei-me do feltro do Beuys. No fundo, o Burel é um feltro de lã da Serra da Estrela<sup>3</sup>. A fábrica tinha dezenas de máquinas de várias épocas. As máquinas que tratam a lã pura, as que a penteiam, as que a transformam num fio, as que o enrolam para ficar mais forte, as que o entrelaçam. Todas essas que eu não sei o nome próprio. As que entrelaçam os fios para fazer as mantas de burel são incríveis. Têm várias engrenagens e dispositivos arcaicos mas, no fundo, é um computador primitivo, todo a nu. No centro a manta esticada vai sendo composta por padrões. Tem uma grande magia este processo, que junta o universo da técnica com o da tradição. Os padrões são autênticas pinturas abstratas, estes com um ar mais Ibérico que os dos tecidos Irlandeses. Lembrei-me dos padrões Irlandeses porque havia lá livros sobre o assunto. Livros com muitas imagens que me deram vontade de colecionar padrões e de seguir-lhes a origem e força. Os da Irlanda juntam muitos verdes e vermelhos. Estes são mais ritmados e terrenos, lembrando um pouco alguns padrões Africanos. Bebemos um café e deram-nos boleia para o Hotel.

(...)

---

3 - Passados alguns meses do momento em que escrevi isso, sem que o antevisse, estava a fazer pinturas com este material.



Figura 19 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem título*, 2016. Óleo e colagem sobre tela. 63 x 60 cm.

28.03.

(...)

Preparei as folhas, o espaço e as tintas para esta semana. Estava e estou muito contente com a ideia de tão cedo não ter de ir a Lisboa. Fiz umas experiências muito estranhas, com ilhas. Meti alguns desenhos na parede. Um deles é um acumular de folhas escritas em papel de caderno colado sobre tela; no canto inferior direito, aparece uma silhueta em azul (tipo “chama de fogão”). Esse trabalho, ainda que mesmo muito tosco, leva-me para uma maneira de trabalhar diferente da que estou a ter nestes dias. Atrás, referi que sentia que os desenhos precisavam de algo que os agarrasse. Este acumular de folhas com desenhos e textos é uma resposta processual importante e é, sobretudo, um método que me dá vontade perseguir<sup>4</sup>.

29.03.

Mal cheguei à sala fiquei contente porque continuava a gostar da pintura que tinha feito na sexta feira. Fiquei algum tempo a olhá-la. Depois chegou o R. que me queria mostrar umas pinturas que ele fez. Menos mal, que assim o vinho que comprei já não se estraga. Ele é uma presença estimulante. “Estimulante” que é uma palavra que ele repete muitas vezes. Fala com paixão. Vi as pinturas que trouxe e ele depois falou sobre as minhas. Aconselhou-me a não ter pinturas ao lado enquanto trabalho. Talvez tenha razão. Não interessa. O que retirei de positivo do encontro com o R. foi o facto de ele ter gostado muito de uma experiência feita muito rapidamente numa folha

<sup>4</sup>- Mais tarde viria a perceber a importancia da colagem para o meu trabalho

comprida. Percebi que é fundamental fazer coisas arriscadas. Coisas que tenham energia, com formatos e formas de proceder radicais e frescas. Será um objetivo para amanhã.

2.04.

(...)

O dia esteve lindo, deu para ir comprar tintas à Dyrup. Desta vez comprei as primárias em mate em vez de semi-mate. Deu para imprimir as imagens na reprografia. Deu para começar a trabalhar e subitamente tudo fazia sentido. Os materiais respondiam de forma espantosa à vontade. O ímpeto de seguir uma série de ideias que as imagens das fotocópias apontam, fez com que, o que no meu processo parecia passado, regressasse como presente e ganhasse sentido. O Futuro a relançar o Passado no Presente. Voltei a perceber que tipo de pinturas estavam em causa.

Fiz um autorretrato que correu muito bem, só com preto de “tinta de parede”. Gostei mesmo do resultado. Percebi também que posso fazer com a tinta preta uma série de coisas que desconhecia. Percebi melhor a “sobreposição”. Na semana anterior estava a fazer coisas quase sem “sobreposição”.

Desta vez encontrei uma forma mais dinâmica e afinada de ir fazendo a pintura. Tenho de ter um pano, água, pincéis de vários tamanhos e grande concentração. Fiz umas pinturas verdes com umas “sobreposições” que lembram as contracurvas da escrita Árabe (muitas das fotocópias são de caracteres Árabes). Tudo começou por causa de uma pincelada casual que fiz numa placa de MDF, que usei como paleta para conseguir uma pincelada que fizesse, com um gesto único, um tubo (degradê do verde no centro ao preto e o branco dos lados). A paleta acabou por ficar mais interessante que a pintura que queria fazer. Quando coloquei o branco, com um pincel médio,



figura 20 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem título*, 2016. Gouache sobre papel. 24,5 x 51 cm

sobre a pincelada gigante verde feita pela trincha, fiz uma série de ondinhas assemelhando-se à ponta de um abre-garrafas. Ficou bem. Esses pormenores estão a tornar-se importantes (refiro-me aos desenhos ou pinturas que vivem do gesto espontâneo, quero persegui-los).

(...)

4.04.

Foi um dia triste porque julgo que estraguei uma pintura muito grande que estava a fazer. Coloquei demasiada informação: não soube quando parar. isso deixou-me depressivo.

Depois fui, ainda durante o dia, com o J. para o Bombarral onde nos juntaríamos com uns amigos para no dia seguinte irmos ver exposições a Lisboa.

6.04.

Acordei um pouco tarde com muito mau humor. Fui comer uma grande taça de iogurte para o bosque dos meus amigos, que é um dos lugares mais incríveis que conheço. Um deles, depois de



Figura 21 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem Título*, 2016. Acrílico e tinta de spray sobre papel. 95 x 60 cm

almoçarmos, levou-nos à escola. Fiquei a trabalhar muito e bem até à hora de Jantar. Saí para o atelier do J. onde comi carapaus com brócolos e vinho. Já tinha comido duas sopas no refeitório. Foi um bom dia porque consegui salvar uma pintura que achava ter estragado. Salvou-se graças a um grande quadrilátero com muita tinta branca.

7.04.

Aulas da parte da manhã. Seguido de um almoço com um amigo. Bebemos um vinho gasoso barato chamado Pelicano. Arrumei o espaço e estiquei muitas folhas.

8.04.

De manhã, na aula sobre arquivo na arte contemporânea, apresentei um “Power Point” sobre os diagramas didáticos de Malevich e sobre a artista Hanne Darboven. Desconfio que isto tenha afetado muito positivamente os meus trabalhos no atelier. Foi uma excelente tarde de trabalho. Um dia em que seria capaz de escrever vinte páginas sobre o que estava a fazer. Não o fiz porque estava muito concentrado a pintar. Aconteceu algo de único a partir deste dia que não acontecia há anos. Como tal, queria agradecer a vontade de trabalhar com mais trabalho. Por isso também não escrevi nada que não fosse desenho. Com sorte, no futuro, aprenderei a conciliar as duas coisas.

O que há a dizer sobre o que fiz será, portanto, resumido. Decidi juntar desenhos em folhas grandes. Construir desenhos a partir de colagens de outros desenhos e de textos. Listas, aforismos, esquemas, símbolos, registos de pensamentos, marcas, tudo isso colado numa folha grande esticada onde os elementos, extraordinariamente, se ligavam entre si. O desenho apanhava estes elementos através de estruturas que se desdobravam, produzindo tensões que deixavam os elementos entregues a uma organização que não se estabilizava nem definia. Podia ser uma sauna romana, um labirinto,

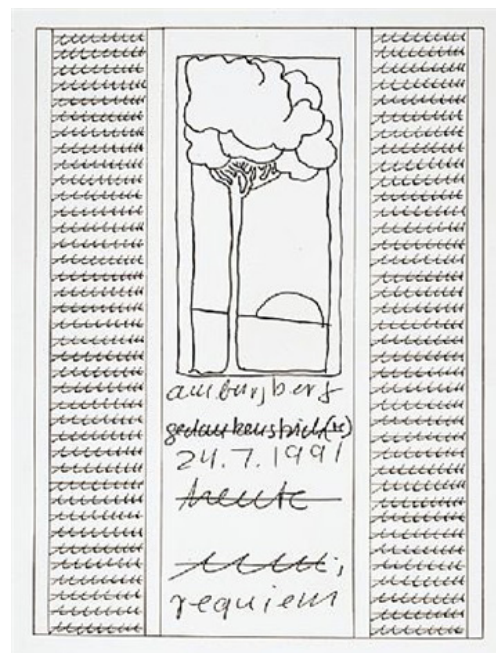
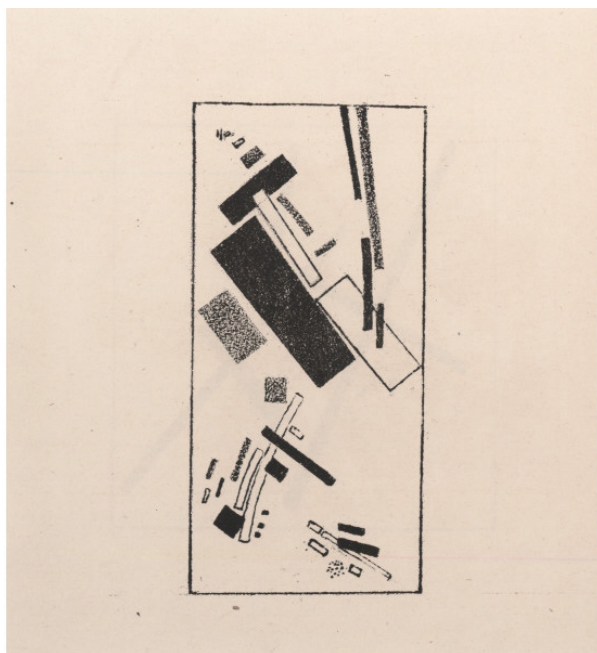


Figura 22 - Kazimir Malevitch. - *House under construction*, 1920. Litografia. 42 x 57 cm.

Figura 23- Hanne Darboven. - *From the Columbus portfolio*, 1991. Gravura. 58 x 76 cm

um mapa, uma pauta, uma visão interior ou um outro espaço indefinido, mas algo era dobrado e desdobrado para poder ser isto tudo ao mesmo tempo sem o ser de facto.

Surgiram também várias pinturas com o entusiasmo de fazer os desenhos grandes. Isto não seria possível se não tivesse esticado tantas folhas.

9.04.

Bom dia de trabalho. Não tão bom como o anterior porque tinha receio de estragar o que tanto me contentei a encontrar, mas muito bom. Tentei fazer uma série a partir do desenho do dia anterior. Ouvi Bach. Os desenhos tinham muito a ver com a matéria do papel. Com a ideia de



Figura 24 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem título*, 2016. Acrílico sobre papel. 77 x 60 cm.

memória (aparecem muitas folhas com calendários e listas de tarefas). Senti que era algo sincero. Juntei vários desenhos pequenos que fiz recentemente em papéis de alta gramagem. A composição relacionava-se com coisas que estava a pensar nas pinturas e é livre e espontânea como a imagem do mundo que gosto de ter. Como as músicas do Bach.

15.04.

Quanto aos trabalhos, ainda que pareça que estou menos comunicante, estou mais em contacto com o que deve ser comunicado do que nunca. Comecei uma série de desenhos com a qual estou a vibrar muito e que me está a possibilitar ter uma visão simultaneamente nova e mais verdadeira daquilo que me interessa (possibilita também esquecer e reconciliar-me com a altura em que estava menos focado). Estou mais concentrado e com uma enorme alegria no processo. Volto a encontrar algumas preocupações antigas mas agora, graças a esta série de desenhos, elas regressam com mais razão de ser. Neste regresso, fico muito admirado porque as imagens que escolhia e desenhava por mera intuição, e que agora volto a pegar para as transformar, parecem cada vez mais providas de um sentido particular, de uma vontade própria. Como se o pensamento das linhas e das formas se antecipasse ao do pensamento conceptual. Ontem enquanto fazia um dos quadros, que me deu particular gosto, escrevi numa folha (colada na parede com fita cola) : “desenhar escadarias de mosteiros, catedrais e parlamentos”.

Entretanto chegou um amigo, o P. (que tem uma sensibilidade, em muitas coisas, semelhante à minha), que apontou para um pormenor no canto inferior desse desenho, umas bandas de cor cinzenta justapostas obliquamente, de forma a sugerir um espaço que lhe lembrou o aspeto virtual das arquiteturas na pintura de Giotto. Muito amavelmente, prometeu-me um pequeno arquivo de fragmentos da arquitetura em Giotto e Fra Angélico. P. referiu também que identificava em alguns desenhos meus, ainda que não de forma explícita, ideias referentes ao choque do Mundo Laico com o mundo Religioso (Judaico, Cristão e Islâmico). Depois elaborou a sua interpretação e achei-a interessante porque estes desenhos são corpos em aberto que ganham com pontos de

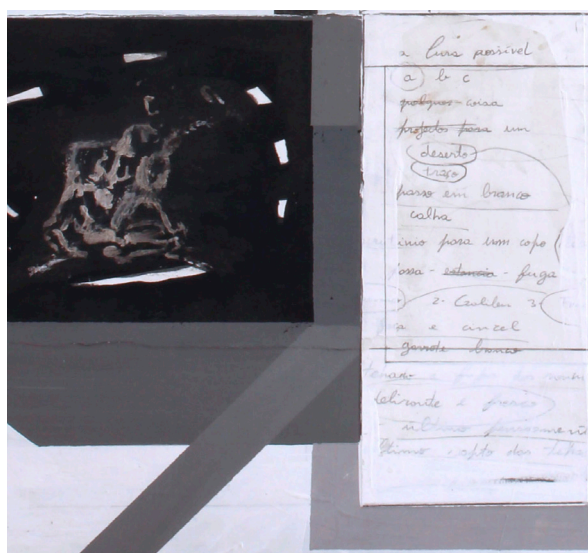


Figura 25 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem título (detalhe)*, 2016. Acrílico sobre papel. 87 x 69 cm.



Figura 26 - fragmento da pintura, Lenda de São Francisco, Giotto di Bondone, 1297. Fresco.

vista totalmente díspares. No entanto, neste momento inicial do meu trabalho, não me quero vincular com nenhuma interpretação fixa desse tipo. O que me parece certo é que estes desenhos equacionam um tipo de experiência no mundo através de relações de semelhança. Procuo algo que me move, mais concretamente algo que a partir dos meus devaneios e sonhos me faz mover e a partir disso procuro que o processo de construção do desenho articule a técnica com a sensação que vai surgindo à minha frente e que pede para ser seguida. Até agora tenho mesmo a impressão de que os desenhos pensam muito melhor que eu. Sem me pedirem autorização aparecem e depois eu posso tentar ou não percebê-los. Isso continua a ser um motivo de grande espanto, para não dizer que talvez seja a razão fundamental para eu os fazer: A curiosidade. Creio que ele, P., poderá ter razão, mas só em alguns casos e nunca como regra. Porque ao lado desse quadro está outro, feito de forma muito semelhante, que já não se aproxima desse tipo de interpretação. Este quadro (**figura**) remete para a ideia de casa e em particular para a sensação de

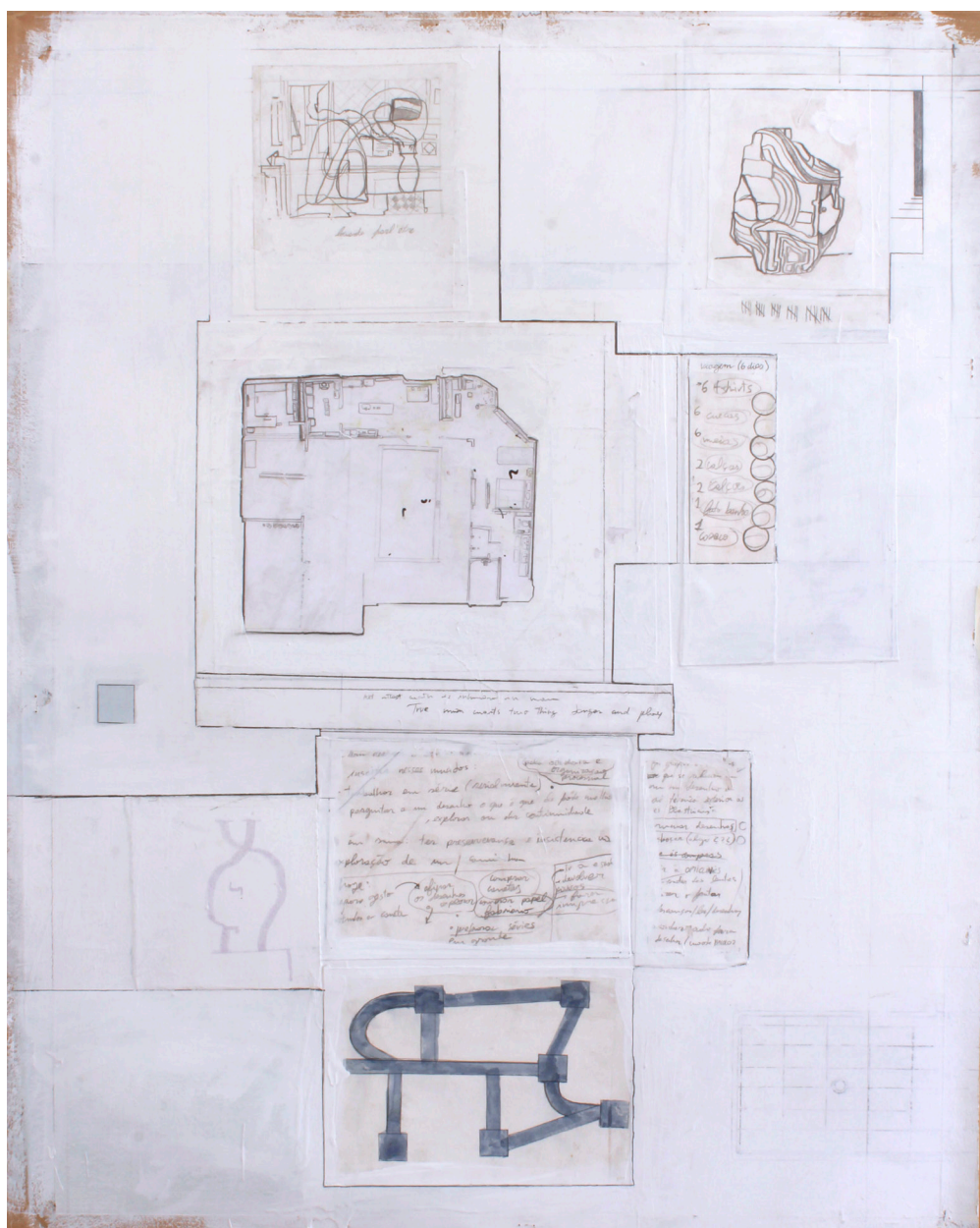


Figura 27- Sem Título, 2016. colagem sobre papel. 88 x 70 cm

grande conforto que o espaço da casa possibilita. Nas margens do desenho, quando ainda achava que as ia cortar, escrevi: Utopia do Presente Doméstico Possível. No meio está uma planta de uma casa imaginada onde gostaria de viver, esta planta é um desejo mas ele cumpre-se quando é desenhado. Porque não só desejava a casa como desejava desejar a casa, com todos os seus pormenores, que possibilitam o prazer do devaneio em si mesmo. É um sonho que se cumpre no próprio meio que é sonhar, neste caso desenhar uma casa. Ao lado da planta da casa está uma lista de coisas a levar numa viagem (serviria para a viagem a Madrid) com bolinhas à frente para se riscar, referentes às peças de roupa que já estariam na mala. Vê-se também um chão de azulejos de um chuveiro.

É importante referir que não estaria assim tão contente a falar destas coisas, tantas vezes absurdas, se não estivesse satisfeito com o resultado real da obra. Depois, como diz Pessoa:  
“Sentir, sintá quem lê!”<sup>5</sup>

18. 04.

Quando estava no avião já a regressar. Escrevi nas notas no meu telemóvel um pequeno apontamento que agora me poderá servir para por em marcha a ignição da escrita. Tal como as crianças que não querem entrar no banho, mas depois também não querem sair, é esta a minha resistência com o início da escrita e com o Trabalho em geral. Alguns amuletos ritualísticos, se não em excesso, ajudam a por o que interessa a falar. Um deles é o conselho de Walter Benjamin (*The Writer’s Technique in Thirteen Theses* 6.) para copiar o que foi escrito anteriormente como forma de recusar a hipótese de não ter nada a dizer. Depois de percorrermos os trilhos que antes nos levaram a escrever, algo surge.

Uns dias antes da viagem a Madrid tinha metido na cabeça que teria de ter uma excelente semana de trabalho para poder estar disponível para a morte. Dessa forma o meu medo de aviões seria justificado se estivesse bem comigo mesmo e portanto se tivesse trabalhado muito para morrer com a impressão de ter dignidade na última semana de vida.

Como comecei esta série nova de desenhos, que exigiram um grande investimento de atenção e disponibilidade ao trabalho, a viagem já não me atormentou tanto. Achei que tinha trabalhado bem. O ideal seria ser sempre assim. Estar sempre bem com a vida passada para poder viajar para o futuro com um olhar novo e cheio de predisposição para ser surpreendido.

Já no regresso apontei algumas notas, para evitar o pânico, acerca da situação aparentemente impossível em que estava metido (a de voar). Ao concentrar-me nesses conteúdos conseguia não olhar para as nuvens ali em baixo que se viam da janela do avião.

Escrevi:

“As velaturas em Ticiano e Velasquez! Rubens (com quem me pude reconciliar). A possibilidade de pintar livremente, com “formas-figuras” vivas, sobre um fundo histórico. Gostava de insistir também naquele tipo de pintura que possibilita um palco para a representação dos corpos. Que bom seria poder viver em diálogo com os pintores Clássicos.”

Lembro-me que, quando escrevi isto, estava a pensar na sempre surpreendente potência dos Clássicos. Tinha na cabeça a textura das pinceladas tão pouco trabalhadas de alguns destes mestres, principalmente Ticiano. Se um dia vier a poder criar com eles algum diálogo queria então perceber

---

5 - Pessoa, F., *Cancioneiro: Uma Antologia*. Assírio e Alvim, 2016

6 - Benjamin, W., e Sousa, I. D. A., de Miranda Rodrigues, C., & Sontag, S. (1992).

*The Writer’s Technique in Thirteen Theses*: “... - Preencha as lacunas da inspiração passando a limpo cuidadosamente o que já tiver sido escrito. A intuição despertará no processo...”



Figura 28 - Ticiano, *Baco e Ariadne*, 1520–1523. Óleo sobre tela, 1,75 m x 1,9 m

figura 29 - Ticiano, *Adão e Eva*, 1550. Óleo sobre tela. 240 x 186 cm

como e de onde vem a sua inequívoca capacidade de nos fazer pasmar. As melhores pinturas são tão pouco conceptuais. Dizia o J. ao meu lado, que se trata do prazer puro de só querer pintar, mas não é só isso. Existem sinais, que não se mostram totalmente, que criam um universo hermético. A pintura surge numa esfera autónoma, precisamente por não se deixar aceder na sua essência pela esfera dos significados. Vemos nisso uma potência tão grande, mas não podemos dizer: isto é. Porque assim que o fazemos estamos a errar (a supor que podemos interpretar algo que não se dá a ver com a interpretação, mas com a sensação). Creio que a única forma, justa, de nos aproximarmos com a palavra de uma pintura é com a poesia. Mesmo aí estamos a errar, mas é o erro mais justo porque é um erro que se conhece como tal. É o erro capaz de fazer a pintura falar. Sem dominações abusivas através de estruturas conceptuais prévias, mas através de um namoro, sensação com sensação. Corpo sensível da pintura aberto às possibilidades de infinitos corpos sensíveis e corpo sensível do observador que acabou de se transformar em pintura (que já não é o mesmo e por isso é incapaz de impor, com a linguagem ou com a razão, algo exterior à natureza do corpo sentido).

Depois de ter lembrado porque gosto tanto de pintura e porque é tão importante ver os grandes mestres, recordei as pinturas que vi no Thyssen, no dia seguinte à visita ao Prado. Pinturas do Modernismo que se relacionam de uma forma muito mais evidente e próxima dos meus trabalhos, em específico destes últimos desenhos. Escrevi:

“(...)Depois os painéis com palavras e imagens que me levaram a ser muito aplicado e a sentir que estava a ser eu próprio<sup>7</sup>, gestos e formas que lembram os meus primeiros desenhos em criança nas mesas de restaurante. Durante esta viagem os papeis assemblados de Kurt Schwiters foram as obras que mais se relacionam com estes meus trabalhos. Ainda que só de um ponto de vista formal, porque Schwiters explora a plasticidade dos papeis e mistura-a com superfícies encontradas, tal como nos meus desenhos. Mas das suas colagens resulta algo de natureza mais plástica, enquanto que nos meus trabalhos trata-se do encontro de elementos técnicos dessa natureza com pensamentos, desenhos, anotações, listas e outros elementos não puramente plásticos. É a partir da sincronia e choque desses elementos e ações díspares que convergem na superfície, como rasuras, palimpsestos, ritmos, escritos, ect... que começo a entrar no processo.

Também me deparei com pinturas de Malevitch, Popova, Cezane, Juan Gris, e Braque.

Havia também uma pintura belíssima de Mondrian, em que as linhas eram mesmo fitas coloridas

7 Refiro-me aos últimos trabalhos feitos em atelier.



figura 30 - Kurt Schwitters, Mz 442, 1953. Colagem de papel colorido e impresso sobre papel. 45.4 × 31.8 cm  
figura 31 - *Maestà*, Giovanni Cimabue, 1280. Tempera sobre madeira

assembladas. Depois vi salas inteiras dedicadas aos supermatistas, onde reacendi a vontade de explorar a plasticidade pura.

Mais à frente vi “salas e salas” de pintura gótica onde também pude encontrar relações com essa planura que me estava a fascinar. Talvez, e isso é mais notório no Gótico inicial, se deva à forma singela com que as formas aderem ao plano frontal da superfície. Assim como à ausência de perspectiva, e à linearidade das figuras.

Entre a mesa de Cézanne que se inclina ligeiramente para nós; um tabuleiro de xadrez de uma pintura Gótica que, ao contrário de toda a cena pintada e dos jogadores, está completamente virado para o observador (ortogonal aos limites da pintura) e os quadriláteros monocromáticos e cheios de tinta de Popova. Existe um elo. Todas essas pinturas me atraem e agora creio perceber porquê. Creio ter encontrado nesse elo algo que muito me interessaria explorar: A questão do plano: a tensão entre planura e profundidade.”

Durante a viagem para Madrid reli o *Bartleby* de Melville<sup>8</sup> e depois li um texto de Agamben intitulado: *Bartleby, Escrita da Potência*<sup>9</sup>. Pretendo um dia dissecá-lo melhor. Porque creio que ele se relaciona muito com coisas que ando a trabalhar:

*“Na sua intenção mais profunda, a Filosofia é, de facto, uma firme reivindicação da potência, a construção de uma experiência do possível enquanto tal. Não o pensamento, mas a potência de pensar; não a escrita, mas a folha cândida é o que ela a todo o custo, não quer esquecer”*<sup>10</sup>

8- Agamben, G., & Melville, H. *Bartleby Escrita da Potência seguido de. Bartleby, O Escrivão*. Assírio e Alvim, 2008

9 - Agamben, G., & Melville, H. *Bartleby Escrita da Potência seguido de. Bartleby, O Escrivão*. Assírio e Alvim, 2008

10 - Agamben, G., & Melville, H. *Bartleby Escrita da Potência seguido de. Bartleby, O Escrivão*. Assírio e Alvim, 2008

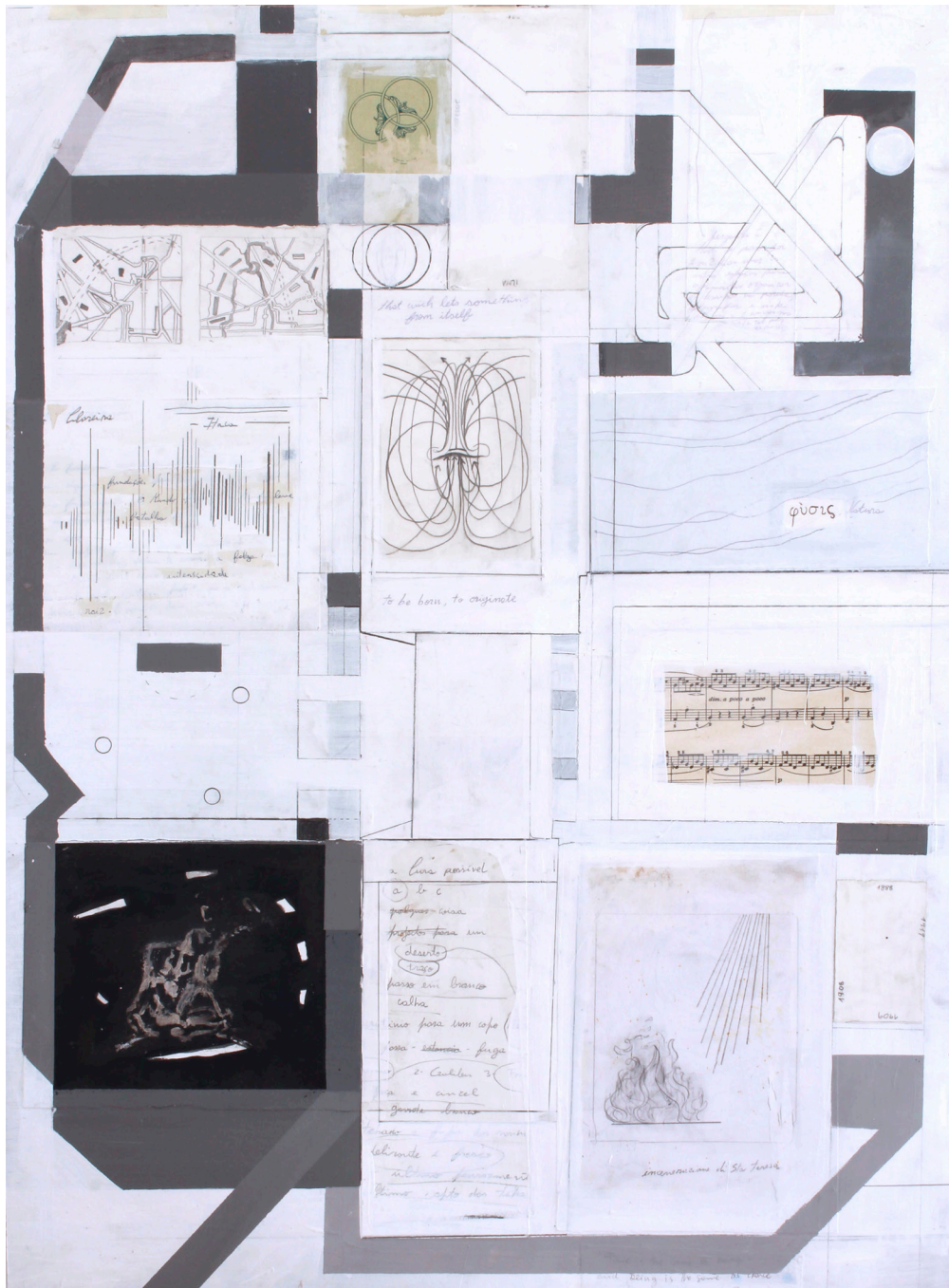


Figura 32 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem Título*, 2016. Colagem sobre papel. 83 x 60 cm

As imagens que usa ao longo do livro para se aproximar da ideia de pura potência. Como a mesa do escrivão ou a tábua de escrever de Aristóteles. Ecoam na minha obsessão recente pelas superfícies de inscrição. Ao ler as suas considerações sobre teologia e filosofia, que também me interessam genuinamente enquanto assunto, estou sobretudo a pensar na responsabilidade e na beleza de um risco de carvão sobre uma folha bem esticada. Na superfície da folha como lugar de tensões e possibilidades.

dia 9.05.

(...)

Hoje de manhã, enquanto comia a aveia, li um pouco do *Capitalismo e Esquizofrenia* do Gilles



Figura 33 - fotografia da minha mesa de trabalho. © Pedro Cá, 2016.

Deleuze<sup>11</sup> e senti que o meu trabalho se relaciona também com a ideia de máquinas desejanças. Nos desenhos que tenho feito surgem linhas, traços, manchas, formas e figuras que se vão estimulando mutuamente num agenciamento que me lembra a descrição de Deleuze das máquinas desejanças:

“isto funciona por toda a parte: umas vezes sem parar, outras descontinuamente. Isto respira, isto aquece, isto come. Isto caga, isto fode. Mas que asneira ter dito o isto. O que há por toda a parte são mais é máquinas, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com as suas ligações e conexões. Uma máquina-órgão está ligada a uma máquina-origem: uma emite o fluxo que a outra corta. O seio é uma máquina de produzir leite e a boca uma máquina que se liga com ela. A boca do anoréxico hesita entre uma máquina de comer, uma máquina de falar, uma máquina de respirar (ataque de asma). É assim que todos somos «bricoleurs}}, cada um com as suas pequenas máquinas. Uma máquina-órgão para uma máquina-energia, e sempre fluxos e cortes.<sup>12</sup>

É assim que vejo o meu processo e tudo o que o rodeia e alimenta. No plano da folha as mãos procuram, com cortes e colagens, registar e exhibir a natureza delirante e sem fim desse fluxo.

10.05.

Hoje saí cedo de casa. Comecei a trabalhar, contente pelo tempo chuvoso. Acabei por partilhar com F.P. o que andava a fazer. A conversa foi animadora. Ele disse que eu tinha arranjado uma boa fórmula de me apaziguar com o facto de muitos dos desenhos terem excessiva intensidade. Faltava-lhes algo que contivesse essa intensidade. Um golpe de equilíbrio. Falou-me também da arrumação. Assunto que escrevi ontem num caderno, porque não tinha computador. Chamava-se a arrumação como gesto espiritual. Espiritual é uma palavra controversa, mas o F.P. gostou dela e ficou de me

11 - Deleuze, G., & Guattari, F. (1976). O Anti-Édipo: Esquizofrenia e Capitalismo. O Anti-Édipo: Esquizofrenia e Capitalismo.

12 Deleuze, G., & Guattari, F. (1976). O Anti-Édipo: Esquizofrenia e Capitalismo. O Anti-Édipo: Esquizofrenia e Capitalismo. Página 4.

trazer uns textos sobre isso. Aconselhou-me a ler os Ensaios de Montaigne<sup>13</sup> e o texto “desempacotar a biblioteca” de Walter Benjamin<sup>14</sup>. Este texto parece-me um bom ponto para desenvolver a ideia de organização, não como utopia (as tabelas do Malevitch tinham um intuito pedagógico utópico), mas como organização do meu fluxo íntimo de gestos, desenhos, poesia e pensamentos. No fundo, trilhos - como os caminhos da floresta de Heidegger<sup>15</sup>. Que na língua original *Holzweg* tem também o sentido de trilhos em que nos podemos perder. Esta errância que, contudo, nos convida a sintonizarmo-nos com aquilo que realmente queremos. Este jogo de forças aparentemente contrárias está sempre presente quando trabalho. Entre individual e universal; concreto e abstrato; algo que se perde no tempo ou que se guarda no tempo. São essas tensões que dão força ao que é posto na folha. Assim como o desejo de não recalcar os sonhos e devaneios mais verdadeiros, dando-lhes uma plataforma de existência.

12.05.

(...)

Não sei o que terá levado a que, sem querer ver os desenhos, M. tenha falado do que acho mais importante neste nosso projeto. Tinham-se criado as condições para algo importante surgir na conversa, que foi mais acesa e fluída que o habitual, até mesmo no que discordamos. Que bom que é quando a discórdia é uma mais valia para a concórdia.

(...)

M. também estava cansada de ter falado tanto com outros alunos o dia inteiro e por isso não deu para falar nos desenhos grandes nos quais ando a trabalhar. Focou o assunto e a energia da conversa no processo da escrita e na obrigação que temos em “sermos o mais parecidos possível com o que sonhamos para nós mesmos”. Esta expressão vem de um filme de Pedro Almodóvar<sup>16</sup> do qual nos lembrávamos. Olhou para a mesa arrumada como um mapa cheio de hiperligações. Viu os livros que eu ando a ler e disse que deveria desconfiar mais de certas referências e confiar sobretudo nessa difícil tarefa que é cumprirmo-nos a nós mesmos.

Foi neste estado que me disse, pela primeira vez e para meu grande espanto, que estes textos, como este em que agora escrevo, vão ser a minha tese. Já me tinha passado isso pela cabeça, como hipótese, mas era uma hipótese assustadora. Despedimo-nos com entusiasmo. Foi uma boa reunião. Sobre a mesa onde conversámos escrevi, a caneta Bic sobre um lindo caderno que era da minha mãe, assim:

“Enquanto escrevo estas palavras. Reparo que tudo se une. A escrita. A folha. O assunto da escrita. Os livros em cima da mesa. O texto que tenho ao lado.”

Escrevi pouco mais que isto porque um súbito impulso fez-me levantar para ir à oficina de fotografia onde pedi ao P.K., o fotógrafo da escola, para me fotografar enquanto escrevia. Foi no meio destas ligações todas, dos escritos planos que vão parar a desenhos que se comportam como mesas. Mesas que são mapas como se fossem pensamentos. Que abrem portas a outros pensamentos com a

---

13 Montaigne, M. D. (1972). Ensaios. Lisboa, Relógio de Água.

14 Benjamin, W., & Jay, M. (2010). Unpacking My Library: A Talk about Book Collecting. Arion Press.

15 - HEIDEGGER, M. (2002). Caminhos de Floresta, trad. Irene Borges-Duarte, Filipa Pedroso, Alexandre Franco de Sá, Hélder Lourenço, Bernhard Sylla, Vítor Moura e João Constâncio, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

16 - Almodóvar, P., Almodóvar, A., Rejas, M., Gómez, A., Salcedo, J., Iglesias, A., ... & Cruz, P. (2001). Todo sobre mi madre. Pathé.

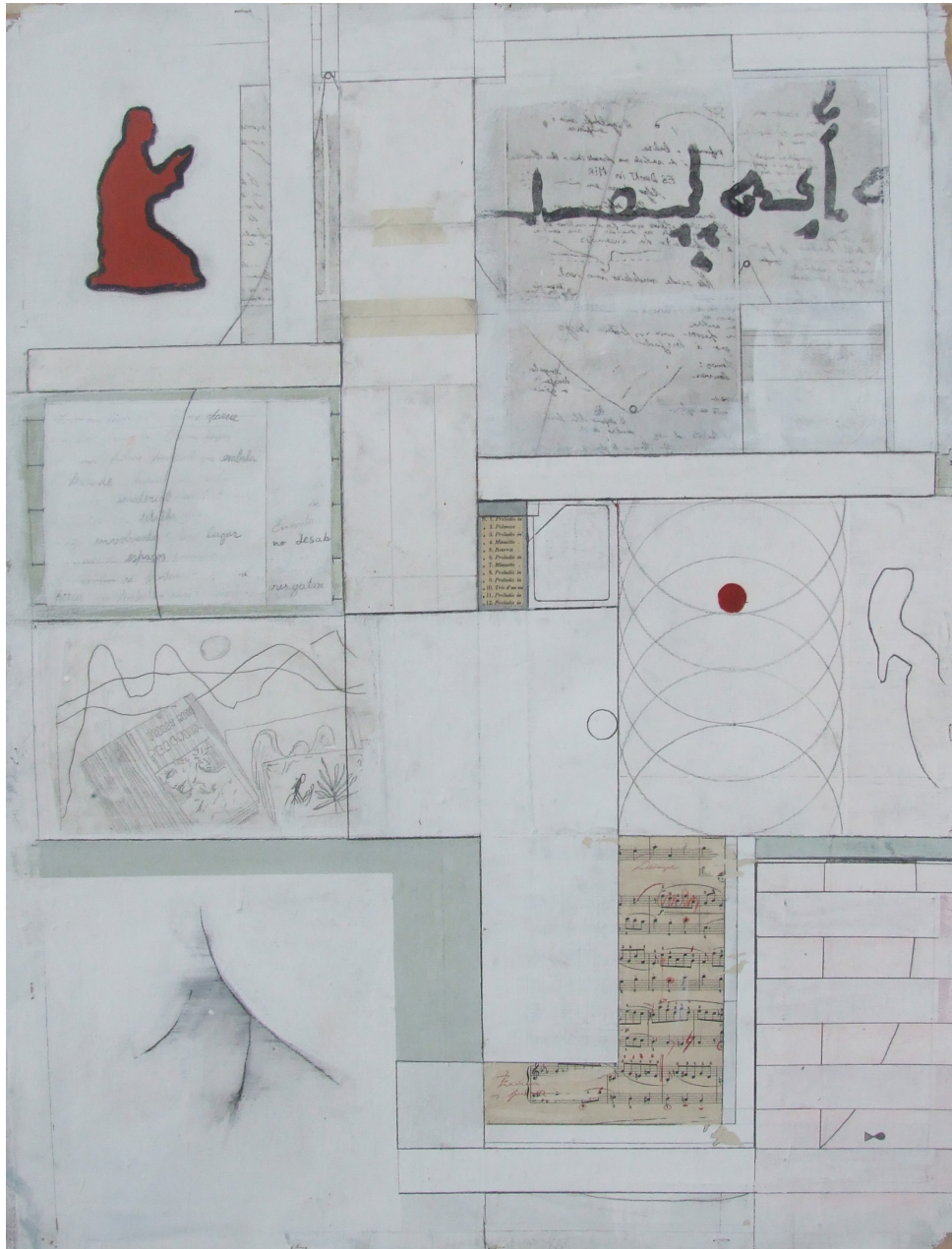


Figura 34 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem título*, 2016. Colagem sobre papel. 85 x 67 cm

cadência da mão e do fluxo azul da escrita rápida porque estava a ser fotografado, fotografia que vai para a tese, fotografia do momento da escrita em que escrevo a tese que junta tudo isso. Mais uma vez o movimento circular.

(...)

16.05.

(...) Fiquei a tarde toda a trabalhar. A meio entrou R. com quem tive uma conversa muito estimulante. Ele falou-me do Cézane, porque está a gostar muito de ler um livro chamado “Conversations with Cezane<sup>17</sup>”. Apontei uma frase, que ele me leu, num papel:

17 Cézanne, P., & Doran, P. M. (2001). *Conversations with Cézanne*. Univ of California Press.

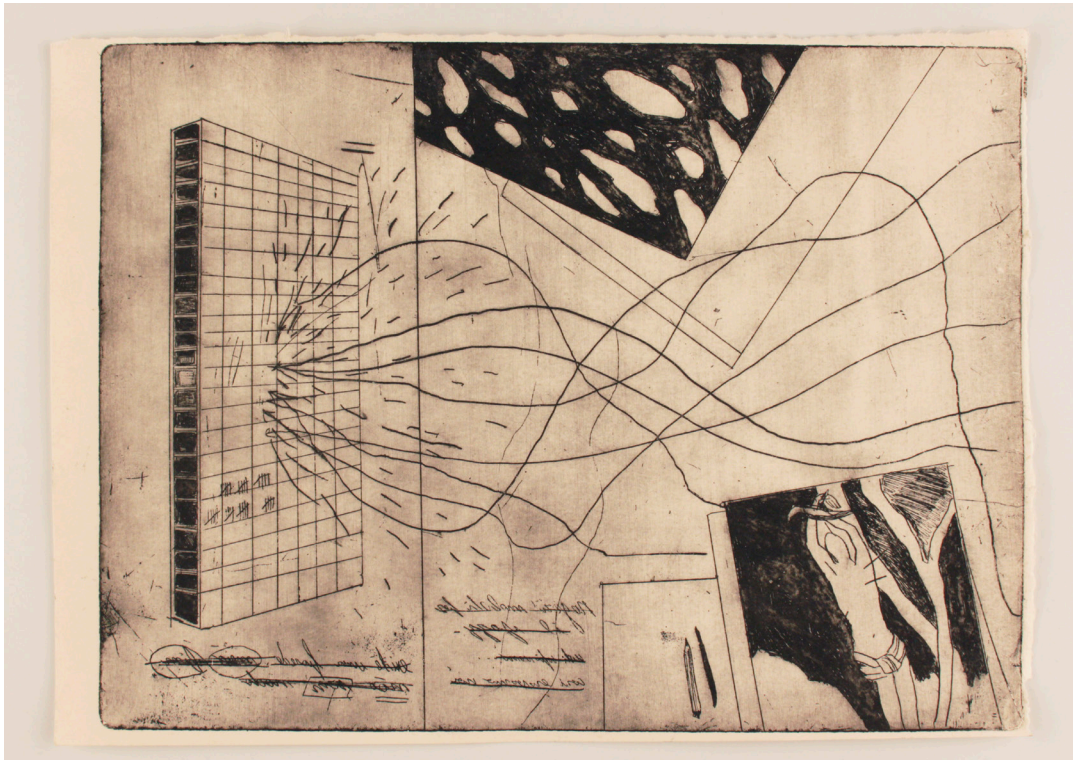


Figura 35 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem Título*, 2016. Gravura. 25 x 35 cm.

“Genius is the ability to renew one’s emotions by daily contact with nature”.

O que mais posso, neste momento em que escrevo, desejar do que dedicar-me a desenhar essas formas essenciais dos objetos que constituem a paisagem do meu quotidiano? Com linhas firmes e sinuosas perseguir o mistério das coisas, restituir-lhes a sua força própria. Nem sei explicar bem porque me move tanto esta vontade e essa frase de Cézanne. Creio que a chave está na interpretação da palavra “natureza”, não no sentido científico (ainda que também o possa ser), mas sobretudo “natureza” como verdade escondida à espera que o espanto nos faça ir ao seu encontro. Resumidamente é escutar com toda a disponibilidade o que nos rodeia e trabalhar com isso dedicadamente.

(...)

17.05.

(...)

Foi um dia difícil, a marca de que esta semana é de grandes desafios. Depois de ter acabado o dia consegui anotar coisas importantes para que não caia em ilusões durante o processo:

“- Desconfiar dos desenhos em que não passei horas realmente atento às suas possibilidades.

-Preparar as condições no espaço (ter folhas grandes preparadas e também muitas pequenas) para que não hajam atritos inconscientes.”

18.05.

Cheguei à sala e comecei a trabalhar. Não foi preciso muito para perceber que todos os bloqueios dos



Figura 36 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem Título*, 2016. Óleo e esmalte sobre papel. 31 x 48 cm



Figura 37 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem Título*, 2016. Óleo sobre papel.. 38 x 53 cm

dias anteriores se estavam a transformar no seu contrário. Trabalhava com alegria e vontade. O que possibilitava ver tudo com mais clareza. Enquanto trabalhava escrevi algumas notas de pensamentos que ia tendo durante o trabalho e um outro que tive no caminho para o atelier. O no caminho era assim:

“Existe um lugar que me aparece em bons momentos. Um lugar de um Futuro possível que me embala o Presente, que tece outro Presente invisível - constantemente alimentado de detalhes que o tornam mais envolvente. Um lugar em que os espaços se prestam a que me demore no trabalho mais etéreo e no deleite mais profundo.

Um sentimento que penso ser paralelo a um momento em Santiago de Compostela. Quando era pequeno e chovia e estava de férias. Mas tudo à minha volta era de uma alegria serena como se a atmosfera me quisesse confidenciar um segredo. Uma melancolia que se transformou em prazer. Encontrar o abrigo mais íntimo no desabrigo infinito do mundo.”

Quando escrevi isto estava muito animado, agora não estou tanto. Creio que devo deixar a escrita para a manhã (que vale mais a pena). Também sei que estas linhas não têm grande valor literário. Não vou deixar de as escrever, ainda que não estejam trabalhadas são meros registos de pensamentos confusos que tenho na viagem para a escola.

(...)

20.05.

Depois de almoçar li um livro belíssimo chamado “Estudos do labirinto<sup>18</sup>” de Károly Kerényi. Fez-me adormecer no sofá a imaginar viagens a Creta para procurar os labirintos. (...)

18 - Kerényi, Károly. Estudos do Labirinto. Lisboa : Assírio Alvim, 2007



Figura 38 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem título (detalhe)*, 2016. Tinta de acrílica sobre papel. 49 x 18 cm.  
 Figura 39 - Fotografia de um choco na grelha, tirada por mim. 2016

21.05.

(...)Li um pouco do “Estudos do labirinto” onde, a meio do livro, o autor distingue o conceito de Problema e de Mistério de uma forma esclarecedora:

“Este (o problema) deve ser resolvido; uma vez que isso aconteça desaparece. Aquele, pelo contrário, deve ser experimentado, venerado, integrado na própria vida. Um mistério que seja desvendado mediante explicação, nunca foi tal. O mistério autentico resiste à explicação; e não porque se furte à prova, por meios de qualquer truque de dupla verdade, mas sim porque, pela sua natureza, não pode ser desvendado racionalmente”

Este livro está a ser muito sugestivo pelas imagens que evoca da mitologia Grega. Em particular das do trio: Ariadne, Minotauro, Teseu. Que sempre, sem saber porquê, me atraíram. (...)

3.06.

Cheguei atrasado às aulas. Depois voltei aos desenhos. Num deles desenhei três orelhas verticais pintadas a partir do seu interior com tinta da china. Pinte estes ouvidos porque me lembrei de um poema de Michel Leiris chamado “Tímpano”, que acompanha as margens de um texto do Derrida<sup>19</sup> chamado “Timpanizar a Filosofia”.

Parei os desenhos para assistir a uma aula do professor F.P. Estas aulas têm sido muito valiosas porque quando saio tenho sempre muita energia para trabalhar. Começámos por ler um texto do Ernst Junger chamado “*Tête et piede*”<sup>20</sup> para falar sobre as relações de semelhança. Especificamente

19 Derrida, J. (1991). *Margens da filosofia*. Campinas: Papyrus.

20 Jünger, E., de Sousa, M. H., & Sertório, E. (2001). *Drogas, embriaguez e outros temas*.

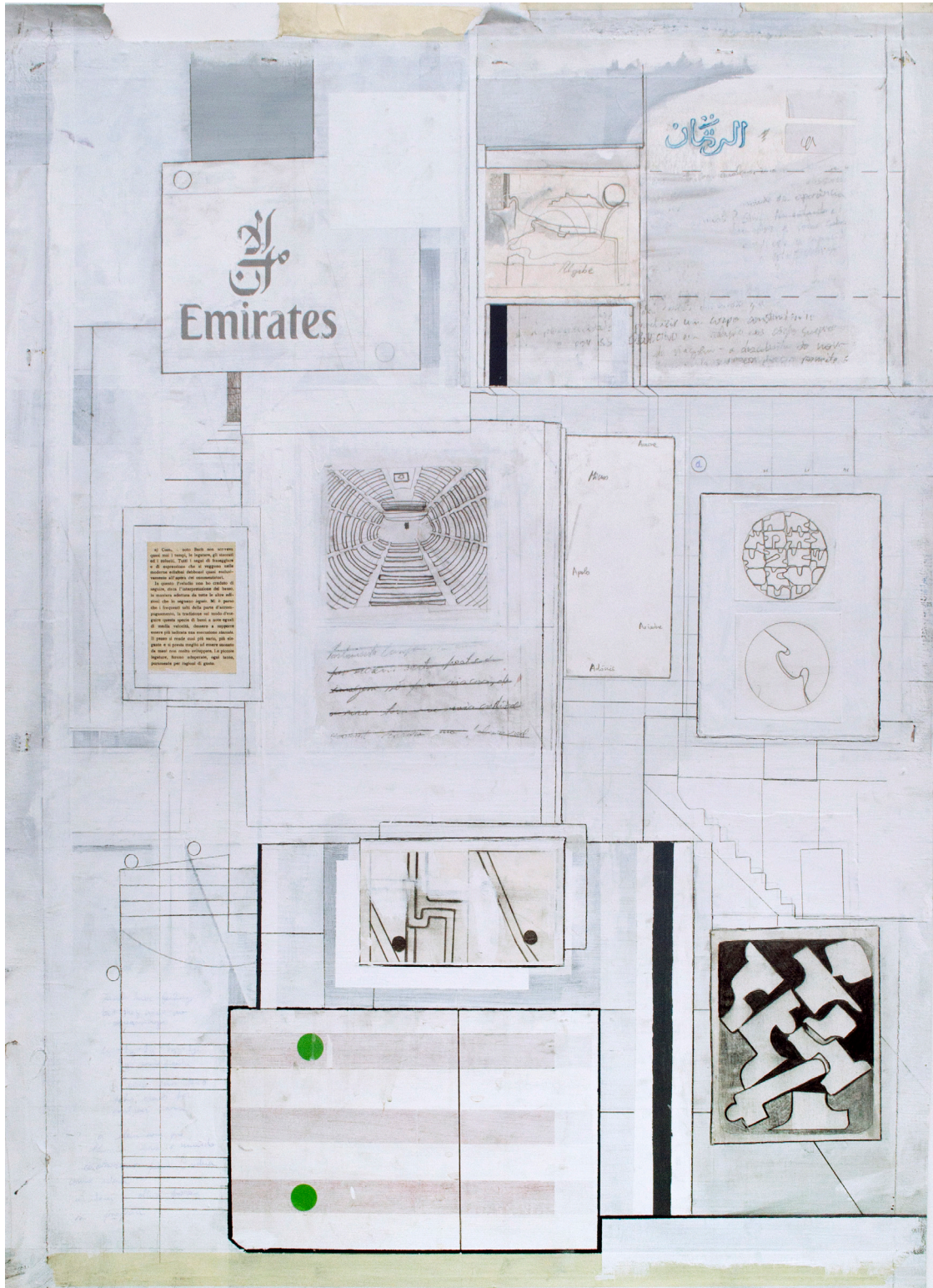


Figura 40 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem título*, 2016. Colagem sobre papel. 88 x 65 cm

sobre as relações entre as palavras e o corpo. Mais uma vez, foi um texto que me está a ser útil, por evocar um tipo de compreensão do mundo que tem um paralelo com o meu trabalho no atelier. Depois fui trabalhar, até que um pouco antes da meia noite. Até chegar o P.S. que me mostrou músicas Árabes que anda a ouvir. Fomos juntos para a praça onde encontrámos outros amigos. Cheguei a casa cansado e comi chocos grelhados com arroz.

5.06.

Voltei a acordar tarde. Tomei banho de água fria. Comi rapidamente a aveia. Mas depois não consegui ser estoico o suficiente para sair logo de casa. Acabei por demorar imenso tempo a fazer o almoço e a arrumar a cozinha. A parte boa foi ter visto no Youtube o video do Gilles Deleuze sobre o Desejo<sup>21</sup> que um amigo me recondou dias antes.

21 Deleuze, G. ( 1989 ). O abecedário de Gilles Deleuze. Brasília: TV Escola. (Vídeo).

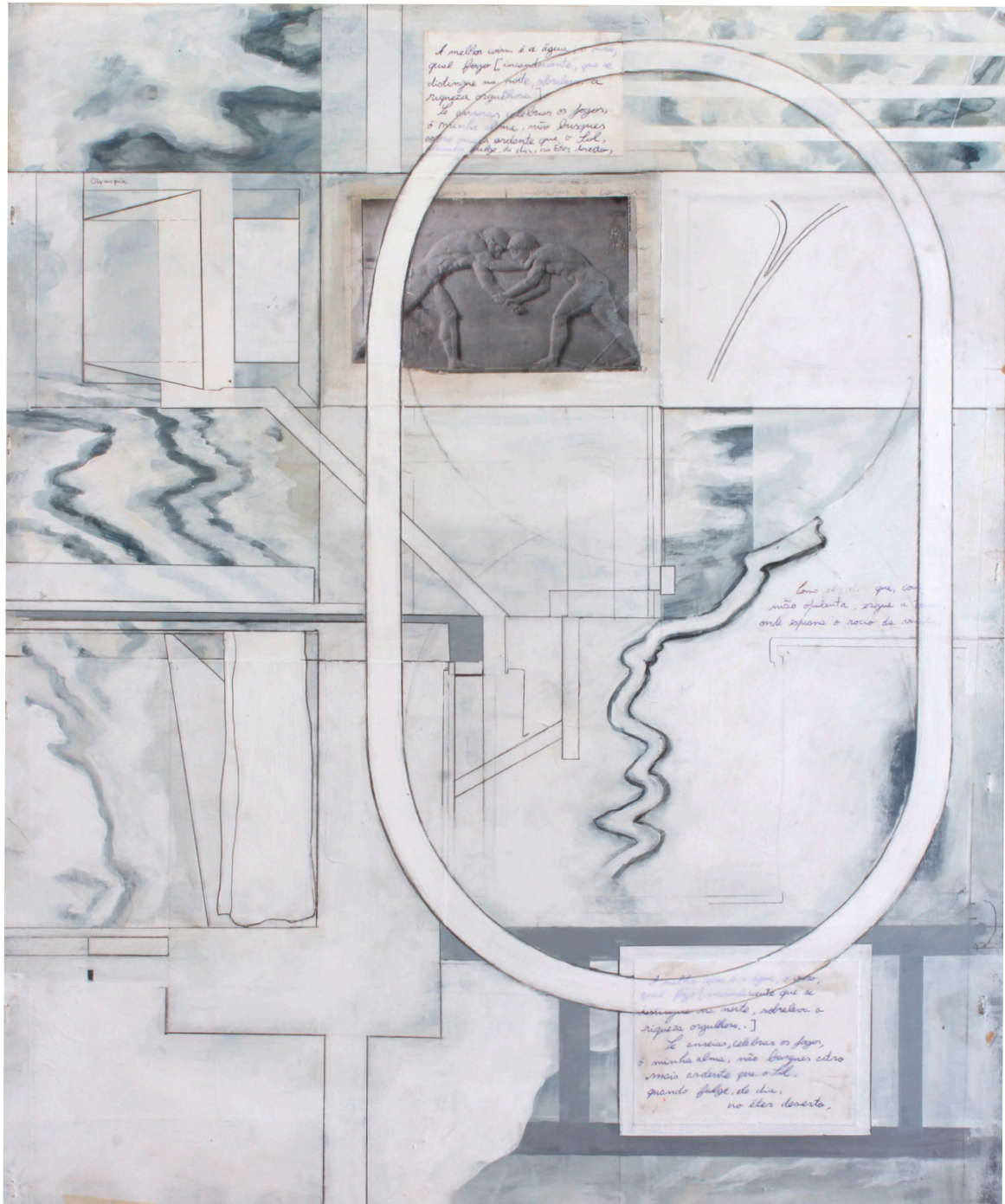


Figura 41 - Bartolomeu Gusmão. - Sem título, 2016. Acrílico e colagem sobre papel. 80 x 63 cm.



10.06.

Foi um dia muito agradável no atelier porque estava sozinho. Dediquei o dia a uma enorme arrumação. daquelas arrumações épicas que são quase uma performance secreta. Arrumar tem sido um verbo que cada vez mais se tem mostrado meu aliado. Particularmente aliado do caos que tendo a produzir, mesmo quando pretendo arrumar.

Acabei de vez o desenho do Píndaro. Dei uma nova arquitetura ao atelier, mudando as mesas em função dos desenhos em que agora estou concentrado. Reconciliei os desenhos do passado com coisas que agora me interessam. Enquanto andava neste processo que envolve uma grande quantidade de energia, memória e atenção surgiam-me coisas que apontei num papel:

(...)

“(...)Gostaria de um dia fazer um mestrado só sobre o caderno. Aprofundar a potência do caderno como espaço da escrita, dos desenhos, dos diagramas, de ideias, das pinturas. Perceber a sua importância e pesquisar como outros artistas passaram por essa experiência. Ter vários cadernos no atelier como meio de trabalho. Fora do atelier passaria a usar bons cadernos sempre que fizesse algum apontamento. Aprenderia a nunca sobrestimar o momento do registo, qualquer que seja, acompanhando-o de desenhos e explorando o seu potencial. Desta forma teria todos os meus registos bem guardados e sobretudo registados com o máximo de dignidade e vitalidade possíveis.”

(...)

13.06.

Ainda no Bombarral. Tomei um grande pequeno almoço de iogurte e cereais. Depois fui continuar a ver livros com imagens de pinturas. Chamou-me a atenção, porque se prende diretamente com assuntos que ocorrem presentemente nos meus desenhos, a imagem de algumas pinturas mais abstratas de Batarda e de António Areal.

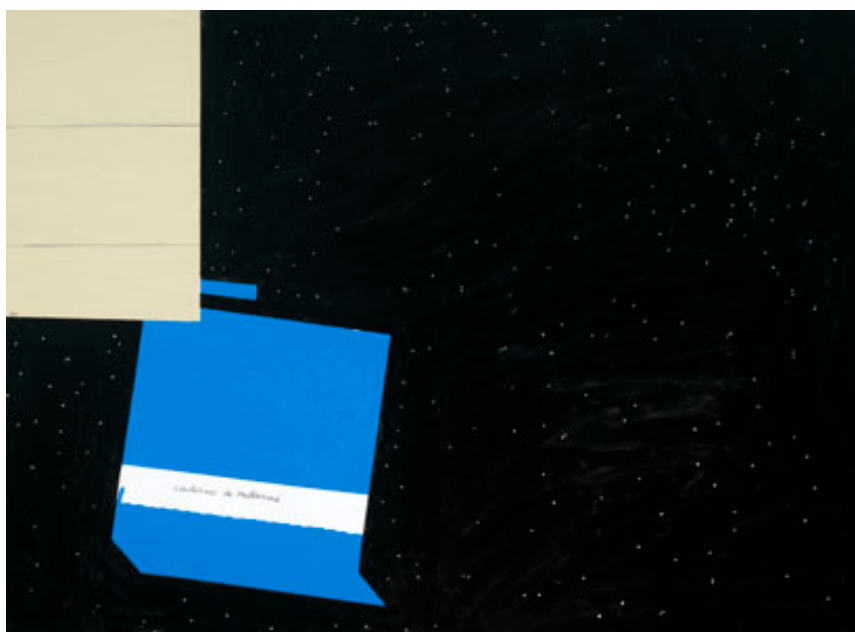


Figura 43 - Alvaro Lapa, *Caderno de Mallarmé*, 2005. Acrílico sobre tela. 135 x 183 cm



Figura 44 - fotografia no meu atelier. © Pedro Cá 2016

De Batarda, as que têm menos figuração. Sobretudo as aguarelas em que as figuras da banda desenhada saíram e por isso há uma atenção maior aos elementos abstratos.

De Areal, as que parecem nascer do fundo da folha e que por isso não fazem tanto uso da perspetiva. Agora enquanto procuro imagens de trabalhos dele na Internet não encontro nada que goste. O que me chamou à atenção, ainda que não “morra de amores” pelo Areal, foi a planura da folha com lugar de inscrição e a forma singular como as tensões e desdobramentos de planos ocorrem na superfície. Mais uma vez isto relaciona-se com um tipo de construtivismo. Tudo isto se misturava na minha cabeça. Não me interessa a obra toda de Batarda ou de Areal. Mas apenas alguns momentos em que, através de um mínimo de formas e de cores, se convoca uma sensação profunda e verdadeira. Profunda mesmo através da sua planura. Verdadeira no sentido em que precisou do mínimo da técnica para evocar o indizível. Penso, enquanto digo isto, numa pintura de Álvaro Lapa para a qual estive muito tempo a olhar, intitulada “Caderno de Malarmé”.

Guardei os livros na prateleira e fui ajudar a por a mesa. O almoço foi divinal. Sardinhas em lata, pão de centeio, vinho de trás-os-montes, queijo de cabra e pepino. Relembrei-me de que as melhores refeições são muito exigentes na sua simplicidade.

Depois na viagem para as Caldas li a primeira carta do livro “Cartas a um jovem poeta” de Rilke<sup>23</sup>. Isto teve um impacto tremendo no meu estado. Fiquei com a calma ideal para trabalhar. Foi o que fiz até à hora de jantar. Embalado pelas palavras religiosas de Rilke trabalhei com a concentração certa nos desenhos que tenho agora esticados nas paredes do meu atelier.

À noite o J. foi ver os meus trabalhos e gostou muito de alguns. Expliquei-lhe como os fazia: que uns precisavam de ser construídos e desconstruídos continuamente, enquanto que outros apareciam de uma forma mais rápida. Os que demoram mais tempo têm sido os melhores, que constituem

---

23 Rilke, R. M. (2014). Cartas a um jovem poeta (Vol. 5). Atlântico Press.

um corpo mais autónomo, com regras e imposições próprias às quais tenho apenas de estar atento, à escuta.

31.06.

No atelier trabalhei com o sossego próprio destes dias em que não há ninguém na sala. Continuei a pintura grande que comecei ontem. (...) As transformações que a pintura sofria estavam a torná-la mais plana e as cores do fundo que se aguentaram juntamente com umas colunas brancas deram-lhe uma atmosfera particular. Essa atmosfera agrada-me por que tem um tipo de qualidade que quero explorar. Qualidade essa que se relaciona principalmente com a planura da folha (também com a cor branca e textura). Mas a planura traz consigo uma forma de sentir o mundo através do plano da folha que me estimula muito. Encontro isto em algumas pinturas de Matisse, nas pinturas de juventude de Peter Doig, em algumas pinturas de R. B. Kitaj ou em baixos relevos Egípcios. Falar a nível técnico é mais seguro e mais acertado. Porque isto surge sempre através de processos técnicos, através do contacto com relações da matéria da textura, cor e linha.

Esta qualidade da matéria evoca um tipo de sensação que vai surgindo no próprio processo de ir trabalhando a matéria e as sensações que essa matéria levanta.

Fiquei o dia todo de volta desse desenho. (...)

2.07.

Fui para a escola em modo de arrumações. Sabendo que o ano escolar está a terminar e que mais tarde ou mais cedo teria que sair do atelier que montei na escola. Comecei a preparar tudo para as mudanças.

Nisto deparei-me com uma caixa cuja importância deveria referir aqui.

Durante muito tempo fiz desenhos sem qualquer sentido inicial que não o de responder a uma epifania súbita. Por vezes representava um sonho; um pensamento urgente; estudos para futuras pinturas; ou pura e simplesmente tratava-se do prazer de desenhar sem pensar em mais nada. Disto nasceram centenas de pequenos desenhos muito diferentes uns dos outros. Diziam-me que se percebia que eram desenhos meus, ainda que fossem propostas muitos diferentes entre si, apesar disso sentia falta de estrutura. Por isso procurei ter uma linha processual mais consistente, o que era uma necessidade genuína porque sentia que faltava uma estrutura que lhes desse mais corpo. Depois de muitas tentativas falhadas consegui a tal série de desenhos grandes em papel. Muito importante referir que essa série surgiu de colagens feitas com os desenhos que retirava da caixa.

A caixa tem grande valor porque é o lugar dos desenhos livres, que têm de frágil o que têm de arriscado, e isso faz com que componham a reserva de nervos, de loucura e espontaneidade a que não me devo desligar. É isso que significa para mim a caixa. Os desenhos que fiz na viagem para Aljezur foram para a caixa e depois serão cortados, colados ou fotografados. Não importa, na altura se verá. O que importa é que a caixa é o meu arquivo de registos espontâneos e de pequena escala. Sem eles seria muito mais demorado (para não dizer impossível) concluir os desenhos grandes que têm a estrutura que falta a estes. A caixa representa, no contexto do meu atelier, uma forma processual de trabalhar muito livre e sensível, ela é o depósito do caos criativo a partir do qual posso retirar sempre alguma coisa para trabalhar. É como um poço de petróleo, onde falta processar a matéria em bruto, mas sem ela não haveria nada de substancial.

7. 07.

O tempo estava ventoso e nublado, como é habitual nesta parte amaldiçoada do Algarve. Fui como toda a gente para o carro que nos levaria até á praia. tinha na mochila um caderno onde pinteí partes do caminho. Estava meio distraído quando o carro se aproximava do fim da sua curta viagem. Quando passamos a colina bem alta por cima da praia vejo surgir de repente, sem que estivesse preparado, a grande e muito luminosa praia de Monte Clérigo. Foi um extase para os sentidos e algo dentro de mim dizia: - É sempre uma surpresa.

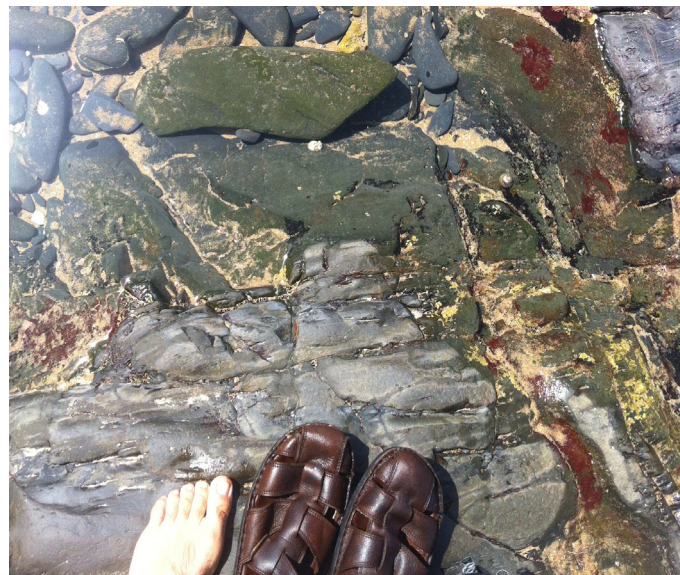
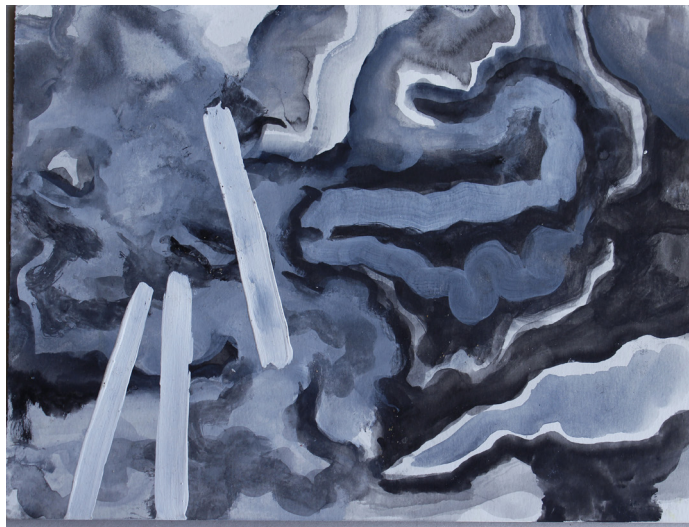


Figura 45 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem título*, 2016. gouache sobre papel. 26 x 32 cm

Figura 46 - fotografia tirada por mim na praia de Monte Clérigo. 2016

29.07.

comecei um desenho novo (imagem em baixo), onde procurei a mesma lógica dos desenhos anteriores mas sem colagens.

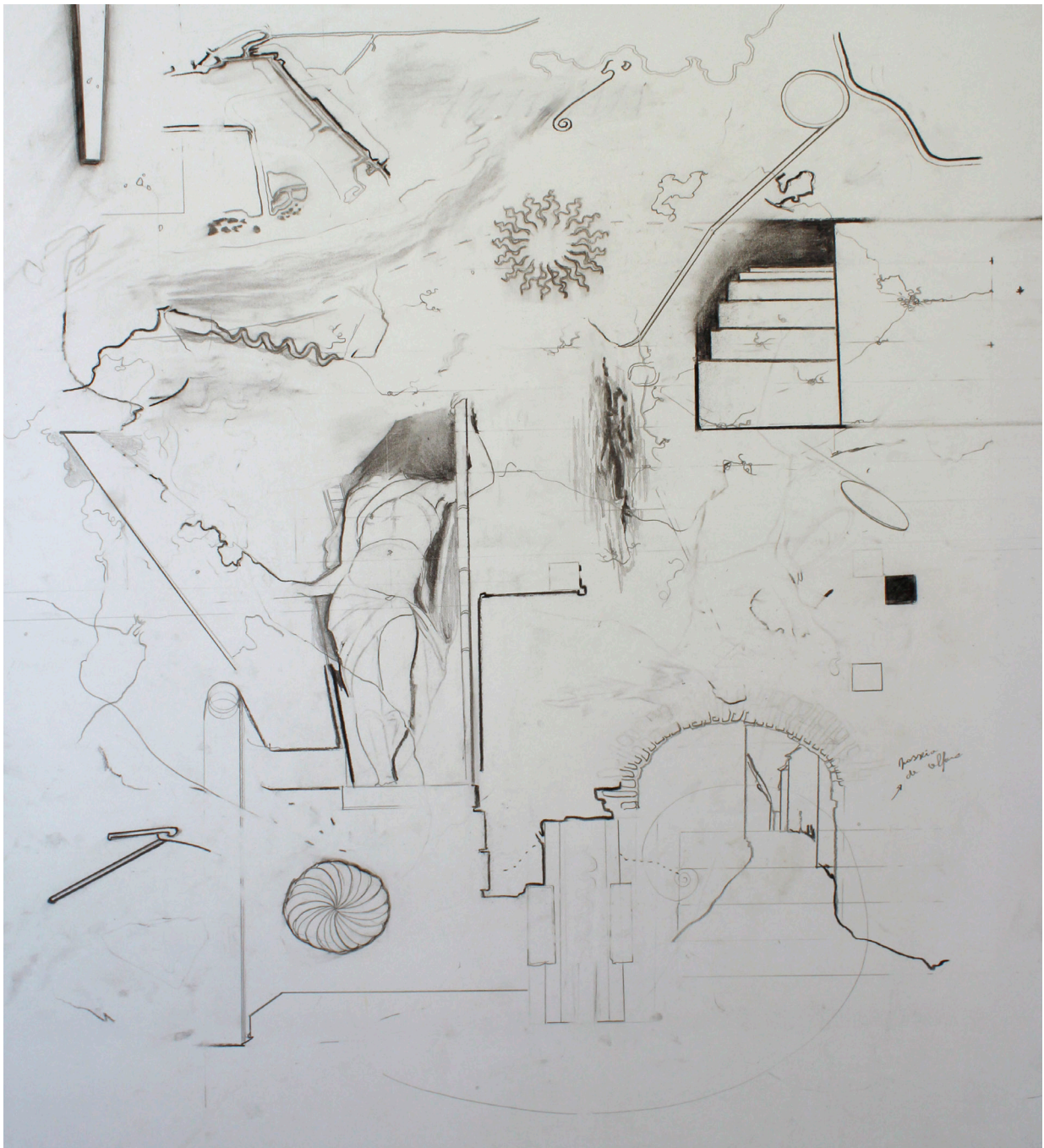


figura 47 - Sem título, 2016. grafite e carvão sobre papel. 92 x 81 cm.

## ÍTACA

Quando saíres a caminho da ida para Ítaca,  
faz votos para que seja longo o caminho,  
cheio de aventuras, cheio de conhecimentos.  
Os Lestrígonos e os Ciclopes,  
o zangado Poséidon não temas,  
coisas assim no teu caminho não acharás nunca,  
se o teu pensamento permanecer elevado, se emoção  
requintada o teu espírito e o teu corpo tocar.  
Os Lestrígonos e os Cíclopes,  
o selvagem Poséidon não encontrarás,  
se com eles não carregares na tua alma,  
se a tua alma não os colocar é tua frente.

Faz votos para que seja longo o caminho  
Para que sejam muitas as manhãs de verão.  
nas quais com que contentamento, com que alegria  
entrarás em portos vistos pela primeira vez;  
Para que pares em feitorias fenícias,  
e para que adquiras as boas compras  
coisas de nácar e coral, de âmbar e de ébano,  
e essências de prazer de qualquer espécie,  
quanto mais abundantes puderes essências de prazer;

para que vás a muitas cidades egípcias,  
para que aprendas e aprendas com os letrados.

Deves ter sempre Ítaca na tua mente.  
A chegada ali é o teu destino.  
Mas não apresses em nada a tua viagem.  
É melhor durar muitos anos ;  
e já velho fundares na ilha,  
rico do que ganháste no caminho,  
sem esperares que te dê Ítaca riquezas.

Ítaca deu-te a bela viagem.  
Sem Ítaca não terias saído ao caminho.  
Mas já não tem para te dar.

E se um tanto pobre a encontrares, Ítaca não te enganou.  
sábio como te tornaste, com tanta experiência,  
Já hás-de compreender o que significam Ítacas.<sup>1</sup>

---

1 - in Konstandinos Kavafis. - *Os Poemas*, Relógio d'água, Tradução de Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratsinis, 2005

## Reflexão

Esta componente escrita procurou ser um olhar sobre o trabalho artístico e o que o rodeia, tentando fazer justiça à sua natureza espontânea, tão diferente de um pensamento analítico. Num documento desta natureza, estaria tentado a fazer afirmações categóricas sobre o que faço e isso limitaria aquilo que o trabalho tem de intuitivo e suscetível de sofrer alterações. Por isso, o Diário, mais do que elaborar exhaustivamente um tema, procura mostrar um caminho que se percorreu por prazer e é a partir dele que podemos encontrar as *constelações* de materiais, cores, vivências e tudo mais que compõe a globalidade do trabalho produzido.

Parece-me que esse caminho e as *constelações*, tal como estruturas sem centro, não só provaram ser mais ajustados para ir ao encontro do meu trabalho como da vitalidade de tudo o que o rodeia, o possibilita e o caracteriza como eterno gerador de sentidos. O que for que se cruze comigo, sejam ideias, paisagens, livros... participa desta grande *constelação* e é igualmente relevante para me fazer trabalhar. Porque o desejo de trabalhar é o único elemento que não muda; tudo o resto acontece só *depois do trabalho*. Isto lembra-me a música que Lou Reed escreveu sobre Andy Warhol:

“Andy said a lot of things, I stored them all away in my head / Sometimes when I can't decide what I should do / I think what would Andy have said / He'd probably say you think too much / That's 'cause there's work that you don't want to do / It's work, the most important thing is work / Work, the most important thing is work”<sup>1</sup>

As decisões mais valiosas são as decisões que surgem da imersão no fazer e são também elas um tipo de pensamento, o pensamento *das mãos*, mas esse pensamento não se deixa agarrar facilmente pelas lógicas do pensamento conceptual. É um pensamento da vontade realizada na prática, um tipo de saber da experiência em si mesma.

---

1 - Reed,L e Cale J. (1990) Work. Songs for Dreia. Sigma Sound, NYcity



# Anexo

# Diário

25.03.

Logo de manhã fui para o atelier. Arrumei o espaço de trabalho. Procurei trabalhar em formatos pequenos sobre papel de aguarela (folhas com alta gramagem com cerca de 16 por 14 cm). As lógicas do mapeamento e diagrama que têm aparecido no meu trabalho foram o foco desta semana. Estes termos surgiram como exercício.

Tenho necessidade de referir que o conjunto de trabalhos que tenho feito em função destes conceitos não são de natureza conceptual ou ilustrativa. Mapeamento e diagrama são termos que se relacionam com operações que estes desenhos sugerem, no entanto creio que eles não sejam suficientemente justos. Porque a haver uma palavra deste género teria de ser uma cheia de hífen ou então que se relacionasse com a pintura como processo em si mesmo.

Numa folha grande fiz uma série de esboços e aponte algumas notas de coisas a fazer nas próximas semanas.

Fiz, neste dia, outras pinturas nestas folhas de aguarela e em pequenas telas já preparadas. Através das cores intensas do bom pigmento destes guaches procurei fazer pinturas como quem viaja e deseja ser surpreendido. Estava focado na forma como o pigmento muito concentrado destas tintas se dissolvia na água e como isto se encontrava com a natureza do suporte, ora da folha ora da tela. Estava fascinado com a potência das cores, sempre relativas às que as rodeiam e sobretudo ao facto de estarem intimamente relacionada com a textura, densidade e ao gesto da pincelada. Se faço um fundo rápido com uma trincha, se aplico grandes quantidades de tinta diretamente do frasco para a superfície, se junto tintas com luminosidades diferentes ou iguais... Tudo isto afecta a natureza da cor que se materializa no suporte.

16.03.

Descansei a manhã toda. Fiz o almoço e arrumei a casa. Li um pouco na cama. Saí demasiado tarde de casa, mas a sentir uma grande paz de espírito que se aumentava cada vez mais. Chegando ao Lago do parque, que estava mais belo do que nunca, perdi a noção do tempo e fiquei completamente hipnotizado pela vibração centrífuga que os patos imprimiam na água. A vibração dos anéis de água fez-me sentir encontrado e feliz como se essas linhas delicadas que ondulam sobre o reflexo fossem o símbolo em ação de algum ser que erradia existência. Na superfície da água via-se tanto o fundo, escuro cheio de vida, como o céu azul a entardecer com a flora verde tremida. tudo intercedido no plano claro do espelho de água e tudo a vibrar do centro para a periferia. Passaram-se horas no lago e mesmo a ir para o atelier ainda sentia as ondas por todo o lado.

A semana anterior, passei-a em Lisboa. Agora que escrevo estou com poucas horas de sono. Mas nessa altura ainda que se diga que o primeiro dia de atelier (depois de algum tempo sem trabalhar) é sempre penoso aquele foi muito prazeroso. Ficou cristalizado num esboço de aguarela sobre papel Fabriano. Pretendo dar continuidade a essa vibração.

À noite eu, o J.G e o J.F. fomos beber Gins a casa de um amigo. O J.F. saiu mais cedo, antes de fazer anos à meia-noite e por isso não ouviu as histórias que se contaram durante horas.

17.03.

Fui para a escola ainda com as ondulações do dia anterior. Acordar, estranhamente não me custou. Estava bem-disposto e por isso até me esqueci que tinha aulas. Só quando entrei na sala é que me lembrei que era quinta feira.

Ainda bem que cheguei atrasado porque na sala haviam dois convidados, menino e menina, dois jovens empreendedores, a falar de arte como quem fala de uma agencia de imobiliário ou de um escritório de advogados. O que vale é que haviam livros com imagens que alguns colegas trouxeram. Entre essas imagens gostei particularmente das esculturas e desenhos de Antony Gormley. Almociei com colegas. Quase não comi porque falei demasiado. Alguém incentivou-me a levar o prato com comida para a sala. Foi o que fiz. Vi o meu irmão e bebi um café com ele e com a namorada que está muito triste com a morte do pai. Não soube o que lhe dizer e por isso fiquei melancólico. Andei de volta do meu espaço para tentar que ficasse apresentável para a reunião que teria dentro de uma hora. Estava com alguma ressaca. Ontem foram demasiados Gins e depois do almoço isso sente-se. Talvez mais pela comida que pelo álcool. Fiz uma lista para obrigar-me a descansar e a pensar ao mesmo tempo. O primeiro tópico da lista era encontrar a folha com a proposta de tese para entregar à minha orientadora. Não encontrei a folha em lado nenhum. Só agora sei que estava em casa. Sabia que isso podia ser problemático, mas como algo me dizia que a conversa ia ser agradável esperei que não fosse um pro-

blema. Apesar da ressaca, a companhia alegre da M.S, do David Bowie e das lagoas belíssimas que descobria, fizeram-me ganhar vida. A parte melhor foram as lagoas, e a entrada nas catacumbas. As catacumbas daquele atelier gigante eram, há uns anos, acessíveis por canoas. Os tetos e as paredes estavam cheios de tesouros. Talvez tenha sido o clímax do dia. Aquelas manchas de veludo e ouro, completamente indescritíveis. Tão reais que pareciam irreais, latejavam em cima e de baixo de si próprias, ilhas de bolor de veludo e cristais de vinho. Com a lanterna dentro daquela capsula do tempo apontava para um lugar e cada vez mais delirava com aquele espaço que ela usa como atelier.

Conheci os seus filhos. Cheios de energia, iguais á mãe. Sabiam as músicas do álbum Hunky Dory melhor que eu. Estava cansado, mas foi uma belíssima viagem. À noite comi o prato que tinha roubado ao almoço. Tinha que ir para casa cedo porque no dia seguinte tinha que estar na escola às 9h para entregar um papel. Estava tão cansado que nem consegui copiar o texto do papel para o computador. Adormeci.

18.03:

Acordei muito cedo para ir à escola às 9h para entregar um documento. Como era necessário assinar a folha e a professora tinha que partir, fiquei de a imprimir e entregar na entrada. Aproveitei estar na biblioteca para escrever os dias anteriores e fazer um trabalho de casa. O meu pai ligou a dizer que por causa do mau tempo era melhor montar a cerca no próximo fim-de-semana (ando a pensar que quero ficar meses sem voltar a Lisboa para me concentrar mais nos trabalhos, mas é complicado...). Estava e estou com falta de sono. Essa falta de sono e o facto de a aula ser só ás 3h fez com que ficasse num estado complicado durante um tempo que pareceu enorme. Não dava para trabalhar. A sala de projeto com pessoas ainda me desencorajava mais e por isso fiquei a imprimir textos e a passear. N., a minha colega Belga combinou almoçar comigo no fiel amigo e como comemos e bebemos bem consegui aguentar a falta de sono de uma forma muito mais bem-humorada. A aula era sobre livros de artista e foi dada no auditório por uma artista brasileira. Depois ainda andei às voltas a tentar perceber se era agora que começava a trabalhar. Tentei entregar o papel na direção, mas já não estava lá ninguém. N. foi para o Yoga por isso fiquei com a sala só para mim e pouco a pouco renasceu um otimismo de atelier que já não tinha à muitos dias. O que havia a fazer parecia mais perto. Os trabalhos estavam mais belos. Mais claros nas suas exigências. Senti-me muito confiante e isso fez com que tudo o que antes me deixava ansioso ou deprimido passasse a ser um mero obstáculo, e o que antes era um problema passou a ser a pressão necessária. Nestas alturas, mesmo sem sono, nascem forças que bem geridas dão sempre bons resultados. Ao início comecei muito feliz a cortar folhas antigas de aguarela na dimensão certa para registar em desenhos todas as imagens que tinha na cabeça da ida a Lisboa. A ida a Lisboa foi muito animadora, todos os dias foram enriquecedores. Com aquele animo de certeza que sairia algo de positivo. Podia não ser à primeira, mas havia tempo. De repente, quando olhei para uma pintura que estava em cima da mesa tive um impulso súbito de querer fazer outra coisa a partir do que ele me sugeria. Peguei numa tábua de madeira que tinha um papel já esticado e preparei as cores para fazer como planeado. Antes de pôr as cores de fundo tinha um pincel que usei para tirar o azul da lata. Esse pincel pediu para fazer uns gestos rápidos mas quase retos sobre a folha. A folha tinha uma quantidade grande de amarelo. Esse amarelo tinha caído em grandes quantidades quando noutro dia tropecei na lata e para aproveitar atirei a tinta do chão para essa folha grande. As linhas correram muito bem e estava a surgir algo muito autónomo e fresco. Fez sentido fazer com as linhas do pincel grosso as vias de um mapa antigo chinês de há muitos séculos que estava também em cima da mesa numa impressão barata. Fui corrigindo e acrescentando camadas numa dança muito particular de tirar e por coisas. No final ficou uma espécie de olho-mapa agora já mais do médio Oriente que da China. Gostei. Foi um bocado atípico. Não é nada daqueles trabalhos que nascem da pequena diferença e de um projeto previsto, mas para primeiro dia parecia-me a coisa certa para começo.

No fim do dia olhei para os trabalhos que tinha no armário e reparei que eles andam essencialmente à volta de duas linhas processuais: uma composta por desenhos a lápis de grafite sobre papel. A segunda por um tipo de pintura focada nas relações que se criam entre transparências e opacidade e entre a figuração e abstração.

A primeira é a mais natural e corre quase sempre bem, no entanto sinto que estes desenhos precisam ainda de algo que os agarre<sup>1</sup>. Gostava de um dia poder expor pinturas à frente dos meus desenhos. Talvez as pinturas, por serem mais autossuficientes que os desenhos possibilitem a estes justificarem-se mais facilmente enquanto apontamentos ou estudos. Entretanto estou entusiasmado e só quero acordar cedo e deitar cedo para dar início a algo que só existe se for trabalhar.

---

1 - Mais tarde seria a colagem e composição destes desenhos pequenos em folhas grandes que iria resolver este problema e que ia dar origem à série de desenhos que apresento no fim.

9.03:

Acordei por volta das 9h30. Fiquei a manhã a arrumar a casa e a estender roupa. Estava feliz porque a noite foi boa e senti que dormi muito. O J. fez comida macrobiótica. Engraçado que antes ele só comia carne com massa e agora a companhia do J.F. (o meu nutricionista como ele diz) deu nisto. Durante a manhã pensei no que J.F. me disse no dia anterior entre copos de Gin. Ele olhou-me e disse: - Já viste ainda há pouco estavas a ver os patos no lago das Caldas e antes tiveste em Lisboa e viste muita coisa e agora estás aqui. Não foi bem isso que ele proferiu, era parecido, mas ficou-me guardado na memória como uma espécie de vertigem que o J. me queria transmitir, a estranha impressão de haverem infinitos presentes e de o tempo ser um composto muito elástico. Em que o Presente é passado do Futuro e o futuro também será passado e tudo isso é perdido e depois recuperado de uma forma misteriosa e impressionante. Estavas ali, agora estás aqui...

Depois de almoço fui às compras. Comprei camarões no Barbosa e um cadeado no chinês. Colocámos os camarões na porta com o cadeado. Na escola não estava ninguém. Estive a preparar folhas com um preparado de gesso vinílico e tinta de parede. Fiz estudos a partir de fotos do lago das Caldas. Fiz muitos disparates em papeis grandes.

Não sei porque raio fiquei cansado como se tivesse tomado comprimidos, fiz uma sesta em cima de papel canelado, com casacos em cima e em baixo e li a “Carta sobre o Humanismo2” do M.H. Que me soube bem de ler e que ajudou a entrar no sono. Pinteí muitas coisas por cima. Foi um dia muito estranho a nível de trabalho. Mas em certos momentos olhei para pequenas pinturas que me disseram que aquele não era o momento, mas que no tempo certo tudo seguiria o seu rumo. Na próxima semana são férias por isso vou ter todas as condições para ter esse rumo certo, ou seja, ninguém deve aparecer na sala e a escola estará deserta.

20.03-

A missão deste dia era não fazer nada. Dormi toda a manhã, ainda que me tivesse custado. Almocei bem. Só fiquei menos deprimido quando me lembrei que tinha o direito e a obrigação de comer um crepe com chocolate no Central e que tinha a companhia de boa literatura. Acabei por me arrastar o dia inteiro e não ler nada. Quando me lembrei que o dia era para não fazer nada fiquei mais alegre, mas, o Central já tinha fechado. Fui às compras. Fiz um jantar a tentar ser macrobiótico e vi o novo filme do Larry Clark já depois da meia noite.

21.04-

Mais uma vez a saída da cama árdua que envolve ficar 10 minutos a encarar a lucidez. Comi umas bolachas e um chá. Arrumei um pouco a cozinha e o quarto. Comecei o Power Point para a disciplina de arquivo na arte contemporânea. Tirei do site do Gerhard Richter umas imagens do seu Atlas. Depois reuni tudo num ficheiro onde aponteí outros nomes de artistas que tinham que ver com o tema da disciplina. Entre eles falei sobre Hanne Darboven e sobre os diagramas didáticos de Malevitch.

O J. leu-me passagens muito boas do livro da macrobiótica que o J.F. lhe deu e foi cozinhar. O resultado foi o culminar das experiências de uma semana. Parecia uma paisagem fluvial. Só faltava chegarem castores e pássaros junto dos cogumelos e da massa integral.

A palavra macrobiótica refere-se á vida grande, aqui parecia que o prato era um macro cosmos de terra e água cheia de vida. Depois de comer e pela primeira vez em anos o J. não quis café por achar que cortava com o sabor da comida. Foi uma meditação aquela refeição. Eu bebi um café na mesma para não ter de pagar na escola e porque me deu para isso. Na sala conversei com a N. que estava muito bem-disposta, mas passado pouco tempo saiu. Estava enérgico e as pinturas correram-me bem. Peguei nas folhas de aquarela que já tinha cortado e decidi abrir os frasquinhos de guache da Talens. Parecia que tinha treinado com pesos e que agora podia nadar sem eles, uma vez que tinha andado a usar acrílicos. Tinha a possibilidade de fazer tudo e os pigmentos vibravam e misturavam-se muito melhor. Acabei por fazer 6 desenhos. Conseguí cumprir o que queria ter feito no Sábado, que era tentar pintar o encontro com o lago. Também foi positivo porque relembrei que tenho um meio muito fluido para recorrer quando necessário: os guaches. Amanhã pretendo continuar, persistentemente, ao encontro dessas imagens mais autónomas (mais económicas, vitais e espontâneas) até ficar num lugar mais seguro. No dia de hoje congratulei-me com o facto de ter conseguido representar os reflexos e os jogos de desdobramento do lago, que já me estavam a atormentar. Amanhã será uma batalha que exigirá

---

2 - Heidegger, M. (1973). Carta sobre o Humanismo

grande lucidez. O motivo não é o lago ou poderá ser. A referência é uma pintura com um cão ou chagal sobre um fundo negro com um vermelho pulsante. Deverá ser tudo mais liso e simultaneamente concreto e abstrato. Não sei ainda qual será o pretexto para experimentar isso novamente. Amanhã logo decido. Por vezes o pretexto é o próprio processo das velaturas, outras vezes sinto necessidade da potência de um símbolo ou de uma forma exterior à física da tinta. Tem de surgir naturalmente. Se hoje correu bem amanhã também correrá. Tenho é que estar disponível e concentrado novamente.

dia 23.03:

Acordei cedo. Preparei tudo para sair rápido de casa, sem pequeno-almoço, só com duche. Na praça estava o G. e a C. que me acompanharam na primeira refeição do dia. Fiquei a manhã a pintar em folhas já preparadas. Fiz uma aguarela de que gostei. Outra vez um reflexo de luz no lago. Ainda agora, enquanto escrevo, acabo de beber a sopa de miso e volto a ver esses reflexos que também vejo no copo de vinho a vibrarem frenéticos. Pinte uma tábua com tinta de parede que pedi ao M. e coloquei lá as pinturas dos reflexos que fiz esta semana junto com os desenhos do lago.

Sexta vou ter de ir á Serra da Estrela com os meus pais. Vou levar aguarelas e lápis para desenhar as paisagens ou ideias. Depois de almoço estava um pouco intoxicado da comida e do vinho barato daquele sítio. Na parte da tarde trabalhei pouco. Às tantas decidi que jantaria na escola. Como faltava uma hora e pouco decidi aguentar o meu estado físico estranho. Quando decidi que ia passar um pouco de fome, estranhamente fiquei bem. A ideia do jejum parece ter funcionado junto com a cadência da música de Bach. Fiquei embalado nesse estado quase meditativo de missão e resistência. Arrumei o espaço. Arrumar pode ser um ato muito vital. Regressam ideias, coisas perdidas. Coisas urgentes até. O Marco deu-me tinta de parede branca com que pintei as paredes e algumas tábuas. Isso também ajuda a ver e a estar melhor. Jantei nos kebabs com o J. e fiquei até á meia noite a deixar a sala impecável para o dia seguinte. Enquanto arrumava deixei algumas anotações e deixei desenhos perto de outros como mensagens para depois.

dia 24.03:

Vou começar, hoje, do fim para o início. Agora são 02:40. Estava a descansar a ver um vídeo. O J. está a plantar sementes num vaso, provavelmente só porque eu estou a usar o computador dele. Estou a comer sementes de chia. No Atelier trabalhei cerca de 3 horas, mais foi muito positiva a última:

Fiz uma pintura quando faltava apenas uma hora para aparecer o segurança a mandar-me sair. Decidi pintar numa folha já preparada com gesso acrílico em excesso para produzir irregularidades na superfície. Estava assim preparada para conseguir ir ao encontro do fundo do pequeno rio que me hipnotizou nos jardins da Gulbenkian.

Quando fui ajudar o J. com as suas exposições, há uma semana, passei na Gulbenkian e fui apanhado por aquele rio. Currou-me de alguma forma. Havia um desfocado parecido com aquele das televisões quando não estão bem sintonizadas devido á luz forte do sol na vibração da superfície trémula e havia o fundo com as pedrinhas. A vibração das pequenas ondas, as várias sombras das árvores e das folhas a provocarem ilhas vivas de luz. Um impressionista sem dogmas académicos precisaria de muitas vidas para poder responder àquela beleza. Não consegui fazer aquilo que cria, mas tem que se tentar continuamente. Enquanto pintava ouvi Diamanda Galas no seu modo satânico e fui pintando naquela superfície cheia de relevos. Fui pondo e tirando. Quando não estava satisfeito, ou precisava de atenuar a rigidez do pincel, passava com a trincha grande. Ficou tudo muito subtil e claro, por isso fui pondo o preto. Fiquei muito contente quando, subitamente, aplicando tudo o que tinha na mão desta semana surgiu uma pintura dinâmica com uma vibração negra numa superfície negra. Fiquei mais enérgico ainda que passassem já 20 min da hora em que o segurança costuma aparecer para sairmos do atelier da escola. A pressa nem sempre é um inconveniente.

Foi assim o dia de atelier. Antes estive no fiel amigo a jantar com o J.F. e com o J.. Estamos todos a contar os trocos, por isso fomos pedindo os pratos pouco a pouco. Mas comemos bem.

Depois de almoço dividi em 4 partes folhas grandes que tinha preparadas na parede. Assim mais pequenas estão mais apetecíveis para trabalhar.

Almocei com o J.M.M. e com o J. no CCC às 3h e meia. Falámos durante muito tempo e muito alegremente. Ele ofereceu-nos telas e CD's de musica clássica.

Acordei tarde e estendi demoradamente a roupa a apanhar o belíssimo sol que estive de manhã.

### 25.03

A minha mãe disse que chegava às Caldas por volta das 8h para irmos para a Serra da Estrela. Deixei-me dormir, com tudo preparado, porque calculei bem que eles ainda se demoravam. Acordei alegre, a ouvir musica porque achava que me ia fazer bem os ares da Serra e a companhia dos meus pais e irmãos. Comemos num Restaurante nas Caldas e partimos. Fui a ler na viagem. Quando chegámos instalámo-nos no Hotel, que era pequeno e castiço, demasiado pequeno para nós todos. Nesse quarto pequeníssimo de pedra, entalado pelas camas dos meus irmãos, fiz um desenho do que se via da janela. À noite fomos passear á Covilhã onde comemos muito bem. Quando acabámos de jantar começou a procissão. Eram várias centenas de pessoas da aldeia e arredores que passavam completamente em silêncio com uma vela na mão. No meio, passadas muitas centenas de pessoas, chegavam os clérigos a transportar o caixão de Cristo, de Maria e de outros Santos. Transportadas por monges encapuçados que lembravam os Ku Klux Klan. No fim da procissão, depois dos santos de madeira pintados, apareceu a banda, seguida pela polícia e pelos bombeiros. Depois da marcha religiosa vinha a marcha do proletariado.

### 26.03

O dia foi quase sempre no carro, às voltas por estradas sinuosas. A manhã passou-se toda na oficina para trocar os pneus que estavam carecas. Foi um momento de introspecção, a ler a carta sobre o Humanismo ou a brincar com os meus irmãos. À tarde, subimos a montanha só porque se tinha de ir ao cume ver a neve. O tempo estava cada vez pior por isso nem deu, para desolação do meu irmão de 5 anos, para fazer o boneco de neve. Em certos momentos, porque tinha de escrever sobre isso para a disciplina de arquivo, lembrava-me das fotos de famílias que aparecem entre outras no Atlas de Gerhard Richter. Como se, lá na neve, tivesse preso a uma foto como as que G.R. por vezes pinta, de uma qualquer família Europeia no seu momento de evasão. Quando descíamos da montanha pôs-se um nevoeiro perigoso para a condução. Parámos então no Hotel de um cliente dos meus pais. Bebemos um chá e conversamos. Nem tudo foi difícil como eu em cima posso dar a entender, saltar de pedra em pedra com os meus irmãos, por entre as cascatas e riachos foi a melhor coisa do dia.

### 27.03

De manhã comemos um pequeno almoço banal no hotel. Quando fomos para o carro o motor não ligava. Acabámos por ter de chamar o reboque, coisa que muito animou o meu irmão mais novo, que adora perdidamente tudo o que tenha a ver com carros. Tínhamos um encontro marcado para ver uma fábrica de um cliente do meu pai que teve de esperar. Aproveitei para ler enquanto esperávamos. O cliente do meu pai chegou ao meio dia no seu jipe onde nos deu boleia para o seu Hotel. Lá no hotel bebemos vinhos e aperitivos na sala de convívio toda envidraçada a dar para o vale glaciário. Passámos depois para a sala de jantar onde comemos muito bem. O nosso anfitrião também é dono de uma fábrica de burel que nos convidou a visitar. Essa parte foi divertida. Lembrei-me do feltro do Beuys. No fundo o burel é um feltro de lã da Serra da Estrela<sup>3</sup>. A fábrica tinha dezenas de máquinas de várias épocas. As máquinas que tratam a lã pura, as que a penteiam, as que a transformam num fio, as que o enrolam para ficar mais forte, as que o entrelaçam. Todas essas que eu não sei o nome próprio. As que entrelaçam os fios para fazer as mantas de burel são incríveis. Têm várias engrenagens e dispositivos arcaicos, mas no fundo é um computador primitivo, todo a nu. No centro a manta esticada vai sendo composta por padrões. Tem uma grande magia este processo que junta o universo da técnica com o da tradição. Os padrões são autênticas pinturas abstratas, estes com um ar mais simbolista que os dos tecidos Irlandeses. Lembrei-me dos padrões Irlandeses porque haviam lá livros sobre o assunto. Livros com muitas imagens que me deram vontade de colecionar padrões e de lhes seguir a origem e força. Os da Irlanda juntam muitos verdes e vermelhos. Estes são mais ritmados e terrenos lembrando um pouco alguns padrões Africanos. Bebemos um café e deram-nos boleia para o Hotel.

Já lá estava o motorista do seguro à nossa espera há 10 minutos. Apercebi-me que já não ia ter boleia para as Caldas e aborreci-me ao ponto de me arrepender da minha reação, mas pronto já passou. Amanhã felizmente tenho boleia há 7h para onde devo estar.

---

<sup>3</sup> - Passados alguns meses do momento em que escrevi isso, sem que o antevisse, estava a fazer pinturas com este material.

28.03

Acordar foi muito difícil. Sempre tive bofeia. Meti-me no carro e adormeci, para acordar em Sete Rios e voltar a adormecer, para chegar a Caldas e fazer a enorme subida até casa, para me deitar novamente e fechar os estores. Acordei definitivamente lá para as 5. Fiquei feliz, com oscilações de humor. Comi dois pratos de sopa de peixe e bebi café. Sopa e café foi só isso. Depois fui para a sala. Estava lá o K. e o L.. O L. deu-me um texto dele, que queria muito que eu lesse. Fiquei a ler e aponteí sugestões.

Preparei as folhas, o espaço e as tintas para esta semana. Estava e estou muito contente com a ideia de tão cedo não ter de ir a Lisboa. Fiz umas experiências muito estranhas, com ilhas, que no momento em que escrevo já sei que estão pintadas por cima. Meti alguns desenhos na parede. Um deles é um acumular de folhas escritas em papel de caderno colado sobre tela, no canto inferior direito, aparece uma silhueta em azul (tipo chama de fogão). Esse trabalho, ainda que mesmo muito tosco, leva-me para uma maneira de trabalhar diferente da que estou a ter nestes dias. Atrás referi que sentia que os desenhos precisavam de algo que os agarrasse. Este acumular de folhas com desenhos e textos é uma resposta processual importante e é sobretudo um método que me dá vontade de perseguir. Só mais tarde, porque escrevo esta linha posteriormente, iria perceber a sua importância.

29.03

Fui iniciando várias pinturas mas parecia que nada agarrava.

Mal cheguei á sala fiquei contente porque continuava a gostar da pintura que fiz na sexta feira. Fiquei algum tempo a olhá-la. Depois chegou o R. que me queria mostrar umas pinturas que ele fez. Menos mal, que assim o vinho que comprei já não se estraga. Ele é uma presença estimulante. Estimulante que é uma palavra que ele repete muitas vezes. Mas fala com paixão. Vi as pinturas que trouxe e ele depois falou sobre as minhas. Aconselhou-me a não ter pinturas ao lado enquanto trabalho. Talvez tenha razão. Não interessa. O que retirei de positivo do encontro com o R. foi o facto de ele ter gostado muito de uma experiência feita muito rapidamente numa folha comprida. Percebi que é fundamental fazer coisas arriscadas. Coisas que tenham energia. Com formatos e formas de proceder radicais e frescas. Será um objetivo para amanhã.

30.03 -

Acabei de jantar á pouco. Comi muito bem. Foi millet com cevada e espinafres com vinagre de ameixa japonesa e antes houve sopa de miso com rabanetes.

Amanhã descanso. Se tiver melhor vou á escola buscar guaches para trabalhar em casa. Se não tiver, fico na cama e tento fazer o power point para a S. de uma vez por todas. Com alguma sorte a febre ou o desespero poderão dar aso a bons desenhos. Existe uma certa graça, de vez em quando, em estar-se adoentado. Mas espero que isto passe bem rápido para me curar trabalhando. Talvez para procurar curar enfermidades mais existenciais. Ou poder voltar a intoxicar-me sem pensar nisso.

2.04:

Acordei tarde, sabendo que isso me faria faltar às aulas. Mas permitiu-me passar um tempo de qualidade em casa a comer bem. Saí fresco e sem pressas. Estava a faltar á aula da S., que passou para a manhã. Estava com um bom pressentimento em relação ao trabalho.

O dia esteve lindo, deu para ir comprar tintas á Dyrup. Desta vez comprei as primárias em mate em vez de semi-mate. Deu para imprimir as imagens na reprografia. Deu para começar a trabalhar e subitamente tudo fazia sentido. Os materiais respondiam de forma espantosa á vontade. O ímpeto de seguir uma série de ideias que as imagens das fotocópias apontam, fez com que, o que no meu processo parecia passado, regressasse como presente e ganhasse sentido. O Futuro a relançar o Passado no Presente. Voltei a perceber que tipo de pinturas é que estavam em causa.

Fiz um autorretrato que correu muito bem, só com preto de tinta de parede. Gostei mesmo do resultado. Percebi também que posso fazer com a tinta preta uma série de coisas que desconhecia. Percebi melhor a sobreposição. Na semana anterior estava a fazer coisas quase sem sobreposição. Desta vez encontrei uma forma mais dinâmica e afinada de ir fazendo a pintura. Tenho de ter um pano, água, pincéis de vários tamanhos e grande concentração. Fiz umas pinturas

verdes com umas sobreposições que lembram as contracurvas da escrita Árabe (muitas das fotocópias são de caracteres Árabes). Tudo começou por causa de uma pincelada casual que fiz numa placa de MDF que usei como paleta para conseguir uma pincelada que fizesse, com um gesto único, um tubo (degradê do verde no centro, com o preto e o branco dos lados). A paleta acabou por ficar mais interessante que a pintura que queria fazer. Quando coloquei o branco, com um pincel médio, sobre a pincelada gigante verde feita pela trincha, fiz uma série de ondinhas como se fosse a ponta de um abre garrafas. Ficou bem. Esses pormenores estão a tornar-se importantes. Refiro-me aos desenhos ou pinturas que vivem do gesto espontâneo. Quero persegui-los.

Fui Jantar ao atelier do J. peixe espada do mar grelhado com os restos de leguminosas do almoço. Depois de jantar fomos beber um café ao atelier do J.F. Ele mostrou-me o seu recém-concluído portfólio, que muito me surpreendeu. Depois lembramo-nos de ir á casa Bernardo ver uma exposição. Valeu a pena. Ficámos até ao fim com os amigos do Bernardo. Comemos amendoins, bebemos vinho e falámos.

3.04:

De manhã chegaram os amigos do Porto. Mal chegaram fomos para o atelier do J. que é mesmo ao lado do espaço Concas, onde vão expor junto com outros dois artistas do Norte.

Entretanto fui mostrar a escola e o meu atelier a um deles. Aproveitei e fiquei lá a trabalhar muito entusiasmado. Depois apareceu o L. no atelier, fui com ele ver o processo da montagem da exposição no Concas. Apresentei o L. aos meus amigos e ficámos lá a ver as peças.

Gostei muito dos trabalhos que vi. Especialmente de um deles. Cujo autor sempre tão inseguro sem que tenha razões para isso. Contou-me que tinha uma grande garagem/atelier onde se dedica à carpintaria e à escultura. No Verão, numa lagoa do Gerês, fartei-me de andar numa canoa de madeira feita por ele, mais tarde veio a fazer outra maior e melhor. Os trabalhos que ele expôs no Concas estavam bons. Senti que finalmente conhecia o trabalho dele. De entre as várias peças ouvi uma que me chamou mais a atenção. Era um amontoado de fragmentos de peças de madeira que compunham uma espécie de máquina de tenções energéticas. Em baixo havia um cartão branco sobre uma banda horizontal daquele tecido do chão dos carros. Essa obra, que não sou capaz de descrever totalmente, faz uma ligação, simultaneamente elegante e rudimentar, do plano horizontal com o plano vertical e do mundo da escultura com o mundo da pintura. Eles depois tiveram de voltar ao Porto.

Começou a chover. Fui com o L. comprar comida *take away*.

Fiquei a trabalhar no atelier a aproveitar o tempo até ter sido mandado embora á meia noite.

Foi um bom dia de trabalho. Que grande pena que tenho de só poder retomar os trabalhos na quarta. Quando regressar já ninguém me tirará do rumo.

3.04

Neste dia fiz uma boa e rara ação aos olhos da minha família. Fui ao aniversário do meu avô. Foi um dia longo, mas valeu a pena. Como não podia ir para a escola trabalhar nas pinturas foi uma boa forma de me sentir útil. Quando cheguei à noite a Caldas fui jantar a casa do meu irmão, onde me diverti.

4.04

Foi um dia triste porque julgo que estraguei uma pintura muito grande que estava a fazer. Porque coloquei demasiada informação: não soube quando parar. isso deixou-me depressivo.

Depois fui, ainda de dia, com o J. para o Bombarral onde nos juntaríamos com uns amigos para no dia seguinte irmos ver exposições a Lisboa.

5.05

Acordei e tomei o pequeno almoço. 2 iogurtes com granola e doce de laranja. Fiquei deslumbrado a consultar a vastíssima biblioteca do meu amigo, até serem horas de almoço. Fiquei cheio com a sopa, mas já a meio caminho para Lisboa deu-me a fome, a mim e ao J.. Vimos os quadros de P. Q. na galeria Alecrim 50. Depois por insistência de outro amigo fomos à *Tartine* comer ovos e bolos. Esse amigo ficou lá e nós, os restantes, partimos para a Filomena Soares para ver as

pinturas do Bruno Pacheco. Era uma exposição grande, com quadros muito bons e outros menos bons. Tudo com tons de vermelho onde surgiam grandes grupos de pessoas, expectantes, paradas no tempo e no espaço.

Apanhamos o autocarro para tentar ver a Culturgest, mas já estava fechada. Felizmente estávamos muito perto do restaurante onde íamos jantar. Foi um jantar muito agradável a que se juntaram mais dois amigos. Um casal, ela designer e ele artista plástico. Despedimo-nos e fomos para o Bombarral de onde escrevo. Há pouco o J.M.M. ofereceu-me dezenas de livros dele antigos, que ele quer esquecer porque decidiu rescrever tudo. Como insisti deu-mos. Mas disse que ficaria muito triste se eu preferisse os antigos aos novos. Levei também um livro muito grande do Malevitch. Estive até agora a lê-lo. Mal o folhee e vi os desenhos que ele fez, em quadrados dentro de pequenas folhas de papel, encontrei semelhanças com meus os desenhos.

Como disse no dia 2, estou deseioso, de não ter interrupções para voltar ao ritmo. Vou voltar ao atelier, já amanhã depois de almoço, com vontade, e só serei interrompido pela ida a Madrid no dia 19. Até lá tenho tempo para o que pretendo.

6.04:

Acordei um pouco tarde com muito mau humor. Fui comer uma grande taça de iogurte para o bosque dos meus amigos. Que é um dos lugares mais incríveis que conheço. O J.M.M., depois de almoçarmos levou-nos á escola. Fiquei a trabalhar muito e bem até á hora de Jantar. Saí para o atelier do J. onde comi carapaus com brócolos e muito vinho. Já tinha comido 2 sopas no refeitório. Foi um bom dia porque consegui salvar uma pintura que achava ter estragado, mas que se salvou graças a um grande quadrilátero com muita tinta branca.

7.04 –

Aulas da parte da manhã. Seguido de um almoço com o meu professor e amigo F.P.. Umas das pessoas que mais me ensinou naquela escola. Bebemos um vinho gasoso barato chamado Pelicano. Arrumei o espaço e estiquei muitas folhas.

8.04-

De manhã, na aula sobre arquivo na arte contemporânea, apresentei um Power Point sobre os diagramas didáticos de Malevitch e sobre a artista Hanne Darboven. Desconfio que isto tenha afetado muito positivamente os meus trabalhos no atelier. À tarde foi um excelente dia de trabalho. Um dia em que seria capaz de escrever 20 páginas sobre o que estava a fazer. Não o fiz porque estava muito concentrado a pintar. Aconteceu algo de único a partir deste dia que não acontecia á anos. Como tal queria agradecer a vontade de trabalhar com mais trabalho. Por isso também não escrevi nada que não fosse desenho. Com sorte no futuro aprenderei a conciliar as duas coisas.

O que há a dizer sobre o que fiz será portanto resumido. Decidi juntar desenhos em folhas grandes. Construir desenhos a partir de colagens de outros desenhos e de textos. Listas, aforismos, esquemas, símbolos, registos de pensamentos, marcas, tudo isso colado numa folha grande esticada onde os elementos, extraordinariamente, se ligavam entre si. O desenho apanhava estes elementos através de estruturas que se desdobravam, produzindo tensões que deixavam os elementos entregues a uma organização que não se estabilizava nem definia. Podia ser uma sauna romana, um labirinto, um mapa, uma pauta, uma visão interior ou um outro espaço indefinido, mas algo era dobrado e desdobrado para poder ser isto tudo ao mesmo tempo sem o ser de facto.

Surgiram também várias pinturas com o entusiasmo de fazer os desenhos grandes. Isto não seria possível se não tivesse esticado tantas folhas.

9.04-

Bom dia de trabalho. Não tão bom como o anterior porque tinha receio de estragar o que tanto me contentei a encontrar, mas muito bom. Tentei fazer uma série a partir do desenho do dia anterior. Ouvi Bach. Os desenhos tinham muito a ver com a matéria do papel. Com a ideia de memória (aparecem muitas folhas com calendários e listas de tarefas).

Senti que era algo sincero. Juntei vários desenhos pequenos que fiz recentemente em papeis de alta gramagem. A composição relacionava-se com coisas que estava a pensar nas pinturas e é livre e espontânea como a imagem do mundo que gosto de ter. Como as músicas do Bach.

10.04-

Descanso. almoçar fora. Arrumar a casa.

15.04-

Quanto aos trabalhos, ainda que pareça que estou menos comunicante. Estou mais em contacto com o que deve ser comunicado do que nunca. Comecei uma série de desenhos de que estou a vibrar muito. Série esta que me está a possibilitar ter uma visão simultaneamente nova e mais verdadeira daquilo que me interessa (possibilita também esquecer e reconciliar-me com a altura em que estava menos focado). Estou mais concentrado e com uma enorme alegria no processo. Volto a encontrar algumas preocupações antigas, mas agora, graças a esta série destes desenhos elas regressam com mais razão de ser. Neste regresso fico muito admirado porque as imagens que escolhia e desenhava por mera intuição, e que agora volto a pegar para as transformar, parecem cada vez mais providas de um sentido particular, de uma vontade própria. Como se o pensamento das linhas e das formas se antecipasse ao do pensamento conceptual. Ontem enquanto fazia um dos quadros, que me deu particular gosto, escrevi numa folha, colada na parede com fita cola : “ desenhar escadarias de mosteiros, catedrais e parlamentos”.

Entretanto chegou um amigo, o P. (que tem uma sensibilidade em muitas coisas semelhante à minha), que apontou também para um pormenor no canto inferior desse desenho (figura 22), umas bandas de cor cinzenta justapostas obliquamente, de forma a sugerir um espaço que lhe lembrou o aspeto virtual das arquitecturas na pintura de Giotto. Muito amavelmente, prometeu-me um pequeno arquivo de fragmentos da arquitetura em Giotto e Fra Angélico. P. referiu também, que identificava em alguns desenhos meus, ainda que não de forma explicita, ideias referentes ao choque do Mundo Laico com o mundo Religioso (Judaico, Cristão e Islâmico). Depois elaborou a sua interpretação e achei-a interessante porque estes desenhos são corpos em aberto que ganham com pontos de vista totalmente díspares. No entanto, neste momento inicial do meu trabalho não me quero vincular com nenhuma interpretação fixa desse tipo. O que me parece certo é que estes desenhos equacionam um tipo de experiência no mundo através de relações de semelhança.

Procuro algo que me move, mais concretamente algo que a partir dos meus devaneios e sonhos me faz mover e apartir disso procuro que o processo de construção do desenho articule a técnica com a sensação que vai surgindo à minha frente e que pede para ser seguida. Até agora tenho mesmo a impressão de que os desenhos pensam muito melhor que eu. Sem me pedirem autorização aparecem e depois eu posso tentar ou não percebê-los. Isso continua a ser um motivo de grande espanto, para não dizer que talvez seja a razão fundamental para eu os fazer: A curiosidade.

Creio que ele, P., poderá ter razão, mas só em alguns casos e nunca como regra. Porque ao lado desse quadro está outro, feito de forma muito semelhante, que já não se aproxima desse tipo de interpretação. Este quadro (figura 24) remete para a ideia de casa e em particular para a sensação de grande conforto que o espaço da casa possibilita. Nas margens do desenho, quando ainda achava que as ia cortar, escrevi: Utopia do Presente Doméstico Possível. No meio está uma planta de uma casa imaginada onde gostaria de viver, esta planta é um desejo mas ele cumpre-se quando foi desenhado. Porque não só desejava a casa como desejava desejar a casa, com todos os seus pormenores que possibilitam o prazer do devaneio em si mesmo. É um sonho que se cumpre no próprio meio que é sonhar, neste caso desenhar uma casa. Ao lado da planta da casa está uma lista de coisas a levar numa viagem (servia para a viagem a Madrid) com bolinhas á frente para se riscar as peças de roupa que já estariam na mala. Vê-se também um chão de azulejos de um chuveiro. É importante referir, que não estaria assim tão contente a falar destas coisas tantas vezes absurdas se não estivesse satisfeito com o resultado real da obra em si. Depois, como diz o Pessoa:

Sentir, sinta quem leia.

#### Viagem a Madrid

Quando estava no avião já a regressar. Escrevi nas notas no meu telemóvel um pequeno apontamento que agora me poderá servir para por em marcha a ignição da escrita. Tal como as crianças que não querem entrar no banho, mas depois também não querem sair, é esta a minha resistência com o início da escrita e com o Trabalho em geral. Alguns amuletos ritualísticos, se não em excesso, ajudam a por o que interessa a falar. Um deles é o conselho de Walter Benjamin (*The Writer's Technique in Thirteen Theses* 4.) para copiar o que foi escrito anteriormente como forma de recusar

4 - - Benjamin, W., e Sousa, I. D. A., de Miranda Rodrigues, C., & Sontag, S. (1992).

*The Writer's Technique in Thirteen Theses*: "... - Preencha as lacunas da inspiração passando a limpo cuidadosamente o que já tiver sido escrito. A intuição despertará no processo..."

a hipótese de não ter nada a dizer. Depois de percorrermos os trilhos que antes nos levaram a escrever, algo surge. Uns dias antes tinha metido na cabeça que teria de ter uma excelente semana de trabalho para poder estar disponível para a morte. Porque o meu medo de aviões seria justificado se tivesse bem comigo mesmo e portanto se tivesse trabalhado muito para morrer com a impressão de ter dignidade na última semana de vida.

Como comecei esta série nova de desenhos, que exigiram um grande investimento de atenção e disponibilidade ao trabalho, a viagem já não me atormentou tanto, porque achei que tinha trabalhado bem. O ideal era ser sempre assim. Estar sempre bem com a vida passada para poder viajar para o futuro com um olhar novo e cheio de predisposição para ser surpreendido. Porque o que estava realmente em questão além do medo do avião era ter trabalhado bem para poder entrar num museu como o Prado.

Já no regresso aponte algumas notas para evitar o pânico, da situação aparentemente impossível em que estava metido (a de voar). Ao concentrar-me nesses conteúdos conseguia não olhar para as nuvens ali em baixo que se viam da janela do avião.

Escrevi:

“As velaturas em Ticiano e Velasquez! Rubens (com quem me pude reconciliar). A possibilidade de pintar livremente, com formas-figuras vivas, sobre um fundo histórico. Gostava de insistir também naquele tipo de pintura que possibilita um palco para a representação dos corpos. Que bom seria poder viver em diálogo com os pintores Clássicos.”

Lembro-me que quando escrevi isto estava a pensar na sempre surpreendente potência dos Clássicos. Tinha na cabeça a textura das pinceladas tão pouco trabalhadas de alguns destes mestres, principalmente Ticiano. Se um dia vier a poder criar com eles algum diálogo queria então perceber como e de onde vem a sua inequívoca capacidade de nos fazer pasmar. As melhores são tão pouco conceptuais. Dizia o J. ao meu lado, que se trata do prazer puro de só querer pintar. Mas não é só isso. Existem sinais, que não se mostram totalmente, que criam um universo hermético. A pintura surge numa esfera autónoma, precisamente por não se deixar aceder na sua essência pela esfera dos significados. Vemos nisso uma potência tão grande, mas não podemos dizer: isto é. Porque assim que o fazemos estamos a errar (a supor que podemos interpretar algo que não se dá a ver com a interpretação, mas com a sensação). Creio que a única forma, justa, de nos aproximarmos com a palavra de uma pintura é com a poesia. Mesmo aí estamos a errar, mas é o erro mais justo porque é um erro que se conhece como tal. É o erro capaz de fazer a pintura falar. Sem dominações abusivas através de estruturas conceptuais prévias, mas através de um namoro. Sensação com sensação. Corpo sensível da pintura aberto às possibilidades de infinitos corpos sensíveis e corpo sensível do observador que acabou de se transformar em pintura. Que já não é o mesmo e por isso é incapaz de impor, com a linguagem ou com a razão, algo exterior á natureza do corpo sentido.

Depois de ter lembrado porque gosto tanto de pintura e porque é tão importante ver os grandes mestres, recordei as que vi no Thyssen, no dia seguinte ao Prado. Eram pinturas do Modernismo que se relacionam de uma forma muito mais evidente e próxima dos meus trabalhos e em específico desses últimos desenhos grandes:

“Depois os painéis com palavras e imagens que me levaram a ser muito aplicado e a sentir que estava a ser eu próprio, gestos e formas que lembram os meus primeiros desenhos em criança nas mesas de restaurante. Durante esta viagem os papéis assemblados de Kurt Schwiters foram as obras que mais se relacionam com estes meus trabalhos. Ainda que só de um ponto de vista formal, porque Schwiters explora a plasticidade dos papéis e mistura com superfícies encontradas, tal como nos meus desenhos, mas das suas colagens resulta algo de natureza mais plástica, enquanto que nos meus trata-se do encontro de elementos técnicos dessa natureza com pensamentos, desenhos, anotações, listas e outros elementos não puramente plásticos. É a partir da sincronia e choque desses elementos e ações díspares que convergem na superfície, como rasuras, palimpsestos, ritmos, escritos, ect.. que começo a entrar no processo.

Também me deparei com pinturas de Malevitch, Popova, Cezane, Juan Gris, e Braque.

Havia também uma pintura belíssima de Mondrian, em que as linhas eram mesmo fitas coloridas assembladas. Depois vi salas inteiras dedicadas aos supermatistas, onde reacendi a vontade de explorar a plasticidade pura. Sempre me fascinou muito a pintura plana de artistas como Blinky Palermo ou Ellsworth Kelly, aqui, rodeado dos supermatistas célebres, senti que acedia às sementes que possibilitaram as suas obras.

Mais à frente vi salas e salas de pintura gótica onde também se poderia encontrar relações com essa planura que me estava a fascinar. Talvez, e isso é mais notório no Gótico inicial, deva-se á forma singela com que as formas aderem ao plano frontal da superfície. Assim como á ausência de perspectiva, e á linearidade das figuras (figura 27).

Entre a mesa de Cézanne que se inclina ligeiramente para nós; um tabuleiro de xadrez de uma pintura Gótica que, ao contrário de toda a cena pintada e dos jogadores, está completamente virado para o observador (ortogonal aos limites da pintura) e os quadriláteros monocromáticos e cheios de tinta de Popova. Existe um elo. Todas essas pinturas me atraem e agora creio perceber porquê. Creio ter encontrado nesse elo algo que muito me interessaria explorar: A questão do plano: a tensão entre planura e profundidade.”

Durante a viagem para Madrid reli o *Bartelby* de Melville<sup>5</sup> e depois li um texto de Agamben intitulado: *Bartelby, Escrita da Potência*<sup>6</sup>. Pretendo um dia dissecá-lo melhor. Porque creio que ele se relaciona muito com coisas que ando a trabalhar:

*“Na sua intenção mais profunda, a Filosofia é, de facto, uma firme reivindicação da potência, a construção de uma experiência do possível enquanto tal. Não o pensamento, mas a potência de pensar; não a escrita, mas a folha cândida é o que ela a todo o custo, não quer esquecer”*<sup>7</sup>

As imagens que usa ao longo do livro para se aproximar da ideia de pura potência. Como a mesa do escrivão ou a tábua de escrever de Aristóteles. Ecoam na minha obsessão recente pelas superfícies de inscrição. Ao ler as suas considerações sobre teologia e filosofia, que também me interessam genuinamente enquanto assunto, estou sobretudo a pensar na responsabilidade e na beleza de um risco de carvão sobre uma folha bem esticada. Na superfície da folha como lugar de tensões e possibilidades.

dia 9.05:

Hoje mostrei a um amigo os desenhos que estou a fazer. Tinha no dia anterior preparado o meu espaço para mostrar os novos desenhos. Esta semana trabalhei muito bem. Tanto com o desenho, mas também em pintura. Sinto que estou finalmente na linha. Isto será o necessário para escrever melhor a tese. Ainda que neste preciso momento, por ser demasiado tarde e por estar demasiado calor, não vá escrever nada por aí além.

Ele gostou muito dos desenhos. Fiquei muito contente. Primeiro porque sinto que é mesmo verdade, que os trabalhos estão bem encaminhados. Segundo porque não sou só eu que o sinto.

Uma vez ouvi uma daquelas frases míticas do processo criativo que dizia que quando o trabalho corre bem devemos agradecer a essa dádiva trabalhando ainda mais. Talvez por acreditar nisso, agora, não tenha muito mais a dizer do que obrigar-me a escrever estas linha sumárias.

Depois de ver os desenhos, o meu amigo, ficou de me emprestar uns livros que ele considera importantes para eu aprofundar a ideia de plano. Por agora, esse assunto, parece ser o lugar central. No entanto, á medida que se for desdobrando no trabalho, poderá haver a feliz surpresa de encontrar outras linhas que os trespassem e que apontem outros caminhos futuros. Vão aparecer outros assuntos. Tal como nestes desenhos, que estou a fazer, em que existe um objetivo bastante balizado, mas de onde saem vários mundos que possibilitam repensar a concretude dessa proposta, percebendo-lhe novas leituras e possibilidades.

Hoje de manhã, por exemplo, enquanto comia a aveia, li um pouco do *Capitalismo e Esquizofrenia* do Gilles Deleuze<sup>8</sup> e senti que o meu trabalho se relaciona também com a ideia de máquinas desejanças. Nos desenhos que tenho feito surgem linhas, traços, manchas, formas e figuras que se vão estimulando mutuamente num agenciamento que me lembra a descrição de Deleuze das máquinas desejanças:

“isto funciona por toda a parte: umas vezes sem parar, outras descontinuamente. Isto respira, isto aquece, isto come. Isto caga, isto fode. Mas que asneira ter dito o isto\*. O que há por toda a parte são mas é máquinas, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com as suas ligações e conexões. Uma máquina-órgão está ligada a uma máquina-origem: uma emite o fluxo que a outra corta. O seio é uma máquina de produzir leite e a boca uma máquina que se liga com ela. A boca do anorético hesita entre uma máquina de comer, uma máquina de falar, uma máquina de respirar (ataque de asma). É assim que todos somos «bricoleurs}}\*\*, cada um com as suas pequenas máquinas. Uma máquina-órgão para uma máquina-energia, e sempre fluxos e cortes.<sup>9</sup>

5- Agamben, G., & Melville, H. *Bartelby Escrita da Potência* seguido de *Bartelby, O Escrivão*. Assírio e Alvim, 2008

6 - Agamben, G., & Melville, H. *Bartelby Escrita da Potência* seguido de *Bartelby, O Escrivão*. Assírio e Alvim, 2008

7 - Agamben, G., & Melville, H. *Bartelby Escrita da Potência* seguido de *Bartelby, O Escrivão*. Assírio e Alvim, 2008

8 - Deleuze, G., & Guattari, F. (1976). *O Anti-Édipo: Esquizofrenia e Capitalismo*. O Anti-Édipo: Esquizofrenia e Capitalismo.

9 - Deleuze, G., & Guattari, F. (1976). *O Anti-Édipo: Esquizofrenia e Capitalismo*. O Anti-Édipo: Esquizofrenia e Capitalismo.

É assim que vejo o meu processo e tudo o que o rodeia e alimenta. No plano da folha as mãos procuram, com cortes e colagens, registar e exhibir a natureza delirante e sem fim desse fluxo.

10.05-

Hoje sai cedo de casa. Comecei a trabalhar, contente pelo tempo chuvoso. Entretanto o F.P. passava no corredor e o L., como estava a fotografar desenhos no corredor, viu-o e chamo-o. Acabei por partilhar com ele o que andava a fazer. A conversa foi muito positiva. Ele disse que eu tinha arranjado uma boa fórmula de me apaziguar com o facto de muitos dos desenhos terem excessiva intensidade. Faltava-lhes algo que contivesse essa intensidade. Um golpe de equilíbrio. Falou-me também da arrumação. Assunto que escrevi ontem num caderno, porque não tinha computador. Chamava-se a arrumação como gesto espiritual. Espiritual é uma palavra controversa, mas o F.P. gostou dela e ficou de me trazer uns textos sobre isso. Aconselhou-me a ler os Ensaios de Montaigne<sup>10</sup> e o texto “desempacotar a biblioteca” de Walter Benjamin<sup>11</sup>. Este texto parece-me um bom ponto para desenvolver a ideia de organização, não como utopia (as tabelas do Malevitch tinham um intuito pedagógico utópico), mas como organização do meu fluxo íntimo de gestos, desenhos, poesia e pensamentos. No fundo trilhos - como os caminhos da floresta de Heidegger<sup>12</sup>. Que na língua original *Holzweg* tem também o sentido de trilhos em que nos podemos perder. Esta errância que contudo nos convida a sintonzarmos-nos com aquilo que realmente queremos. Este jogo de forças aparentemente contrárias está sempre presente quando trabalho. Entre individual e universal; concreto e abstrato; algo que se perde no tempo ou que se guarda no tempo. São essas tensões que dão força ao que é posto na folha. Assim como o desejo de não recalcar os sonhos e devaneios mais verdadeiros, dando-lhes uma plataforma de existência.

Dia 12 de Maio.

Hoje o meu irmão faz anos. Tenho um livro embrulhado para lhe oferecer que comprei em Óbidos. De manhã fui para a aulas. Conheci o novo colega de turma e artista E. M. que vai fazer mestrado connosco. Fiquei com dor de cabeça com tanta informação sobre arte e artistas. Aproveitei o intervalo para imprimir todos estes mails que tenho escrito sobre os meus dias.

Entretanto fui para a sala para preparar a reunião com M. Lá estava o P., o meu colega de atelier, muito dedicado a arrumar a sala, profundamente e com grande animo. Decidi apanhar a energia organizadora dele e arrumámos tudo impecavelmente. Arrumei o meu espaço, retirei centenas de pedaços de fita-cola do chão, coloquei os desenhos mais recentes todos na parede e tentei fazer com que a mesa da reunião também fosse assunto de conversa. Os meus cadernos com notas sobre os trabalhos, os livros que tenho andado a ler, a pasta com desenhos e estudos etc.

Quando tudo estava pronto fui comer uma maçã para o sol na companhia do P. e da M.B.. Nesse momento chega a minha orientadora que fala um pouco connosco para depois entrar no meu espaço de trabalho para reunirmos.

Não sei o que terá levado a que, sem querer ver os desenhos, M. tenha falado do que acho mais importante neste nosso projeto. Tinham se criado as condições para algo importante surgir na conversa, que é mais acesa e fluída que o habitual. Até mesmo no que discordamos. Que bom que é quando a discórdia é uma mais valia para a concórdia.

Ao início M. recusava-se a seguir o meu apelo para ver os desenhos que tanto gosto me tinham dado a erguer. Quando os viu, de relance, até disse que não gostava tanto deles quanto dos estranhos desenhos que tinha na parede oposta (imagem em baixo). Os que eu queria mostrar eram os daquela série de desenhos grandes: a série dos painéis. Os que ela gostou, para meu espanto, são umas tentativas em pintura, que me atraem, mas são ainda muito embrionários.

São pinceladas livres que produzem tensões arriscadas de namoros e batalhas entre pinceladas, gestos e fundos. É um caminho que quero muito explorar em pintura, mas que esta série dos desenhos se meteu, com justiça, à frente. Não me quero desvincular desse caminho, quando fizer sentido posso retomá-lo.

M. também estava cansada de ter falado tanto com outros alunos o dia inteiro e por isso não deu para falar nos desenhos grandes que ando a trabalhar. Focou o assunto e a energia da conversa no processo da escrita e na obrigação que

---

Página 4.

10 Montaigne, M. D. (1972). Ensaios. Lisboa, Relógio de Água.

11 Benjamin, W., & Jay, M. (2010). *Unpacking My Library: A Talk about Book Collecting*. Arion Press.

12 - HEIDEGGER, M. (2002). *Caminhos de Floresta*, trad. Irene Borges-Duarte, Filipa Pedroso, Alexandre Franco de Sá, Hélder Lourenço, Bernhard Sylla, Vítor Moura e João Constâncio, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

temos em “sermos o mais parecidos possível com o que sonhamos para nós mesmos”. Esta expressão vem de um filme de Pedro Almodóvar<sup>13</sup> do qual nos lembrá-va-mos. Olhou para a mesa arrumada como um mapa cheio de hiperligações. Viu os livros que eu ando a ler e disse que deveria desconfiar mais de certas referências e confiar sobretudo nessa difícil tarefa que é cumprirmo-nos a nós próprios.

Foi neste estado que me disse, pela primeira vez e para meu grande espanto, que estes textos, como este em que agora escrevo, vão ser a minha tese. Já me tinha passado isso pela cabeça, como hipótese, mas era uma hipótese assustadora. Despedimo-nos com entusiasmo. Foi uma boa reunião.

Sobre a mesa onde conversámos escrevi, a caneta Bic sobre um lindo caderno que era da minha mãe, assim:

“Enquanto escrevo estas palavras. Reparo que tudo se une. A escrita. A folha. O assunto da escrita. Os livros em cima da mesa. O texto que tenho ao lado.”

Escrevi pouco mais que isto porque um súbito impulso fez-me levantar para ir á oficina de fotografia onde pedi ao P.K., que é o fotógrafo da escola, para me fotografar enquanto escrevia. Foi no meio destas ligações todas. Dos escritos planos que vão parar a desenhos que se comportam como mesas. Mesas que são mapas como se fossem pensamentos. Que abrem portas a outros pensamentos com a cadência da mão e do fluxo azul da escrita rápida porque estava a ser fotografado, fotografia que vai para a tese, fotografia do momento da escrita em que escrevo a tese que junta tudo isso. Mais uma vez o movimento circular.

Ofereci ao Pedro um pequeno desenho. Uma monotipia feita para inserir num dos painéis, onde desenhei a silhueta de uma praia e na parte de traz ficou um jogo de linhas que lembra um carácter oriental. Guardou-o na oficina de fotografia onde depois passou as fotografias para a pen. Lá estava o meu colega, que foi professor de Filosofia, falei-lhe da escrita da tese. Que agora tenho de escrever mas que estava convencido que a escrita seria para a próxima vida. Ele disse-me: - Pois, mas outra vida já chegou.

Ofereci a prenda ao meu irmão. Que entrou na minha sala com os amigos.

Preparei as coisas para a apresentação que tenho de fazer amanhã e depois fui para a festa de anos do meu irmão que ao contrário das minhas expectativas foi muito divertida.

13 de Maio

Dia da apresentação na escola. Acordei muito cedo para poder gerir bem o meu estado depois da festa de ontem. Preparei a apresentação até às 9h em casa e depois tive até às 11h a retirar com o máximo cuidado os trabalhos da parede. A apresentação correu bem, mas não correspondeu ás minhas expectativas. Aqueles desenhos mereciam um espaço melhor, mais iluminado e limpo do que a sala 27. Mas pronto, a minha proposta para essa cadeira será precisamente arranjar forma de expor esses trabalhos da melhor forma. O P. e a M. gostaram muito destes desenhos e isso animou-me muito.

Trabalhei num desenho que está difícil de resolver até serem horas de jantar. Jantei no fiel amigo com o P. Preveni-o primeiro que a senhora era muito antipática, P. nunca pensou que fosse assim tanto. Serviu-me uma sopa e quando eu disse que não gostava de massas na sopa e ela passou-se. Depois ainda triturou a sopa com as massas e ficou uma espuma branca horrível. Lá me limitei a comer pedaços de pão com chouriço e a beber vinho. Paguei a sopa na mesma.

Fui para casa com o J., recebi uma mensagem motivadora e mesmo muito querida da N., a minha amiga e colega Belga que percebeu a minha inquietação deste dia.

dia 14:

Acordei cedo. Já percebi os benefícios de sair logo de casa, mas também sabia que de manhã tinha maior disponibilidade mental para a escrita. Passei então algumas notas que tinha do dia 12 para o computador enquanto o J. fazia um enorme almoço de favas, grão de bico, nabo e arroz integral. Antes comemos uma sopa de miso muito boa. Com os olhos dentro da taça via os movimentos circulares do miso, é dos movimentos mais bonitos. Em cima o cebolinho, em plataformas iguais ás naves do Malevich, circulavam verdíssimas sobre o caldo da sopa.

Fui a correr para a estação dos autocarros. Afinal tinha chegado a horas. As favas que comi a mais estavam a ser pesadas no estômago. O mais problemático foi ter começado a desenhar e a escrever num banco de trás do autocarro. Fiquei atordoado ao ponto de não saber o que queria ou como estava. Só quando o J. me ligou reparei no meu estado, não dizia nada com sentido. Só melhorei quando percebi que descansar era a coisa mais produtiva a fazer. Quando cheguei a 7 rios

13 - Almodóvar, P., Almodóvar, A., Rejas, M., Gómez, A., Salcedo, J., Iglesias, A., ... & Cruz, P. (2001). Todo sobre mi madre. Pathé.

estava melhor. Fui a ler as *Odes de Píndaro*<sup>14</sup> no metro. O comboio estava atrasado meia hora e era um para-em-todas por isso deu para ler 3 Odes pelo caminho. Um casal de Holandeses, não sei bem porquê, pediu-me para fotografar o livro. Quando ia a perguntar pela razão da sua curiosidade tive de sair rapidamente porque já estava em Oeiras. Da estação até casa ainda são 2 quilómetros. Em casa foram outros dois só em beijinhos á família toda que comemorava o aniversário do meu irmão. Ele é que não parecia comemorar muito porque não tinha amigos da idade dele. Eram tantas pessoas tão diferentes, de mim e umas das outras, que tive de fazer reabilitação no sofá até ás 3 da manhã. O cansaço psicológico é sempre mais caprichoso que o físico. Fiquei a ver um programa sobre sexo, seguido de um documentário sobre a Rainha Isabel II e por fim a quadratura do círculo quando já não conseguia manter os olhos abertos.

dia 15 de Maio:

Acordei ás 11h. Tomei o pequeno almoço com o meu irmão M. que tem 4 anos. Depois fui para o jardim acabar a tarefa que tinha começado á duas semanas: retirar o escalracho todo do jardim dos meus pais. Peguei na enchada e fiquei o dia todo a cavar, a revolver a terra e a separar raízes e erva. Foi árduo, mas gratificante. Ganhei muitas bolhas nas mãos, a sensação de missão cumprida e muito apetite.

Já com o sol a ficar mais leve fomos, eu, o meu pai e o Mateus, ao *Brico Marché* comprar dezenas de sacas de areia de rio e argila expandida para pôr no jardim. Pelo caminho o meu pai mostrou-me como o meu irmão mais novo tem um bom ouvido: Só quer ouvir Rock e ao passar pelas várias rádios sabe exatamente distinguir o Rock do Pop, Jazz, Clássica. Fiquei mesmo impressionado. Olhava para o lugar de traz e via o meu irmão completamente em êxtase a fingir que tinha uma bateria.

Depois li um pouco até serem horas de ir com o S. para as Caldas da Rainha.

Dia 16 de Maio.

Contínuo com alergia. Ainda não percebi o que me leva a ficar assim. Saí, por isso, rápido da cama e fui escrever os dias até serem horas de almoçar. Comi arroz integral com feijão *azuki*, brócolos e nabo. O que sobrou levei para o jantar num tupperware para a escola. No caminho comprei uma lata de atum e pastilhas picantes. Fiquei a tarde toda a trabalhar. A meio entrou R. com quem tive uma conversa muito estimulante. Ele falou-me do Cézane, porque está a gostar muito de ler um livro chamado "Conversations with Cezane"<sup>15</sup>. Apontei uma frase, que ele me leu, num papel:

"Genius is the ability to renew one's emotions by daily contact with nature".

O que mais posso, neste momento em que escrevo, desejar do que dedicar-me a desenhar essas formas essenciais dos objectos que constituem a paisagem do meu quotidiano. Com linhas firmes e sinuosas perseguir o mistério das coisas, restituir-lhes a sua força própria. Nem sei explicar bem porque me move tanto esta vontade e essa frase de Cézanne. Creio que a chave está na interpretação da palavra natureza. Não é natureza no sentido científico, ainda que também o possa ser, é sobretudo natureza como verdade escondida à espera que o espanto nos faça ir ao seu encontro. Resumidamente é escutar com toda a disponibilidade o que nos rodeia e trabalhar com isso dedicadamente.

Tirei fotografias a uns trabalhos para pôr no portfólio e escrevi uma carta de motivação para concorrer a um prémio. O que me motivava mesmo seria trabalhar, sem pensar nisso.

No fim do dia bebi um whisky no atelier de cutelaria do centro de artes. Depois fui cansado para casa. Marcou-me nesse dia de ter lido alguns poemas do Eugénio de Andrade. O Eugénio de Andrade é um excelente exemplo do que estava a tentar perceber em cima sobre o contacto com a natureza.

Depois de jantar voltei para o meu espaço para pintar. Mais tarde fui para casa e pelo caminho parei na farmácia de serviço e comprei comprimidos para as alergias. Neste momento já estão a fazer efeito. Preciso de voltar ao trabalho, com grande concentração, que neste dia já senti a resistência de ter ido de fim-de-semana a Oeiras, valeu a pena por isso depois de jantar ter voltado aos desenhos. Tenho também de fazer o tal portfólio. Esta semana faço anos. Uma boa razão para não vacilar.

dia 17 de Maio:

---

14 - Pereira, M. H. D. R. (2003). Sete odes de Píndaro. Porto: Porto.

15 Cézanne, P., & Doran, P. M. (2001). Conversations with Cézanne. Univ of California Press.

Foi um dia difícil. A marca de que esta semana é de grandes desafios. Depois de ter acabado o dia consegui anotar coisas importantes para que não caia em ilusões durante o processo:

- Desconfiar dos desenhos em que não passei horas realmente atento às suas possibilidades.

-Preparar as condições no espaço (ter folhas grandes preparadas e também muitas pequenas) para que não hajam atritos inconscientes.

dia 18 de Maio -

Cheguei á sala e comecei a trabalhar. Não foi preciso muito para perceber que todos os bloqueios dos dias anteriores se estavam a transformar no seu contrário. Trabalhava com alegria e vontade. O que possibilitava ver tudo com mais clareza. Enquanto trabalhava escrevi algumas notas de pensamentos que ia tendo durante o trabalho e um outro que tive no caminho para o atelier. O no caminho era assim:

“Existe um lugar que me aparece em bons momentos. Um lugar de um futuro possível que me embala o Presente. Que tece outro Presente invisível - constantemente alimentado de detalhes que o tornam ainda mais envolvente. Um lugar em que os espaços se prestam a que me demore no trabalho mais etéreo e no deleite mais profundo.

Um sentimento que penso ser paralelo a um momento em Santiago de Compostela. Quando era pequeno e chovia e estava de férias. Mas tudo á minha volta era de uma alegria serena como se a atmosfera me quisesse confidenciar um segredo. Uma melancolia que se transformou em prazer. Encontrar o abrigo mais íntimo no desabrigo infinito do mundo.”

Quando escrevi isto estava muito animado. Agora não estou tanto. Creio que devo deixar a escrita para a manhã (que vale mais a pena). Também sei que estas linhas não têm grande valor literário. Não vou deixar de as escrever, ainda que não estejam trabalhadas são meros registos de pensamentos confusos que tenho na viagem para a escola.

Da parte da tarde vi uma exposição de fotografia no Museu Malhoa. Depois fui trabalhar e agora vou dormir.

dia 19 de Maio,

Acordei deprimido. Comecei a receber chamadas que só pararam à noite quando fiquei sem bateria. Saí de casa para almoçar num restaurante Angolano com um grupo de amigos. Comi uma muamba divinal com J., R., M., e S. Foi um almoço de anos muito bom, porque depois de dias de céu nublado, veio o sol radiante. A cerveja, a apanhar sol, sabe melhor. A companhia também era boa. Fui para a escola medir trabalhos e fotografá-los. Trabalhei um pouco até serem horas de ir para o autocarro. O meu irmão, S., veio também. Quando chegámos estavam os meus amigos à nossa espera no carro. Eles não conheciam o meu irmão e gostaram logo muito dele. Demos uma volta demorada ao jardim, como se fosse um ritual. Aquele jardim é tremendo, uma obra de arte. Dentro de casa eles iam conversando enquanto eu via um livro novo que eles compraram sobre jardins na pintura. Fomos jantar ao Mãe de Água no Bombarral. Foi uma excelente prenda de anos. Depois, já em casa, bebemos champanhe acompanhado de torta de laranja. Ficámos a falar lá fora até serem horas de apanhar o autocarro das 1h e meia.

dia 20 de Maio,

Dia de aulas com demasiado calor. Escrevi a sinopse para o concurso. Fique toda a tarde a fazer um portefólio. Comprei alheiras na praça. Assei as alheiras e acompanhei-as de massa e courgettes. Depois de almoçar li um livro belíssimo chamado “Estudos do labirinto<sup>16</sup>” de Károly Kerényi. Fez-me adormecer no sofá a imaginar viagens a Creta para procurar os labirintos. Acordei atormentado. Depois de enviar os documentos lá para o concurso, bebi um café duplo e fiquei muito bem. Fui beber uma cerveja e comprei bifanas.

Trabalhei na sala até agora, quando um amigo me trouxe de carro. Ouvimos uma música eletrónica que estava a dar na rádio, era uma música que lembrava a interseção de serras elétricas no vazio. Era uma música muito intensa que me fez

---

16 - Kerényi, Károly. Estudos do Labirinto. Lisboa : Assírio Alvim, 2007

imaginar o seu equivalente em pintura. O livro dos labirintos está a ser certo. As imagens juntam-se a exigir que vá para o atelier.

Amanhã vou ver 3 exposições. Espero deitar-me mais cedo para ler.

dia 21 de Maio

Ao meio dia apanhei o autocarro com o J. para o Bombarral. Mal chegamos a casa do JMFJ e do JMMM comecei a cozinhar uma massa carbonara vegetariana com salsichas de soja e couve fractal, que era o que havia. Depois passeámos pelo bosque onde bebemos café.

Li um pouco do “Estudos do labirinto” onde, a meio do livro, ele distingue o conceito de Problema e de Mistério de uma forma esclarecedora:

“Este (o problema) deve ser resolvido; uma vez que isso aconteça desaparece. Aquele, pelo contrário, deve ser experimentado, venerado, integrado na própria vida. Um mistério que seja desvendado mediante explicação, nunca foi tal. O mistério autentico resiste à explicação; e não porque se furte à prova, por meios de qualquer truque de dupla verdade, mas sim porque, pela sua natureza, não pode ser desvendado racionalmente”

Este livro está a ser muito sugestivo pelas imagens que evoca da mitologia Grega. Em particular das do trio: Ariadne, Minotauro, Teseu. Que sempre, sem saber porquê, me atraíram.

Às 3h partimos de carro até à galeria 111. Gostei muito de ver os Palolos que apareciam junto com artistas ainda vivos. Identifico-me muito com ele e como Joaquim Bravo. Eles têm, junto com o Álvaro Lapa, uma força muito própria, capaz de descobrir lugares muito intensos entre a figuração e a abstração.

Depois fomos à festa de comemoração dos 10 anos da galeria Graça Brandão. O galerista escreveu um texto muito engraçado sobre os 10 anos da galeria em Lisboa. Mas as obras que estavam lá não me surpreenderam muito.

Às 19h chegámos à Carmona e Costa para vermos a exposição do Pedro Calapez. Gostei particularmente de falar com algumas pessoas que não via há algum tempo. A maior parte das obras também não me impressionaram particularmente. Faltam-lhe os sinais nervosos que encontrei no Palolo. Contudo também haviam pinturas de que gostei.

Depois foi festa até depois da meia noite. Adormeci por uns minutos no comboio para Oeiras.

dia 22 de Maio.

Foi um dia muito bom para não fazer absolutamente nada. Era a minha festa de anos para a família. Estava alegre. Comi desde a hora do almoço até à do jantar com os meus familiares que também bebiam comigo várias variedades de vinhos e digestivos. Cantaram-me os parabéns, também aplaudi. Recebi muito sol. À noite apanhei o autocarro e agora escrevo das Caldas. Amanhã volto ao trabalho.

dia 23

Passei o dia a ler o livro do labirinto. Trabalhei um pouco na sala.

dia 24,

A manhã foi para fazer o almoço e arrumar a casa. Depois de bebido o café fui para a escola. Demorei algum tempo até entrar no desenho. Mas depois das 5h o trabalho correu lindamente. Trabalhei de volta de um dos desenhos desta série dos painéis. Foi um trabalho de grande atenção. Depois de jantar voltei ao desenho e creio que o concluí. Fiquei muito animado com a forma como o apanhei. Ouvi musica, arrumei o espaço e apontei ideias para amanhã. Foi um bom dia de trabalho.

dia 29

Dia de uma grande Odisseia com a F, minha amiga desde a António Arroio, com quem comecei a pintar e desenhar obsessiva e apaixonadamente, que agora está a viver em Berlim como pintora.

De manhã comprei comida para a viagem, um chapéu de chuva e um carregador no Chinês. Pus o telemóvel a carregar no autocarro, mas o carregador não funcionava.

Durante a viagem combinei com a F. encontrarmo-nos num café em Peniche. Mas como ficámos os dois sem bateria ainda demorámos uma hora perdidos um do outro.

Estávamos os dois equipados para um dia que se previa de chuva. Eu com casaco e botas de militar que só no fim do dia se tornaram úteis. Antes disso andei com as botas atadas presas ao fim do chapéu de chuva. Tínhamos muito a dizer um ao outro. Durante mais de um ano pouco falámos. A pintura, Berlim, amigos muito próximos que temos em comum, memórias, sonhos; tínhamos assunto para não nos cansarmos. A garrafa de vinho que trouxe na mochila ajudou. De dia foi uma Odisseia solar. Tomámos bons e grandes banhos enquanto caminhávamos a conversar. A Filipa falou-me da vida dela em Berlim e eu da minha em Caldas.

A certa altura percebemos que a Odisseia ficaria mais tenebrosa. Já não haviam autocarros, tivemos de fazer a viagem até Caldas a pé. O caminho estava quase sem luz. A pouca paisagem que se via era tenebrosa. Nenhum de nós tinha telemóvel. Quase morríamos na estrada que contornava as lagoas cheias de mosquitos e sapos. O medo era o único estimulante depois de um dia inteiro a andar. Desenvolvemos um método para nos safarmos na estrada, sem luz. A Filipa, atrás, avisava quando vinha um carro e eu com o chapéu de chuva media se tínhamos margem ou antes, uma ravina ou charco. Só haviam charcos e ravinas e muitas melgas a comerem-nos vivos durante a noite.

Já quase a chegar as Caldas, faltando uns 5 Km, parou um carro, a princípio extremamente duvidoso, que nos deu uma boleia que soube como uma prenda dos Deuses. Quando saímos do carro abraçámo-nos de contentamento e fomos beber água e cervejas.

dia 30

Recuperei do dia anterior. Estiquei folhas. Sentia o corpo inflamado, mas cheio de energia e espírito de missão.

dia 31

Despedi-me da Filipa. Saí só à meia noite. Foi um bom dia de trabalho.

dia 2 de Junho:

Cheguei da parte da tarde ao atelier. Trabalhei com grande vontade. Certos caminhos mais experimentais surgiram. Decidi-me a persegui-los. Mas com algumas dúvidas. Porque no momento de começar a fazer os novos desenhos existe um momento caótico que depois vai sofrendo oscilações entre ordenação e nova dose de imprevistos. No momento inicial de caos fiquei muito entusiasmado com o resultado e por isso ponderei se estaria ou não a fugir da série de desenhos que quero dar corpo. Ou seja, chego a um momento do caminho em que devo parar para escolher a direção certa em vez de dispersar.

dia 3 de Junho:

Cheguei atrasado às aulas. Depois voltei aos desenhos. Num deles desenhei três orelhas verticais pintadas a partir do seu interior com tinta da china. Pinte estes ouvidos porque me lembrei de um poema de Michel Leiris chamado *Timpano*, que acompanha as margens de um texto do Derrida<sup>17</sup> chamado *timpanizar a Filosofia*.

Parei os desenhos para assistir a uma aula do professor F.P. Esta aula é muito valiosa porque quando saio tenho sempre muita energia para trabalhar. Começámos por ler um texto do Ernst Junger chamado *Tête et piede*<sup>18</sup> para falar sobre as relações de semelhança. Especificamente sobre as relações entre as palavras e o corpo. Mais uma vez, foi um texto que me está a ser útil, por evocar um tipo de compreensão do mundo que tem um paralelo com o meu trabalho no atelier. Depois fui trabalhar, até que um pouco antes da meia noite. Até chegar o P.S. que me mostrou músicas Árabes que ele anda a ouvir. Fomos juntos para a praça onde encontrámos outros amigos. Cheguei a casa cansado e comi chocos grelhados com arroz.

17 Derrida, J. (1991). *Margens da filosofia*. Campinas: Papirus.

18 Jünger, E., de Sousa, M. H., & Sertório, E. (2001). *Drogas, embriaguez e outros temas*.

dia 4 de Junho:

Acordei tarde. Fiz uma sesta depois de almoço. A sesta deixou-me numa dormência muito pacífica o que possibilitou trabalhar com grade calma, atenção e prazer. Jantei fora com o meu irmão e fui para casa.

dia 5 de Junho:

Voltei a acordar tarde. Tomei banho de água fria. Comi rapidamente a papa de aveia. Mas depois não consegui ser estoico o suficiente para sair logo de casa e fiquei no facebook. Acabei por demorar imenso tempo a fazer o almoço e a arrumar a cozinha. A parte boa foi ter visto no Youtube o vídeo do Gilles Deleuze sobre o Desejo<sup>19</sup> que um amigo me recontou dias antes. A ideia de base era a de que não desejamos uma coisa, mas sim a paisagem dessa coisa e nesse sentido o desejo para Deleuze é como ele diz: “construir um agenciamento”, “O Desejo é um construtivismo”. Nos meus trabalhos, junto elementos muito heterogêneos e ponho-os em choque para procurar o realismo próprio do mundo das sensações.

Depois passei pelas Caldas. Fui deixar um balde grande de tinta à escola e voltei de bicicleta a casa do meu irmão. Onde comi um excelente arroz de caril. Até à hora de jantar li o livro do labirinto que está a ser uma leitura incrível.

dia 7:

Tenho agora um desenho grande em mãos que evoca os jogos Olímpicos de Píndaro. Este desenho está a provocar-me um grande entusiasmo. Como estava muito calor e preciso de estar mesmo concentrado para fazer este desenho, que quase já está acabado, decidi parar no sofá a ler um pouco. Peguei no primeiro livro que tinha na pilha de livros que tenho amontoados sobre o meu armário de tijolos. Chama-se *Twilight memories, Marking Time in a culture of Amnesia*<sup>20</sup>. Foi o P. que me emprestou no meio de muitos outros livros com títulos cada vez mais estranhos. Comecei a interessar-me pelo livro. Descansei e senti um conforto mental como um refreamento do cérebro. Mal lia a introdução reparei que se acendiam luzes no que lia para perceber o meu trabalho recente. Se a palavra teoria significa fazer ver, creio que estes momentos de leitura, quando acertados, ajudam a olhar melhor para aquilo que se está a fazer. Paso a citar:

“The mode of memory is recherche rather than recuperation. The temporal status of any act of memory is always the present and not , as some naive epistemology might have it, the past itself, even though all memory in some ineradicable sense is dependent on some past event or experience.”

Isto faz todo o sentido quando penso nos meus desenhos. Como relatei num dia anterior, as memórias, sejam elas vividas por mim ou sejam elas memória histórica ou poética com muitas centenas de anos de distância, servem-me não como documentos objetivos mas antes como potência para trabalhar, para empreender um outro tipo de compreensão que desemboca sempre na folha e sempre no presente. É a procura que alimenta o processo e o trabalho.

dia 9 de Junho:

Fiquei o dia todo de volta do tal desenho sobre as Odes de Píndaro. Trabalhei nele o dia inteiro. Saí à noite para ver uma exposição de pintura. Antes bebi um Porto com amigos no café Rosa. Quando voltei da exposição tinha uma mensagem muito encorajadora no email em resposta a um meu relato de preocupações e ansiedades. Esse mail ajudou-me a ver os problemas com a distância e seriedade certas para me sentir muito menos angustiado.

dia 10 de Junho:

Foi um dia muito agradável no atelier porque estava sozinho. Dediquei o dia a uma enorme arrumação. Daquelas arrumações épicas que são quase uma performance secreta. Arrumar tem sido um verbo que cada vez mais se tem mostrado

19 Deleuze, G. ( 1989 ). O abecedário de Gilles Deleuze. Brasília: TV Escola. (Vídeo).

20 Huyssen, A. (2012). *Twilight memories: Marking time in a culture of amnesia*. Routledge.

meu aliado. Particularmente aliado perfeito do caos que tendo a produzir. Mesmo quando pretendo arrumar. Acabei de vez o desenho do Píndaro. Dei uma nova arquitetura ao atelier, mudando as mesas em função dos desenhos em que agora estou concentrado. Reconciliei os desenhos do passado com coisas que agora me interessam. Enquanto andava neste processo que envolve uma grande quantidade de energia, memória e atenção surgiam-me coisas que apontei num papel.

Por exemplo estou a arrumar uma pilha de desenhos, a deitar uns para o lixo, a salvar outros e no meio disto encontro um caderno grande de cartão nacional que os meus pais me deram há 5 anos. Este encontro faz com que a atenção na arrumação se volte para o objeto do caderno. Porque não começar a trabalhar em grandes cadernos? (A série nova de desenhos que ando a fazer foi muito positiva para os meus trabalhos porque possibilitou uma boa estruturação do caos num corpo, fechado, mas cheio de poros e aberturas. O caderno poderia cumprir a mesma função). Talvez o caderno seja o outro organizador que faltava, seria o organizador das pinturas. Quando vivia com os meus pais lembro-me da minha mãe se zangar muitas vezes comigo por estar sempre a escrever em pequenos papelinhos que se iam acumulando e perdendo pela casa. Dizia que devia arranjar um caderno, mas como ela não conseguia ser muito convincente nos seus argumentos não dava muito crédito. Talvez agora seja uma boa altura para lhe dar razão.

No meio destas memórias e com uma temperatura absurda dentro da sala apontei num papel:

“Gostaria de um dia fazer um mestrado só sobre o caderno. Aprofundar a potência do caderno como espaço da escrita, dos desenhos, dos diagramas, de ideias, das pinturas. Perceber a sua importância e pesquisar como outros artistas passaram por essa experiência. Ter vários cadernos no atelier como meio de trabalho. Fora do atelier passaria a usar bons cadernos sempre que fizesse algum apontamento. Aprenderia a nunca sobrestimar o momento do registo, qualquer que seja, acompanhando-o de desenhos e explorando o seu potencial. Desta forma teria todos os meus registos bem guardados e sobretudo registados com o máximo de dignidade, responsabilidade e presença possíveis.”

Reparei neste fenómeno numa aula do professor F. P. onde se falou na importância do erotismo das folhas para Walter Benjamin. Na primeira parte da aula tinha escrito numa folha de linhas banal de um caderno pequeno onde apontei umas ideias rápidas e fiz uns esquemas, mas como a folha era má tinha sempre as riscas azuis a dar-me pouca vontade de desenhar (as folhas com riscas levam-me a executar gestos de que me arrependo mais tarde, como caras e montanhas mas tudo mal organizado por causa das linhas). Na segunda parte da aula fui buscar um caderno grande e de boa textura. Aberto com uma página à direita e outra à esquerda, fez-me valorizar muito mais os assuntos da aula. Todas as linhas e desenhos ficaram bem. Assim, o pensamento e a caligrafia eram mais capazes de dignificar o bom momento que é estar a aprender com um lápis na mão.

Apontei também que seria uma excelente ideia fazer um caderno de folhas fortes para dedicar às experimentações em pintura.

dia 11: Dia de trabalho no atelier. Encontro com a poesia de Juan Luís Panero.

dia 12:

Dia passado no Bombarral. Foi um Domingo muito sereno. Passei pelo bosque, li muito. Acabei o livro dos estudos do labirinto (que incluía cartas a Martin Heidegger e um estudo sobre a Religião na poesia de Holderlin). Fiz uma sesta no sofá intercalada por leituras de muitos e bons catálogos de arte. Um dia dedicado à fruição e ao descanso. Soube-me como um dia de férias.

dia 13:

Ainda no Bombarral. Tomei um grande pequeno almoço de iogurte e cereais. Depois fui continuar a ver livros com imagens de pinturas. Chamou-me a atenção, porque se prende diretamente com assuntos que ocorrem presentemente nos meus desenhos, a imagem de algumas pinturas mais abstratas de Batarda e de António Areal.

De Batarda, as que têm menos figuração. Sobretudo as aguarelas em que as figuras da banda desenhada saíram e por isso à uma atenção maior aos elementos abstratos.

De Areal, as que parecem nascer do fundo da folha e que por isso não fazem tanto uso da perspetiva. Agora enquanto procuro imagens de trabalhos dele na Internet não encontro nada que goste. O que me chamou à atenção, ainda que

não morra de amores pelo Areal, foi a planura da folha com lugar de inscrição e a forma singular como as tensões e desdobramentos de planos ocorrem na superfície. Mais uma vez isto relaciona-se com um tipo de construtivismo. Tudo isto se misturava na minha cabeça. Não me interessa a obra toda de Batarda ou de Areal. Mas apenas alguns momentos em que através de um mínimo de formas e de cores se convoca uma sensação profunda e verdadeira. Profunda mesmo através da sua planura. Verdadeira no sentido em que precisou do mínimo da técnica para evocar o indizível. Penso, enquanto digo isto, numa pintura de Álvaro Lapa, que tive muito tempo a olhar, intitulada caderno de Malarmé. Guardei os livros na prateleira e fui ajudar a por a mesa. O almoço foi divinal. Sardinhas em lata, pão de centeio, vinho de trás-os-montes, queijo de cabra e pepino. Relembrei-me de que as melhores refeições são muito exigentes na sua simplicidade.

Depois na viagem para as Caldas li a primeira carta do livro “Cartas a um jovem poeta” de Rilke<sup>21</sup>. Isto teve um impacto tremendo no meu estado. Fiquei com a calma ideal para trabalhar. Foi o que fiz até à hora de jantar. Embalado pelas palavras religiosas de Rilke trabalhei com a concentração certa nos desenhos que tenho agora esticados nas paredes do meu atelier.

À noite o João foi ver os meus trabalhos e gostou muito de alguns. Expliquei-lhe como os fazia. Que uns precisavam de serem construídos e desconstruídos continuamente, enquanto que outros apareciam de uma forma mais rápida. Os que demoram mais tempo têm sido os melhores. Os que constituem um corpo mais autónomo, com regras e imposições próprias a que eu só tenho de estar atento, à escuta.

Dia 15:

*Ao observar a maneira como um pintor ao meu serviço faz, em minha casa, a sua obra, veio-me o desejo de o imitar. Escolhe ele o local mais belo no meio de cada parede para aí pôr um quadro, em que emprega todas as forças do seu talento, e o espaço vazio em redor, enche-o de grotescos, pinturas fantásticas cuja graça reside na variedade e na estranheza. Que são, na verdade, estes meus escritos senão grotescos e corpos monstruosos, compostos de diversos fragmentos, sem configuração determinada, nem ordem, sequência ou proporção, a não ser fortuitas?*

*Desint in piscem mulier formosa superne*

[«Termina em peixe uma mulher formosa na parte superior»

- Horácio, Ars Poética, 4]<sup>22</sup>

Dia maculado por uma intensa ansiedade. No fim do dia já tinha percorrido os corredores todos da escola que me apareciam os mesmos de quando estou assim. A paisagem claustrofóbica desses dias sem serenidade ganha uma memória própria a que acedo involuntariamente em momentos como este. Estranhamente são pessoas ansiosas que aparecem em conversas também. No fim do dia, já sozinho na sala, comecei a trabalhar com grande paz.

Reparo que os limites do desenho começam a surgir como problema. Os primeiros desenhos desta série foram cortados nas margens porque ainda não tinha dado a atenção necessária á sua importância. As grandes tábuas que tenho pela sala, onde coloco as folhas de papel esticadas e coladas ao centro, são envolvidas de folhas com desenhos, escritos, esquemas, esboços. Tal e qual, sem que eu tenha dado conta, como o desenho do centro, mas sem as decisões criteriosas da composição deste. Assim sendo, todo o espaço da tábua que está para lá dos limites do desenho, é um lugar, que pela velocidade e á vontade com que é ocupado, está cheio de registos não intencionais e mais espontâneos até que o próprio desenho. Agora que penso as pinturas que tenho com base em pinceladas rápidas nasceram da limpeza dos pinceis nas tábuas de madeira á volta dos desenhos.

Acabei o desenho das constelações e ilhas inserindo umas bilhas de gás. Imagem que me recorda a casa dos meus avós paternos. Ainda não sei o que é a botija de gás. Ela apareceu em carvão sobre um fundo pintado com tintas de parede. A sua composição com os elementos do fundo, a forma como ela sendo inscrita na folha parece também uma sobreposição, dá-me vontade de perseguir esse aspeto numa outra série dentro desta série. A botija, particularmente esta forma linear de captar a sua presença, é algo que promete não se esgotar facilmente. Que pode ainda conter muita energia. Energia essa que penso não ser uma ramificação excessiva no seguimento desta série, mas antes um alimento precioso para o seu devir. Entretanto chegou o R.. Falámos sobre o que tinha feito neste dia e depois fomos beber vinho para um café da praça (chama-se *os artistas* e está cheio de homens a ver televisão). Durante a conversa com R. ele falou sobre

21 Rilke, R. M. (2014). Cartas a um jovem poeta (Vol. 5). Atlântico Press.

22 Montaigne, M.E.S. (2016). Ensaaios - Antologia. Relógio D'Água Editores

a criação de uma Religião de cada um. Uma religião pessoal, capaz de fazer justiça á verdadeira espiritualidade. Onde (ao contrário da maior parte dos fiéis, que frequentando a Igreja não se cumprem a si próprios) esta Religião seria uma forma de estarmos 100% em sincronia com a nossa própria potência. Conteí ao Ruben que me identificava com isso que ele evocava. Que a minha relação com a Religião é complicada. Porque me referia sempre a outra Religião, não panteísta, uma Religião de outros e que por isso tinha uma relação de analista ou de irónico. Que agora, querendo dar o melhor de mim próprio, devo acabar com essa distância e ver a Religião como a Espiritualidade, em todo o lado, mesmo no seu lado materialista, a Religião não como algo de transcendental e distante mas antes como o que somos e o que nos rodeia. Deste ponto de vista, deixa de ser uma ética que nós somos obrigados a adotar e passa a ser uma ética que nós adotamos voluntariamente para maximizarmos as nossas verdadeiras vontades e qualidades. Neste sentido religião seria, como a etimologia indica, uma forma de nos religarmos. Não com uma entidade a cima de nós mas com o que nos rodeia, com o melhor de nós mesmos e com o melhor dos outros. Conteí-lhe que encontrava isso que ele falava enquanto lia as belíssimas *Cartas a um Jovem Poeta* de Rilke<sup>23</sup>. Sempre que leio uma carta ganho o dia, as minhas inquietações desaparecem e as ambições reafirmam-se. Tenho lido uma por dia e são a companhia ideal para estes dias de volta dos desenhos.

dia 16 de Junho:

Reunião com a Marta. Conversa importante para pensarmos a estruturação e próximos passos do diário e da tese.

dia 17 de Junho:

Dia inteiro a passear e a esticar folhas. A decidir o tamanho, a cortar, a deixar em água 20 minutos, colocar na parede, aplicar a fita-cola de água, agrafar e esperar que seque.

dia 18 de Junho:

Neste dia, Sábado, acordei muito cedo para ir trabalhar para o atelier. Saí rápido de casa e cheio de vontade de pintar. Quando cheguei avisaram-me que estaríamos dentro de uma hora impedidos de estar nos ateliers por causa de um festival de teatro. Fiquei zangado porque isso alterava completamente os meus planos. Nestes casos fico pouco racional. O segurança da portaria veio avisar-nos que tínhamos de sair. Ainda demorei algum tempo porque tinha que retirar as folhas que ficaram mal esticadas. Tentei concentrar o mínimo de racionalidade que ainda tinha e meti guaches e pincéis na mochila. Saí com o L. para um café no parque. Enquanto falava com o segurança, (que repetia: estou só a cumprir ordens) liguei ao diretor para ver se ele resolvia a situação. Mas ele não atendia.

Estava um dia tão bonito e eu tinha tanto que ir trabalhar. Fui para o atelier do João, depois fui à papelaria comprar um caderno para desenhar em casa.

Cheguei a casa cheio de calor e com fome. Ainda estava enervado com a situação do atelier por isso precisei de descansar e comer. Comi um bocado de bacalhau com broa que sobrou do jantar de ontem e bebi um café. Depois, apercebi-me que só conseguiria trabalhar bem no atelier, e aproveitei para trabalhar um pouco na tese. Poucos minutos antes a M. tinha-me mandado um email a dar sugestões para a estruturação dos mails e aproveitei essa motivação para ficar no computador a dar início a esses trabalhos. Começou por ser uma tarefa muito penosa porque não gostava tanto dos primeiros dias como vim a gostar dos últimos e isso fez com que ficasse preocupado com o rumo deste trabalho escrito. Entretanto a partir de Maio, quando comecei a gostar mais dos que escrevia, comecei a inserir notas e a corrigir erros e o trabalho passou a ser mais interessante. Fiquei entretido a fazer estas coisas até às 9h da noite quando chegou um grande amigo que estuda Física em Lisboa. Bebemos muito vinho e ouvimos as teorias da física quântica que correm sempre bem com um público de artistas plásticos.

dia 19 de Junho:

Acordei com uma chamada a dar-me licença para trabalhar na escola ao domingo. Graças a isso a saída atribulada da cama foi mais que justificada. Vesti-me e comi muito rápido. Estava contente por ir trabalhar com a escola deserta. De manhã voltei a esticar as folhas que ficaram mal e arrumei o atelier. Chegada a hora do almoço tive boleia de um amigo

---

23 Rilke, R. M. (2014). *Cartas a um jovem poeta* (Vol. 5). Atlântico Press.

e fui com ele ao Restaurante Angolano. Comemos feijão com óleo de palma, farinha e banana. Voltei depois á escola onde dediquei o dia a olhar para os trabalhos, a organizá-los e a escrever sobre eles.

“Neste momento tenho 28 desenhos no chão do corredor grande. Desenhos com cerca de 70 x 100 cada. Uns pouco mais outros pouco menos. Estou completamente sozinho e tenho tempo para me focar em decisões que tenho de fazer. Decisões essas que precisam de muita reflexão e a escrita vai ajudar nisso. Do lado direito está uma grande tira de papel de cenário, que desenrolei diretamente do rolo. Em cima estão pousados os desenhos da série do labirinto que fiz até agora. Mal os coloquei, uns ao lado dos outros, por ordem cronológica, senti-me, pela primeira vez em muito tempo, contente com o resultado. São, neste momento, os desenhos que melhor justificam o trabalho que tenho tido. Depois de os observar demoradamente apontei algumas notas de decisões que tenho que tomar para o melhor devir desta série. São indicações de aspetos nos desenhos que possibilitam desvios possíveis no processo, que podem ou não trazer mais valias para a sua continuação. Cada uma dessas alíneas refere-se a características nos desenhos que apontam para uma exploração específica. Especificidades que já estão atualizadas nos desenhos mas que seria produtivo aprofundá-las.

#### **Nota:**

- a) *Experimentar aumentar a escala dos desenhos progressivamente, sobretudo a largura; começar a usar Fabriano em vez do papel da gráfica; experimentar fazer um horizontal em vez de vertical)*

- b) *Estar atento aos conteúdos*

*(esta série agrada-me muito pela sua capacidade de evocar tanto técnicas como sensações diferentes. Ainda que a maioria destes desenhos assumam a sua aura própria durante ou no fim do processo, a predisposição para ter algo em mente é eficaz) No momento da escrita enumerei algumas palavras que mais tarde poderão acender luzes importantes (umas remetem para assuntos já evocados, que podem ser ainda mais experimentados, outras são tentativas sem censura de chegar a um lugar íntimo) :*

*Escadarias, Minotauro, impressora-desejante, esfinge, Dreyer, Cristo, lagoa, mancha, catacumbas, corredores com vapor, ruínas, fogos, Bach, cama, mesa, catedral, águia, velas, acelerador de partículas, mala de viagem, os tubos que aparecem no Wings of desire, caça, grutas, snooker, Gim, Holderlin, Juan Luis Panero, listas de coisas, campo de futebol, caixa de fósforos, plantas, água destilada, dispensa segundo Bechelard e Kiefer, as pedras do chão, cacifo, fato de banho, palmeira bizantina, castelos, a linha e os reflexos das ondas do mar na costa, buraco ou abismo, touro, asfalto, toalha, casa, rochas, flora das dunas, morsas, tigre, farol, hematoma.*

- c) *Estar atento aos acontecimentos que justificam criar uma série dentro da série. Sobretudo que possibilitem uma série paralela bem orientada em relações de diferença e repetição:*

*c.1- Blocos e plataformas em tensão:*

*c.1.1.- experimentar sobreposições através de velaturas e opacidades. Jogar com cor e textura.*

*c.1.2.- “ dobrar mesmo nas folhas e depois colá-las.*

*c.1.3.- Arranjar uma superfície rígida que faça de matriz para orientar a lógica dos desdobramentos no desenho.*

*c.2- Desenho linear a carvão (devir do pormenor das bilhas de gás):*

*Continuação da relação do poder simbólico com o plástico, linha e fundo. A sobreposição de silhuetas desenhadas.*

*c.3- Experimentais Económicos-*

*Procura de perseguir uma sensação como o mínimo de ações. Estes resultam muitas vezes da decisão de deixar só os primeiros gestos dos desenhos do labirinto por achá-los suficientes. São boas formas de perseguir a economia mais imediata e transparente nos desenhos*

Depois de ter feito estas notas sobre uma possível série que aconteça ao mesmo tempo que a do labirinto, voltei-me para os desenhos da esquerda, que também distribui pelo chão do corredor. A lista de notas é tão grande que não quis colocar aqui. Acabei por não decidir nada. Na altura devida pode ser que tome uma decisão mais sensível que racional.

dia 30 de Junho:

Saí de casa depois de almoço. Fui para a escola devagar. Estava mal porque a minha gripe deve ter ficado mal curada e por isso fiquei com uma grande dor no ouvido esquerdo. O porteiro da escola também se queixou de dores de ouvido. Disse que era um problema no labirinto, segunda coincidência. Agora mesmo fui pesquisar e arrepiei-me por ter feito um desenho tão semelhante com o formato deste órgão do ouvido interno.

Durante a tarde tentei ter calma porque me sentia abatido com as dores e com o muito trabalho que tinha de fazer. Sabia que se fosse muito cauteloso podia trabalhar com a consciência certa. Comecei por fazer uma lista onde me propunha a enumerar calmamente as minhas tarefas no atelier. Acabei por interromper essa tarefa com a necessidade de trabalhar. Pus mãos à obra e nada fluía, acabei até por estragar desenhos antigos. Desesperei um pouco porque estava muito sol. Como estava a beber um pouco de vinho culpei o álcool.

No fim, já depois de encarar a desgraça, decidi-me a limpar os pincéis para ir para casa. Nesse espaço de tempo decidi fazer colagens sobre a pintura que estava a fazer e resolvi muitas coisas. Percebi que por vezes a colagem tem uma função mais importante do que pensava. A colagem foi o método com que comecei a fazer esta série e achar que ela é substituível por desenho à mão levantada é uma ingenuidade que não só retira o lado emanante destes desenhos como lhe tira as dinâmicas do seu processo de construção.

Acabei por fazer colagens em todas as folhas que tinha à minha volta e consegui o excelente golpe de tornar um dia mau num dia bom.

Dia 31:

Acordei cedo e saí rápido de casa. Fui de bicicleta e a meio caminho ligou-me A, que é orientanda de M.. Estavam a ter uma reunião informal no átrio da escola a que me juntei. Depois fui devolver uns livros á biblioteca.

No atelier trabalhei com o sossego próprio destes dias em que não há ninguém na sala. Continuei a pintura grande que comecei ontem. Não cheguei a contar, mas vale a pena. Começou com uma forma já desenhada anteriormente. A silhueta de um homem, que surgiu por acaso quando testava nesta folha uma forma para usar na do lado. A partir da sugestão do corpo fiz com linhas de lápis de carvão uma arquitetura que me lembrava um terraço, uma vez que a figura fez-me pensar no momento em que Pilatos fala aos Judeus. Depois fui pondo cor para começar um fundo. Surgiram mais elementos feitos com lápis de carvão. O fundo e as figuras iam-se construindo e destruindo mutuamente. Fui colando alguns papeis que tinha numa pasta guardados para isto e depois procurei unir com blocos de cor as zonas coladas com o resto da pintura, usando também o lápis de carvão para criar e acentuar relações subtis entre linhas e planos. Uma das colagens era uma forma abstrata feita em monotonia e a outra um desenho antigo de uma cidade vista de cima. O Pilatos depois ficou uma figura Egípcia, um homem sepultado, e por fim uma figura ambígua que tanto poderá estar num chuveiro como num buraco. As transformações que a pintura sofria estavam a torna-la mais plana e as cores do fundo que se aguentaram junto com umas colunas brancas deram-lhe uma atmosfera particular. Essa atmosfera agrada-me por que tem um tipo de qualidade que quero explorar. Qualidade essa que se relaciona principalmente com a planura da folha (também com a cor branca e textura). Mas a planura traz consigo uma forma de sentir o mundo através do plano da folha que me estimula muito. Encontro isto em algumas pinturas de Matisse, nas pinturas de juventude de Peter Doig, (descobri ontem) em algumas pinturas de R. B. Kitaj ou em baixos relevos Egípcios. Falar a nível técnico é mais seguro e mais acertado. Porque isto surge sempre através de processos técnicos, através do contacto com relações da matéria da textura, cor e linha.

Esta qualidade da matéria evoca um tipo de sensação que vai surgindo no próprio processo de ir trabalhando a matéria e as sensações que essa matéria levanta.

Fiquei o dia todo de volta desse desenho. Na parte da tarde chegaram colegas que fizeram uma grande barulheira. Tiraram-me um pouco a concentração, mas como sabia que devia dedicar a tarde aos trabalhos escritos não levei a mal, podia ser um pretexto para sair. Acabei por suportar a confusão com o facto de já estar a ficar cada vez menos doente. Por ter um desenho a dar-me potência de vida e por saber que elas podiam sair a qualquer momento deixando-me com os meus desenhos, pinturas, música e o resto da garrafa de ontem. O R. ligou-me para ver os meus desenhos e lanchar, por isso decidi ficar um pouco mais.

Quando ele chegou deu-me alguns conselhos preciosos. Um deles fez-me querer corrigir uma pintura que achava ter acabado ontem. O diálogo foi bom. Não tanto pelo que é dito, mas mais pela atenção exigida. Ele disse o que é que

faltava ao desenho e eu não percebi o que ele disse, mas só por me ter obrigado a olhar novamente para o desenho percebi o que lhe faltava. Que era retirar as cores escuras para aumentar o contraste mais sutil do traço.

Depois falou-me da importância de nunca cortar as margens de um desenho esticado. Concordo com ele, as margens são um lugar importante a explorar.

Dia 2 de Julho:

Fui para casa dos meus pais, que me convidaram a ir para Aljezur para umas pequenas férias. Dias antes convidaram-me também para uma residência em Alvito. Surgiram algumas preocupações antes de aceitar ir assim de férias, quando tenho de arranjar um part-time para pagar a casa onde vivo, quando os trabalhos pedem atenção mais do que nunca e depois a tese... Contudo Aljezur merece que eu deixe isso em suspenso. Esqueci-me do portátil e por isso não pude trabalhar na dissertação, mas mesmo que o trouxesse nem sabia por onde começar.

Dia 3 de Julho

Agora começo por lembrar-me deste dia, uma vez que o escrevo mais tarde. Pelo menos aquilo que ficou gravado na memória.

Acordei muito bem-disposto ainda que tenha dormido pouco por causa das melgas. Bebi um grande sumo de laranja natural e um pequeno almoço tão bom quanto calórico. O tempo estava ventoso e nublado, como é habitual nesta parte amaldiçoada do Algarve. Fui como toda a gente para o carro que nos levaria até à praia. tinha na mochila um caderno onde desenhei partes do caminho. Estava meio distraído quando o carro se aproximava do fim da sua curta viagem. Quando passamos a colina bem alta por cima da praia vejo surgir de repente, sem que estivesse preparado, a grande e muito luminosa praia de Monte Clérigo. Foi um extase para os sentidos e algo dentro de mim dizia: - É sempre uma surpresa.

Dia 4 de Julho

Comprei 3 cadernos de pautas no chinês onde comecei um projeto grandioso ainda que fadado ao máximo secretismo que é começar a escrever por aforismos. Ou seja, começar, com o mesmo ímpeto que uma pintura ou desenho, uma série de poesias que se constroem umas às outras e que reinventam o sentido de palavras. Palavras de coisas simples e essenciais que encontro nos caminhos da praia e sobretudo quando mergulho no rio que vai dar à praia das Amoreiras. Fiquei muitos dias obcecado com esse projeto, onde reescrevia incessantemente os mesmos poemas e nesse processo circular as palavras simples ganhavam um sentido cada vez mais aberto e particular.

Preparei numa mochila uma garrafa de água, sandes, pinceis, gouaches e aguarelas. O meu pai deixou-me numa praia deserta onde comecei a escrever e a desenhar.

Estava a pensar agora que a necessidade de desenhar e a de escrever (não propriamente esta escrita do diário porque serve uma função, mas a escrita como projeto poético) é uma maldição. O escaldão; o peso da mochila; as ravinas que tive de subir; o desassossego com o sol ou o calor ou o desenho que não ficou bem. Todo esse trabalho e esforço é tão antagónico aquilo a que chamam férias e ao mesmo tempo nessa contradição encontro-me.

Aqueles que têm a mesma condição, os que descobrem o Trabalho nas Férias, são raros e quando os encontro sinto uma grande irmandade. Desde que me lembro a praia sempre foi um lugar de grandes descobertas, mas sempre solitárias. Os grandes momentos existenciais que a memória me guarda têm como palco a amplidão da praia com o céu azul aberto e o sol forte. Enquanto passeava sozinho nas dunas e pelas rochas que dão acesso a outras praias tinha em cada superfície reservas de inspiração infindáveis ao ponto de ter de as fixar ainda que isso seja sempre outra coisa daquilo que sentimos. Os pés nus sobre um tapete de mexilhões e depois dentro das poças cheias de brilhos anémonas vermelhas. Por vezes sentava-me numa rocha e pintava o que via .

Consegui boleia de volta para casa e depois de jantar improvisei um atelier dentro de casa.

Dia 14 Julho:

Voltei a Caldas da Rainha

Algues em fins de Julho:

Fui para a escola em modo de arrumações. Sabendo que o ano escolar está a terminar e que mais tarde ou mais cedo teria que sair do atelier que montei na escola. Comecei a preparar tudo para as mudanças.

Nisto deparei-me com uma caixa cuja importancia não deveria ocultar aqui.

Durante muito tempo fiz desenhos sem qualquer sentido inicial que não o de responder a uma epifania súbita. Por vezes representava um sonho; um pensamento urgente; estudos para futuras pinturas; ou pura e simplesmente o prazer de desenhar sem pensar em mais nada. Disto nasceram centenas de pequenos desenhos pequenos muito diferentes uns dos outros. Diziam-me que se percebia que eram desenhos meus, ainda que fossem propostas muitos diferentes entre si, mas apesar disso sentia falta de estrutura. Por isso procurei ter uma linha processual mais consistente, o que era uma necessidade genuína porque sentia que faltava uma estrutura que os desse mais corpo. Depois de muitas tentativas falhadas consegui a tal série de desenhos grandes em papel. Muito importante lembrar que essa série surgiu de colagens dos desenhos que retirava da caixa.

A caixa tem grande valor porque é o lugar dos desenhos livres, que têm de frágil o que têm de arriscado, e isso faz com que componham a reserva de nervos, de loucura e espontaneidade a que não me devo esquecer. É isso que significa para mim a caixa. Os desenhos que fiz na viagem para Aljezur foram para a caixa e depois serão cortados, ou colados ou fotografados, não importa, na altura se verá. O que importa é que a caixa é o meu arquivo de registos espontâneos e de pequena escala. Sem eles seria muito mais demorado para não dizer impossível concluir os desenhos grandes que têm a estrutura que falta a estes. A caixa representa no contexto do meu atelier uma forma processual de trabalhar muito livre e sensível, ela é o depósito do caos criativo a partir do qual posso retirar sempre alguma coisa para trabalhar. É como um posso de petróleo, onde falta processar a matéria em bruto, mas sem ela não haveria nada de substancial.

Dia 29 de Julho:

Comecei o desenho da figura 47.

# Bibliografia

- Agamben, G., e Melville, H. - *Bartleby Escrita da Potência* seguido de. *Bartleby, O Escrivão*. Lisboa : Assírio e Alvim, 2008.
- Almodóvar, P., Almodóvar, A., Rejas, M., Gómez, A., Salcedo, J., Iglesias, A., ... e Cruz, P. - *Todo sobre mi madre*. Pathé, 2001. (Filme)
- Bachelard, G. - *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Martins Fontes, 2001.
- Bachelard, G. - *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. Martins Fontes, 1991.
- Benjamin, W., e Sousa, I. D. A., de Miranda Rodrigues, C., & Sontag, S. - *Rua de Sentido Único e Infância em Berlim*, 1992.
- Benjamin, W., & Jay, M. - *Unpacking My Library: A Talk about Book Collecting*. Arion Press, 2010.
- Cézanne, P., & Doran, P. M. - *Conversations with Cézanne*. Univ of California Press, 2001.
- Colli, G. - *Escritos sobre Nietzsche*. Lisboa : Relógio de Água, 2011.
- Deleuze, G., & Guattari, F. - *O Anti-Édipo: Esquizofrenia e Capitalismo*. Lisboa : Assírio & Alvim, 1976.
- Deleuze, G. - *O abecedário de Gilles Deleuze*. Brasília: TV Escola, 1989 (Vídeo).
- Derrida, J. - *Margens da filosofia*. Campinas: Papyrus, 1991
- Foucault, M. - *Outros espaços*. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Ditos e Escritos vol III., 2001
- y Gasset, J. O., Agostinho, M., Canhão, T. S., & Molder, M. F. - *A desumanização da arte*. Coimbra : Almedina, 2003.
- Heidegger, M. - *Carta sobre o Humanismo*, trad. Arnaldo Stein, Lisboa, Guimarães, 1973
- Heidegger, M. - *Caminhos de Floresta*, trad. Irene Borges-Duarte, Filipa Pedroso, Alexandre Franco de Sá, Hélder Lourenço, Bernhard Sylla, Vítor Moura e João Constâncio, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002
- Huyssen, A. - *Twilight memories: Marking time in a culture of amnesia*. Routledge, 2012
- Jabouille, V. - *Do mythos ao mito: uma introdução à problemática da mitologia*. Edições Cosmos,

1993.

- Jameson, F. - *Late Marxism: Adorno, or, The Persistence of the Dialectic*. London, 1990.
- Jünger, E., de Sousa, M. H., & Sertório, E. - *Drogas, embriaguez e outros temas*, Relógio de água : Lisboa, 2001.
- Konstandinos Kavafis. - *Os Poemas*, Tradução de Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratsinis, Lisboa: Relógio d'água 2005
- Kerényi, K. - *Estudos do Labirinto*. Lisboa : Assírio Alvim, 2017.
- Melville, H. - *Bartleby*. Assírio e Alvim, 2005.
- Montaigne, M. D. - *Ensaaios*. Lisboa : Relógio de Água, 1972.
- Nietzsche F. - *Fragments Póstumos* (1887/1888). Giorgio Colli. Lisboa : Relógio de Água, 2011.
- Pereira, M. H. D. R. - *Sete odes de Píndaro*. Quetzal Editores, 2007
- Reed,L e Cale J. - *Work*. Songs for Drela. Nycity : Sigma Sound, 1990 (Música)
- Rilke, R. M. (2014). *Cartas a um jovem poeta*. Antígona, 2016
- Steiner G. - em entrevista in O belo e a consolação (o original em Holandês é “Van De Schoonheid en de Troost”), 2000 (Vídeo)

# Índice de imagens

figura 1 - fotografia da minha mão a escrever o diário. © Pedro Ká, 2016.

Figura 2 - Thomas Ruff, *Stern 17h 36m / -36°*, impressão Ektacolour 1990.

Figura 3 - Thomas Ruff, *Stern 02h 36m / -40°*, impressão Ektacolour 1990.

figura 4 - *Teatro de Efeso*, Turquia. Imagem retirada de [http://http://ancientephesus.com/ephesus/sightseeing](http://ancientephesus.com/ephesus/sightseeing), 2017

figura 5 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem Título*. gouache sobre papel, 2016. 18 x 23 cm

figura 6 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem Título*. gouache sobre papel, 2016. 32 x 30 cm

Figura 7 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem título*. gouache sobre papel, 2016. 18,5 x 23 cm

figura 8 - Mapa mundo, - Mahmud al-Kashgari, *Compêndio das Línguas dos Turcos*, Séc. XI

figura 9 - capa do CD *Hunky Dory* de David Bowie, 1971

Figura 10 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem título*, 2016. 48 x 43 cm. óleo sobre papele

Figura 11 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem título*, 2016. óleo sobre papele. 18 x 23 cm.

Figura 12 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem título*, 23 x 19 cm. Gouache e grafite sobre papel. 2016

Figura 13 - Bartolomeu Gusmão. - *Sem título*, 30 x 20 cm. Gouache sobre tela, 2016

Figura 14 e 15 - *sopa de miso com cebolinho*. 2016

Figura 16 - Bartolomeu Gusmão, *Sem título*, 2016. Tinta acrílica e gesso sobre papel. 96 x 60 cm.

figura 17 e 18 - *fabrica de burel*, Serra da Estrela, 2016.

Figura 19 - Bartolomeu Gusmão, *Sem título*, 2016. Óleo e colagem sobre tela. 63 x 60 cm

figura 20 - Bartolomeu Gusmão, *Sem título*, 2016. Gouache sobre papel. 24,5 x 51 cm

Figura 21 - Bartolomeu Gusmão, *Sem Título*, 2016. Acrílico e tinta de spray sobre papel. 95 x 60 cm

Figura 22 - Kazimir Malevitch. *House under construction*, 1920. Litografia. 42 x 57 cm.

Figura 23- Hanne Darboven. From the Columbus portfolio, 1991. Gravura. 58 x 76 cm

Figura 24 - Bartolomeu Gusmão, *Sem título*, 2016. Acrílico sobre papel. 77 x 60 cm.

Figura 25 - fotografia de um fragmento de um desenho meu, 2016.

Figura 26 - fragmento da pintura, *Lenda de São Francisco*, Giotto di Bondone, 1297. Fresco.

Figura 27- Bartolomeu Gusmão, *Sem Título*, 2016. colagem sobre papel. 88 x 70 cm

figura 28 - Ticiano Vecellio, *Adão e Eva*, 1550. Óleo sobre tela. 240 x 186 cm

Figura 29 - Kurt Schwiters, *Mz 442*, 1953. Colagem de papel colorido e impresso sobre papel. 45.4 x 31.8 cm. encontrado em : <https://www.moma.org/collection/works/35224?locale=en>

Figura 30 - Ticiano, Baco e Ariadne, 1520–1523. Óleo sobre tela, 1,75 m x 1,9 m

Figura 31 - Giovanni Cimabue, *Maestà*, 1280. Tempera sobre madeira

Figura 32 - Bartolomeu Gusmão, *Sem Título*, 2016. Colagem sobre papel. 83 x 60 cm

Figura 33 - fotografia da minha mesa de trabalho, 2016.

Figura 34 - Bartolomeu Gusmão, *Sem título*, 2016. Colagem sobre papel. 85 x 67 cm

Figura 35 - Bartolomeu Gusmão, *Sem Título*, 2016. Gravura. 25 x 35 cm.

Figura 36 - Bartolomeu Gusmão, *Sem Título*, 2016. Óleo e esmalte sobre papel. 31 x 48 cm

Figura 37 - Bartolomeu Gusmão, *Sem Título*, 2016. Óleo sobre papel. 38 x 53 cm

Figura 38 - Bartolomeu Gusmão, *Sem título*, 2016. Tinta de acrílica sobre papel. 49 x 18 cm.

Figura 39 - Fotografia de um choco na grelha, tirada por mim. 2016

Figura 40 - Bartolomeu Gusmão, *Sem título*, 2016. Colagem sobre papel. 88 x 65 cm

Figura 41 - Bartolomeu Gusmão, *Sem título*, 2016. Acrílico e colagem sobre papel. 80 x 63 cm.

Figura 42 - fotografia do meu caderno de apontamentos. 2016

Figura 43 - Caderno de Mallarmé, Alvaro Lapa, 2005. Acrílico sobre tela. 135 x 183 cm

Figura 44 - fotografia tirada por Pedro Ká no meu atelier. 2016

Figura 45 - fotografia tirada por mim na praia de Monte Clérigo. 2016

Figura 46 - Bartolomeu Gusmão, *Sem título*, 2016. gouache sobre papel. 26 x 32 cm

figura 47 - Bartolomeu Gusmão, *Sem título*, 2016. grafite e carvão sobre papel. 92 x 81 cm.

